

Linguagem e atenção:
um estudo com sujeitos cérebro-lesados.

Mara Lúcia Fabrício de Andrade



Universidade Estadual de Campinas
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem

Linguagem e atenção:
um estudo com sujeitos cérebro-lesados.

Mara Lúcia Fabrício de Andrade

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística (IEL-UNICAMP) para obtenção do título de Doutor em Lingüística (Área: Neurolingüística. Linha de pesquisa: Cérebro, mente e linguagem).

Orientadora: Maria Irma Hadler Coudry

Campinas
2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

An24L

Andrade, Mara Lúcia Fabricio.
Linguagem e atenção : um estudo com sujeitos cérebro-lesados /
Mara Lúcia Fabricio de Andrade. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Maria Irma Hadler Coudry.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

1. Neurolingüística. 2. Atenção. 3. Lesão cerebral.. I. Coudry,
Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Language and attention: a study with patients with brain lesions.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Neurolinguistic; Attention; Brain damage.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (orientadora), Prof. Dr. Sírio Possenti, Prof. Dr. Edson Françaço, Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio e Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire. Suplentes: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, Profa. Dra. Monica Filomena Caron e Prof. Dr. Guilherme Borges.

Data da defesa: 11/12/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA



Maria Irma Hadler Coudry



Sírio Possenti



Edson Françaço



Nirvana Ferraz Santos Sampaio



Fernanda Maria Pereira Freire

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Mônica Filomena Caron

Antonio Guilherme Borges Neto

*À minha família, sempre presente.
Ao Alcir, na minha vida recente.*

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos para:

- todas as “meninas da neuro”, sempre trocando idéias;
- os professores e funcionários do Instituto, pelo auxílio quando necessário;
- a Maza, pela amizade e orientação.
- a Rosana e o Sírio, pelas sugestões por ocasião da qualificação;
- o Sírio, o Edson, a Fernanda e a Nirvana, pelas sugestões por ocasião da defesa;
- a Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, pela bolsa parcial.

Agradeço, ainda, a todos que de uma forma ou de outra, desde minha mais tenra formação, abriram caminhos ou contribuíram para a realização deste trabalho.

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1. LINGUAGEM E ATENÇÃO.....	27
1.1. DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	27
1.2. PERSPECTIVA LURIANA.....	29
1.2.1. <i>Pressupostos</i>	29
1.2.2. <i>Organização funcional do cérebro humano</i>	32
1.2.3. <i>Atenção seletiva</i>	34
1.3. NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA (ND).....	40
1.3.1. <i>Concepção de linguagem</i>	42
1.3.2. <i>Noção de sujeito</i>	46
1.3.3. <i>Dado-achado</i>	47
1.3.4. <i>Ganho da análise neurolinguisticamente orientada</i>	50
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA.....	53
2.1. BASE DE DADOS DO BDN SELECIONADA PARA PESQUISA.....	54
2.2. SUJEITOS.....	57
2.2.1. <i>SI</i>	57
2.2.2. <i>EF</i>	58
2.2.3. <i>CF</i>	59
2.2.4. <i>SV</i>	60
2.2.5. <i>JS</i>	60
2.3. DADOS.....	61
CAPÍTULO 3. O TRABALHO COM A LINGUAGEM PELA VIA DA ATENÇÃO.....	63
3.1. SI, EF E SV E A ATIVIDADE (IN)CONSCIENTE: SELETIVIDADE/CONTIGÜIDADE E ATENÇÃO.....	64
3.1.1. <i>SI</i>	64
3.1.2. <i>EF</i>	82
3.1.3. <i>SV</i>	98
3.2. SI E JS E A ATIVIDADE (IN)CONSCIENTE: SISTEMAS DE REFERÊNCIA E ATENÇÃO.....	112
3.2.1. <i>SI</i>	112
3.2.2. <i>JS</i>	116
3.3. CF E A OPÇÃO PELA ESPECULARIDADE: INTERAÇÃO E ATENÇÃO.....	123
CAPÍTULO 4. FOCANDO A ATENÇÃO PELA VIA DA LINGUAGEM. UM CASO DE LESÃO NO BLOCO II.....	151
4.1. JS E SUAS “METABRONCAS”: FUNÇÃO REGULADORA DA FALA E DA ATENÇÃO.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
REFERÊNCIAS.....	185
ANEXO 01.....	189

Lista de figuras e quadros.

<i>Figura 1. Unidades funcionais.....</i>	<i>33</i>
<i>Figura 2. Ficha para apresentação do sujeito (BDN).</i>	<i>56</i>
<i>Figura 3. Traçados do número cinco, feitos por JS na lousa.</i>	<i>171</i>
<i>Quadro 1. Sessões selecionadas, já transcritas.</i>	<i>55</i>
<i>Quadro 2. Sessões selecionadas, atuais.</i>	<i>55</i>
<i>Quadro 3. Sujeitos e respectivos blocos afetados.</i>	<i>61</i>

Lista de dados¹.

[1] Dado 01/SI - <i>ah... ah</i>	64
[2] Dado 02/SI - <i>Eu cuido</i>	70
[3] Dado 03/SI - <i>Cemitério ou tulipa?</i>	73
[4] Dado 01/EF - <i>Brasília</i>	82
[5] Dado 02/EF - <i>Remar?</i>	84
[6] Dado 03/EF - <i>Placenta</i>	87
[7] Dado 01/SV - <i>Na verdade estou tentando...</i>	98
[8] Dado 02/ SV - <i>Iraci.</i>	103
[9] Dado 03/SV - <i>Prandego.</i>	104
[10] Dado 04/SV - <i>Pintura com pincel.</i>	107
[11] Dado 01/ JS - <i>“Três e nove”</i>	116
[12] Dado 02/ JS - <i>Não posso falar, fica feio.</i>	119
[13] Dado 01/CF - <i>e¹saesaw</i>	123
[14] Dado 02/CF - <i>O que você gosta de fazer no seu dia a dia?</i>	125
[15] Dado 03/CF- <i>Natal?</i>	135
[16] Dado 04/CF - <i>Carnaval</i>	136
[17] Dado 05/CF - <i>Corinthians</i>	137
[18] Dado 06/CF - <i>Tic tic</i>	140
[19] Dado 07/CF - <i>Paçoquinha</i>	141
[20] Dado 03/JS – <i>João.</i>	153
[21] Dado 04/JS – <i>Ti, ta, tó.</i>	166
[22] Dado 05/JS – <i>Não é 50 isso aqui seu porcão.</i>	171
[23] Dado 06/JS – <i>Here.</i>	175

¹ Neste trabalho, os números entre colchetes, presentes na frente da indicação do dado, foram usados somente para realizar a indexação automática da legenda no editor de textos.

Resumo

Nosso objetivo principal, neste trabalho, é buscar conhecer quais as inter-relações que podemos estabelecer entre o funcionamento da *linguagem* e da *atenção*, tomando por base indícios presentes na fala de sujeitos cérebro-lesados.

Como fundamentação teórica, tomamos por base uma Neurolingüística discursivamente orientada (abreviada como ND). Na ND o indivíduo é visto em relação ao seu meio, ou seja, social e historicamente, conforme a perspectiva luriana. Também na ND não se considera o indivíduo como “amostra” de uma população, mas sim como um sujeito, com uma história de vida e que vive em sociedade, o que se reflete na metodologia do dado-achado.

A *atenção*, conforme perspectiva luriana, diz respeito ao caráter direcional e à seletividade dos processos mentais, sendo parte de um sistema funcional complexo, no qual *atenção* e *linguagem* se inter-relacionam entre si e com demais processos psíquicos.

Para essa investigação utilizamos transcrições e *découpages* de sessões do Centro de Convivência de Afásicos - Grupo II (CCA-IEL/Unicamp) que compõem o Banco de Dados em Neurolingüística (BDN), vinculado ao Projeto Integrado em Neurolingüística (CNPq 521773/95-4). O estudo foi realizado com cinco sujeitos cérebro-lesados por diversas etiologias. A análise, de natureza qualitativa, é voltada para o levantamento e descrição de diferentes aspectos envolvidos nas inter-relações entre *linguagem* e *atenção*.

Consideramos, conforme teorias lurianas e vigostskianas, que a *atenção* se desenvolve nos períodos iniciais da vida, socialmente e pela via da *linguagem*, mas, tendo em vista a reorganização do processo inicial, a *atenção* do sujeito se reconstrói. A presente tese tem como hipótese que a *atenção*, após a reorganização do processo inicial, estaria fortemente envolvida no trabalho lingüístico, o que, em relação à *linguagem*, resultaria em uma mútua constitutividade: a *linguagem* constitui a *atenção* e esta se volta para a *linguagem*.

No capítulo três, a análise e discussão gira em torno de cada um dos cinco sujeitos e em torno de temas relacionados à seletividade, aos sistemas de referência e à especularidade. A hipótese da mútua constitutividade nos guiou na análise dos dados e a partir dela chegamos a três outras hipóteses mais específicas, uma para cada conjunto de dados. Essas hipóteses evidenciam o trabalho com a *linguagem* pela via da *atenção*, ou seja, a *atenção* se voltando para a *linguagem*.

No capítulo quatro, ainda com base na hipótese da mútua constitutividade, retomamos o caso de JS para analisar determinadas falas em que ele se refere a si mesmo como se fosse outra pessoa. Trabalhando com a hipótese de que essas falas se apresentam como uma “*linguagem interior*”, neste caso, o que estaria em evidência é a *linguagem* constituindo a *atenção*.

As relações entre *linguagem* e *atenção* não podem se limitar, acreditamos nós, às fronteiras do “patológico”. O estudo com sujeitos cérebro-lesados pode conduzir a certas especificidades, mas os vários casos aqui trazidos, apesar de se constituírem de forma singular expressam alguns fenômenos da *linguagem* comuns a todos os sujeitos falantes.

Terminamos este trabalho considerando que o estudo das relações entre *linguagem* e *atenção*, tal como o desenvolvemos permite estabelecer uma correlação entre o lingüístico e o psicológico, e, levantar, entre outros, aspectos que contribuem para desnudar todo um trabalho com a *linguagem*.

ABSTRACT

The main scope of this work is to know which relations can be established between the language and attention, with the basic signals presented in the speaking of those with injured brain.

A basic guided Neurolinguistic (ND) was used as a theoretic fundamentation. In the ND, the person is analyzed in relation to his social and historic life as the Lurian perspective. Also, in the ND the individual is not considered as a sample of the population as the statistics based in experimental tests but as an individual with a life story, reflecting on the methodology of the case.

The attention, as a Lurian perspective, has a direct character and selective of mental process, being part of a complex functional system in which the attention and language are self related and also related to psycho process.

Transcriptions and selections of sections of the Aphasics Acquaintanceship Center – Group II (CCA-IEL/Unicamp) from the Neurolinguistic Data Bank (NDB/Integrated Project of Neuron Linguistic/CNPq 521773/95-4) were used.

As we consider Luria and Vigotski theories that states that the attention starts its development in the first period of life, socially and speaking as well. However, when we consider the reorganization of the attention of the individual, it can be reconstructed.. This work studies the hypothesis that the attention, after the reorganization of the initial process, would be strongly involved in the linguistics task, which would result in a mutual constitutively: the language focus attention and attention turns back to the language.

On chapter three, the analysis and discussion was based in each of the five individuals and on related themes to selectivity, reference system and specularity. The hypothesis of the mutual constitutionality guided us in the data analysis and following this hypothesis we reached three specific hypotheses being each one for each complete data. These hypotheses focus the work with the language through attention specifically linked to the language.

On chapter four which still includes the hypothesis of the mutual constructivist, and we focused the case of JS to analyse some of his speaking, where he refers to himself on the third person and are directed for himself. Working with the hypothesis that theses talking show an “interior language”, in this case we focus the language bringing attention.

The relations between the language and attention cannot be delimited only to the pathologic aspect. The work with injured brain individuals may conduct to some specific cases, but the many cases presented in this study, although been singular cases, we can say that they express some of the language phenomena that may be common to all speaking individuals.

We finish this work considering that the study of the relations between language and attention, as we considered here, permitted us to stablish a relationship between the linguistic and psychological aspects and to focus, among others subjects, the aspects that may contribute to clarify all the work of the language.

Introdução

Iniciamos este trabalho com uma reflexão geral sobre o nosso tema: *linguagem e atenção*. Se, por um lado, definir a *linguagem* é algo extremamente complexo, por outro, definir a *atenção*, também, não é tarefa fácil dada a complexidade do fenômeno. Sobre a *linguagem*, optamos por apresentar somente a concepção adotada neste trabalho, o que fazemos no capítulo 1 (item 1.3.1.). Sobre a *atenção*, optamos por apresentar algumas definições presentes na literatura que, apesar dos diferentes comprometimentos teóricos, de certa forma traduzem a essência do que seria a *atenção*.

Em um moderno livro-texto de neurociências, encontramos a seguinte definição de *atenção*:

“Intuitivamente todo mundo sabe o que é *atenção*. Prestar *atenção* é focalizar a consciência, concentrando os processos mentais em uma única tarefa principal e colocando as demais em segundo plano. É natural intuir que essa ação focalizadora só se torna possível porque conseguimos sensibilizar seletivamente um conjunto de regiões cerebrais que executam a tarefa principal, inibindo as demais. Isso significa que a *atenção* tem dois aspectos principais: (1) a criação de um estado geral de sensibilização, conhecido atualmente como alerta, e (2) a focalização desse estado de sensibilização sobre certos processos mentais e neurobiológicos - a *atenção* propriamente dita” (LENT, 2004, p. 579),

William James (1842-1910), um dos primeiros estudiosos da *atenção* da modernidade, assim definiu a *atenção*:

“Todos sabem o que é a *atenção*. É a ação de tomar posse realizada pelo espírito, de forma clara e vivida, de um entre outros vários objetos ou séries de pensamentos simultaneamente possíveis. Focalização, concentração da consciência são sua essência. Implica o afastamento de algumas coisas para ocupar-se efetivamente de outras, e é uma condição que tem seu contrário real no estado confuso, ofuscado e desregrado, que em francês se chama *distraction* e em alemão *Zerstreuung*”. (JAMES, 1890, p. 375, tradução de FERRAZ, 2005, p. 67)

Atenção, para LURIA (1984, 1991a, p. 1), é um dos processos mentais superiores do homem, assim como é a memória, a percepção, a práxis, etc. Nos termos de LURIA (1984, p. 223), *atenção* diz respeito ao caráter direcional e à seletividade dos processos

mentais, mais precisamente, o autor designa com esse termo “(...) *o fator responsável pela escolha dos elementos essenciais para a atividade mental, ou o processo que mantém uma severa vigilância sobre o curso preciso e organizado da atividade mental*” (LURIA, 1984, p. 223).

LURIA (1991c, p. 1-2), comentando acerca de sua função, também define a atenção da seguinte maneira:

“A seleção da informação necessária, o asseguramento dos programas seletivos de ação e a manutenção de um controle permanente sobre elas são convencionalmente chamados de atenção. O caráter seletivo da atividade consciente, que é função da atenção, manifesta-se igualmente na nossa percepção, nos processos motores e no pensamento. Se não houvesse essa seletividade, a quantidade de informação não selecionada seria tão desorganizada e grande que nenhuma atividade se tornaria possível. Se não houvesse inibição de todas as associações que afloram descontroladamente, seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem. Em todos os tipos de atividade consciente deve ocorrer um processo de seleção dos processos básicos, dominantes, que constituem o objeto da atenção do homem, bem como a existência de um “fundo” formado pelos processos cujo acesso está retido na consciência; em qualquer momento, caso surja a tarefa correspondente, tais processos podem passar ao centro da atenção do homem e tornar-se dominantes” (LURIA, 1991c, p. 1-2; grifo nosso).

O que essas três definições têm em comum, apesar dos diferentes comprometimentos teóricos, é o fato de salientar, na essência, o foco, a restrição, a seletividade que há nos processos que envolvem a atenção.

FERRAZ (2005) ilustra um processo de atenção com o seguinte exemplo:

“Estou diante de um lápis. Tudo o que o rodeia (a mesa, uma borracha, os móveis da sala, as paredes, etc.) encontra-se também em meu campo visual constituindo a margem sobre a qual se destaca o lápis. Posso concentrar-me na borracha ao lado, assim o campo visual muda e o lápis passa a fazer parte da margem” (FERRAZ, 2005)

Atentemos, porém, que o exemplo de FERRAZ (2005) menciona a *atenção* em relação ao sentido da visão. Assim como em relação à visão, a atenção pode ser também vista em relação aos demais sentidos, em relação a toda nossa percepção. O estudo da *atenção*, por esse ponto de vista, é comum na literatura (conforme veremos no capítulo 1, item 1.1.). Mas esse não é o enfoque que adotamos neste trabalho; nosso estudo se desenvolve em relação à linguagem e a partir da proposta teórica de uma neurolingüística discursivamente orientada (COUDRY, 1986; COUDRY, 2002a; COUDRY, 2002b; COUDRY & FREIRE, 2007, entre outros), cuja base é FRANCHI (1976, 1992) e LURIA (1970, 1984, 1991), dentre outros teóricos (conforme veremos no capítulo 1, itens 1.2. e 1.3.).

Como já dissemos, buscamos pesquisar a *atenção* em relação à *linguagem*. O tema *linguagem e atenção* (conforme veremos no Capítulo 1, item **1.1.**) foi encontrado em apenas um artigo da literatura pesquisada, e, ainda não foi tratado de maneira particular pelos estudos pautados pela ND. Neste sentido, considerando a noção de atenção conforme exposta por LURIA (1984, p. 223; 1991c, p. 1-2) - cuja essência também seria o foco, a restrição, a seletividade - buscamos - na linha da ND - suprir esta lacuna e aprofundar os estudos sobre o tema, argumentando e evidenciando possíveis formas de tratá-lo.

Considerando a perspectiva luriana (item **1.2.**), partimos do pressuposto de que as inter-relações entre *linguagem e atenção* acontecem naturalmente (LURIA, 1991a, p. 81-82). Nesse sentido, nosso objetivo principal foi selecionar e apresentar alguns dados obtidos em situações dialógicas (conforme veremos no capítulo 1, no item **1.3.3.**, e, no capítulo 2, nos itens **2.1.** e **2.3.**) por meio dos quais pudéssemos evidenciar e discutir indícios que indicariam tal relação. Os dados que apresentamos são de cinco sujeitos cérebro-lesados (conforme veremos no Capítulo 2, item **2.2.**).

As possíveis inter-relações entre o funcionamento da *linguagem e da atenção* não se limitam às fronteiras do que é “patológico”². A esse respeito é importante lembrar, portanto, que nossa opção por dados de sujeitos cérebro-lesados leva em conta que o estudo da linguagem desses sujeitos, assim como o da aquisição da linguagem, permite explicitar condições de funcionamento de processos internos envolvidos na construção e reconstrução da linguagem (COUDRY, 1986; 1988, p. 59; 70). Nesse sentido podemos traçar um paralelo com o que bem diz COUDRY (1986; 1988, p. XVIII): “*Interessa-me menos a afasia (como objeto de investigação) e muito mais a prática pela qual o sujeito afásico se reconstitui e reconstitui sua linguagem*”.

O nosso olhar, neste trabalho, vale salientar, é o olhar de um analista da linguagem, ou seja, o olhar de alguém que não atuou junto aos sujeitos na avaliação e intervenção terapêuticas, como é comum à ND (capítulo 1, item **1.3.** e capítulo **2**).

² Conforme diz LIER-DE-VITTO (2003), categorias como “*normal*” e “*patológico*” não podem ser incorporadas a oposições correntes em Linguística como “*certo*” e “*errado*”, “*padrão*” e “*não-padrão*” ou “*possível*” e “*impossível*”. Tais categorias - “*normal*” e “*patológico*” - encontrariam lugar na Medicina, na qual se fala em “*patologias*” do fígado, do cérebro, etc. Mas poderia a linguagem aí fazer série; poderia “*a linguagem ser patológica, doente?*”.

Com a leitura de LURIA (1984, 1991c), nasce a hipótese que tomamos como pressuposto para o Capítulo 3. Tomamos por princípio, conforme teorias lurianas e vigostskianas, que a atenção se desenvolve nos períodos iniciais da vida, socialmente e pela via da linguagem, mas, tendo em vista a reorganização do processo inicial, a atenção do sujeito se reconstrói (conforme veremos no Capítulo 1, item 1.2.3). Nesse sentido, a presente tese tem como hipótese que a atenção, após a reorganização do processo inicial, está fortemente envolvida no trabalho lingüístico, o que, em relação à linguagem, resulta em uma mútua constitutividade: a linguagem constitui a atenção e esta se volta para a linguagem (conforme indícios que procuramos levantar por meio das análises feitas no Capítulo 3).

No capítulo 3, respectivamente nos itens 3.1., 3.2. e 3.3., a análise e discussão giram em torno de cada um dos cinco sujeitos e em torno de temas relacionados à seletividade, aos sistemas de referência e à especularidade, e, em cada tema, trabalhamos com uma segunda hipótese que, como dissemos, tem por pressuposto a hipótese explanada no parágrafo anterior.

No capítulo 4, no único item 4.1., retomamos o caso de JS por considerá-lo um caso em particular que só vem reafirmar a idéia de sistema funcional complexo (item 1.2) proposta por LURIA (1984, p. 27). Nesse caso, a hipótese é a de que determinadas falas de JS (dirigidas a si mesmo como se fosse outra pessoa) se apresentam como uma espécie de “linguagem interior” (cf. LURIA, 1986b), cujo efeito seria aumentar e direcionar sua atenção.

A partir das reflexões e diretrizes aqui expostas, convidamos o leitor a percorrer conosco o caminho que realizamos, no decorrer deste trabalho, entremeio a hipóteses, retomadas teóricas, análises e discussões.

Capítulo 1.

Linguagem e atenção.

“(...) Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. *Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros: vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro. (...)*” (VIGOTSKI, 2000, p. 44; *grifo nosso*).

Neste capítulo veremos como a relação entre linguagem e atenção se configura na literatura em geral, na obra luriana e na perspectiva de uma Neurolingüística Discursiva (abreviada como ND).

1.1. Diferentes perspectivas teóricas.

Vários são os textos da literatura sobre a *atenção* que tributam a William James, o autor de uma das definições que usamos na introdução, as primeiras pesquisas sobre a atenção (citamos aqui KANDEL, 2000, p. 323; POSNER, 1990, 2004; DRIVER, 2001; HARDCASTLE, 2003; LIMA, 2005; FERRAZ, 2005; ENGEL *et al*, 2006).

William James, filósofo e psicólogo americano, descreveu importantes características da atenção em seu livro *Princípios de Psicologia* (1890), especialmente nos capítulos sobre o “fluxo da consciência” e sobre a “atenção”. Segundo diz LURIA (1991a, p. 3), ao tratar da história da psicologia como ciência, um enfoque dualista se reflete na obra desse autor.

Em tempos atuais, o tema “atenção” tem recebido especial interesse por parte dos investigadores. Michael Posner é, por exemplo, um autor que muito tem se dedicado ao estudo do tema já há algumas décadas (POSNER & BOIES, 1971; POSNER, 1990).

Cognitive Neuroscience of attention, recente obra organizada por POSNER (2004), também é dedicada ao estudo da atenção. Segundo o organizador (POSNER, 2004, p. 3), essa obra é um retrato do surpreendente progresso da investigação na área, nos últimos anos. No levantamento bibliográfico que realizamos encontramos, também, os artigos de HAO *et al* (2005), PERA *et al* (2005), STERR (2004), RADANOVIC *et al* (2003) e LIMA (2005).

Tendo em vista a literatura pesquisada, gostaríamos de notar que em grande parte essas obras apresentam uma metodologia pautada em testes avaliativos/experimentais. Essa metodologia, conforme veremos adiante (item 1.3.), é discutida criticamente na proposta teórica da Neurolingüística discursivamente orientada.

Além disso, conforme apontado, estudos sobre a atenção há vários, mas dos textos e autores citados, somente RADANOVIC *et al* (2003) tocam na questão da linguagem. RADANOVIC *et al* (2003, p.35) notam algo que se aproxima ligeiramente da pesquisa por nós empreendida neste trabalho: *“Based on a preliminary study, we noted a great interference of factors such as memory and attention in the linguistic performance of patients with thalamic lesions”*.

RADANOVIC *et al* (2003) estuda seis pacientes com lesão vascular talâmica visando caracterizar a repercussão da lesão nas suas habilidades comunicativas e na interface entre alterações de linguagem e outras habilidades cognitivas, como a atenção. Para tanto as autoras utilizam como instrumentos uma entrevista funcional e os testes “Boston Diagnostic Aphasia Examination” e o “Token Test” para avaliar a linguagem, e, os testes “Benton Visual Retention (BVRT)”, “Trail Making and Wisconsin Card Sorting (WCST)” para avaliar atenção, memória. Após resultados e análise, as autoras concluem: *“Executive, attention, mnesic and visuospatial dysfunctions, caused by the thalamus insertion in the respective cognitive networks, are elements that contribute to language deficits, and must be adequately evaluated and measured to improve the efficiency of therapeutic approaches”* (RADANOVIC *et al*, 2003, p. 41).

É importante notar que as autoras consideram a linguagem e sua relação com a atenção, o que é também uma preocupação nossa, mas RADANOVIC *et al* (2003) seguem por caminhos metodológicos diferentes ao que nos propomos neste trabalho. Nós, adotando como fundamentação teórica uma Neurolingüística discursivamente orientada, operamos

com uma metodologia própria desenvolvida pela ND, o dado achado (COUDRY, 1986, 1988; COUDRY & MORATO, 1990), que nos conduz a um estudo que não visa evidenciar o déficit. No entanto, em essência, e o que é importante notar aqui é que as autoras vislumbram uma possível inter-relação entre linguagem e atenção, algo que, por uma outra ótica, também procuramos explorar neste trabalho.

Nesse sentido, com base no que vimos até aqui, e tendo em vista sua inter-relação com a linguagem, o tema *atenção* desponta para nós como um amplo campo de pesquisa a ser explorado. Na seqüência veremos a perspectiva luriana em suas bases e, mais especificamente, no que diz respeito à *atenção*.

1.2. *Perspectiva Luriana.*

Antes de abordamos mais especificamente a atenção, conforme a tratou LURIA (1984, 1991), julgamos necessário resgatar, resumidamente, alguns princípios e pressupostos importantes da teoria luriana.

1.2.1. Pressupostos

LURIA (1991a, p. 73-74) escreve num contexto em que as teses que vigoram ou são advindas da filosofia idealista (na qual a atividade consciente do homem é visto como fruto do espírito) ou do *positivismo evolucionista* (na qual a atividade consciente do homem é vista como resultado direto da evolução do mundo animal). Nesse contexto, Luria adota uma psicologia que parte dos princípios do marxismo, deitando novo olhar para a atividade consciente do homem, entendendo-a como fruto da atividade histórico-social.

Segundo LURIA (1991a, p. 75), “*o trabalho social e o emprego dos instrumentos de trabalho*”, bem como o surgimento da “*linguagem*”, servem de fonte à transição da história natural dos animais à história social do homem.

O trabalho desenvolvido na preparação dos instrumentos já não é uma atividade determinada por motivo biológico imediato, ou seja, a necessidade de alimento. Segundo LURIA (1991a, p. 76) a atividade de elaboração da pedra carece de sentido. Tal atividade adquire seu sentido a partir do uso do instrumento que foi preparado na caça. É, pois, no conhecimento da operação executada e no conhecimento do futuro emprego do instrumento, nascido no processo de preparação do instrumento, que surge a primeira forma de atividade consciente (LURIA, 1991a, p. 76). Nesse sentido o comportamento, que no animal fora sempre voltado imediatamente para a satisfação de uma necessidade, no homem, com a preparação de seus instrumentos de trabalho, passa a adquirir caráter de estrutura complexa. Em suma, a tese do autor é a de que “*a atividade consciente do homem não é produto do desenvolvimento natural de propriedades jacentes no organismo mas o resultado de novas formas histórico-sociais de atividade-trabalho*” (LURIA, 1991a, p. 77)

O surgimento da linguagem, segundo LURIA (1991a, p. 77), leva à formação da atividade consciente de estrutura complexa do homem. LURIA (1991a, p. 78-79) salienta a diferença entre a linguagem dos animais e linguagem humana com, dentre outros, o conhecido exemplo da linguagem das abelhas, concluindo que as condições que originaram o fenômeno da linguagem humana devem ser procuradas “*nas relações sociais do trabalho cujos primórdios de surgimento remontam ao período de transição da história natural à história humana*”. LURIA (1991a, p. 80) acredita que “*a linguagem teve importância decisiva para a posterior reorganização da atividade consciente do homem*”, considerando que, assim como o *trabalho*, a *linguagem* é fator fundamental na formação da consciência.

Para LURIA (1991a, p. 80-81), a linguagem imprime ao menos três mudanças essenciais à atividade consciente do homem: a capacidade de representação, a capacidade de abstração e generalização, e a capacidade de transmitir informações. Segundo o autor:

- a) com sua capacidade de representação, a linguagem “*permite discriminar esses objetos, dirigir a atenção para eles e conservá-los na memória*”;
- b) com a de abstração e generalização, a linguagem “*faz pelo homem o grandioso trabalho de análise e classificação dos objetos, que se formou no longo processo da história social*”, assegurando a transição do sensorial ao racional na representação do mundo;

c) com a capacidade de transmitir informações complexas, produzidas ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem “*permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um trabalho isolado*”.

A linguagem é, pois, o meio mais importante de desenvolvimento da consciência; sua importância na formação da consciência consiste no fato de que “*penetra em todos os campos da atividade consciente do homem*”, elevando “*a um novo nível o desenrolar dos seus processos psíquicos*” (LURIA, 1991a, p. 81-82).

Segundo LURIA (1991a, p. 82-83) a linguagem reorganiza os processos de percepção do mundo exterior, muda os processos de atenção e memória do homem assim como a vivência emocional; a linguagem assegura, também, o surgimento da imaginação.

A questão da relação dos processos psíquicos (por exemplo, atenção, memória, etc.) com o cérebro teve soluções diferentes em períodos diversos da evolução da ciência, tais como a hipótese de que os processos psíquicos são formas especiais de existência do espírito, ou a tentativa da localização dos processos psíquicos em determinadas formações cerebrais (localizacionismo), ou, ainda, a idéia de que os processos psíquicos são função de todo o cérebro não podendo ser localizados em áreas limitadas do córtex cerebral (antilocacionismo). Maiores detalhes sobre essas diferentes perspectivas o leitor poderá encontrar em LURIA (1991a, p. 85-88; 1984, p. 5).

Frente à crise que se instaura com o localizacionismo e o antilocacionismo, uma vez que tanto a localização direta dos processos psíquicos em áreas limitadas do córtex cerebral, como a concepção de que os processos psíquicos são função de todo o cérebro se mostraram inconsistentes, LURIA (1991a, p. 89; 1984, p. 12) propõe a revisão do conceito de função. Nesses textos o autor lembra que o conceito de “função” em biologia tem dois significados. *Strictu sensu*, função tem o sentido de “*função de um tecido particular*”, por exemplo, a função do pâncreas é a segregação de insulina. *Lato sensu*, função pode designar a “*atividade de adaptação de todo um organismo*”, por exemplo, função da respiração que é exercida pelo trabalho conjunto de todo um grupo de músculos e alvéolos pulmonares.

Segundo LURIA (1991A, p. 89), o significado *lato sensu* de função “*se constitui numa complexa atividade, exercida pelo trabalho conjunto de todo um sistema de órgãos, cada um dos quais integra esse ‘sistema funcional’ (...) em seus próprios papéis, assegurando esse ou aquele aspecto desse sistema funcional*”. Nesse sentido, traçando um paralelo com outros sistemas funcionais como a digestão e a respiração, LURIA (1991a, p. 90) considera que se o significado *lato sensu* do conceito de função é aplicado a um grande número de atos biológicos de adaptação ele pode ser aplicado, também, às complexas “funções psicológicas”. LURIA (1991a, p. 91) toma como exemplo a escrita para mostrar “*que eles complexos integram esse sistema funcional*”. O autor justifica, assim, o abandono da idéia de que um processo tão complexo pode ser localizado em determinada área do cérebro, propondo ao invés disso “*a análise do sistema de zonas cerebrais que funcionam em conjunto, que põem em ação dado ‘sistema funcional’*” (LURIA, 1991a, p. 92).

No caso de uma lesão, vale salientar o que escreve LURIA (1991a, p. 92)

“Esse enfoque torna compreensível também o fato de que a afecção de determinada área limitada do cérebro pode levar à desintegração todo um sistema funcional, e sempre que haja afecção limitada do cérebro não será afetada uma ‘função’ mas todos os sistemas funcionais cuja realização tem a participação da área cerebral afetada. Torna-se compreensível que a mesma afecção do cérebro pode provocar a perturbação dos mais diversos sistemas funcionais (só se forem integrados por determinado elo geral ou ‘fator’ geral cujo funcionamento esteja diretamente relacionado com a afecção da área) e que um mesmo sistema funcional (o ato da escrita ou da fala, por exemplo) pode ser afetado com a afecção de diferentes áreas do cérebro, que asseguram eles diversos, integrantes da composição de dada função” (LURIA, 1991a, p. 92)

LURIA (1991a, p. 94) considera, pois, que o cérebro humano trabalha como um todo único, mas não como uma massa uniforme. Para LURIA (1991a, p. 94), o cérebro é um aparelho complexo e diferenciado, composto de unidades funcionais (Blocos I, II e III), sendo que a perturbação do funcionamento normal de uma parte fatalmente se reflete no seu trabalho como um todo, e conseqüentemente no complexo sistema funcional.

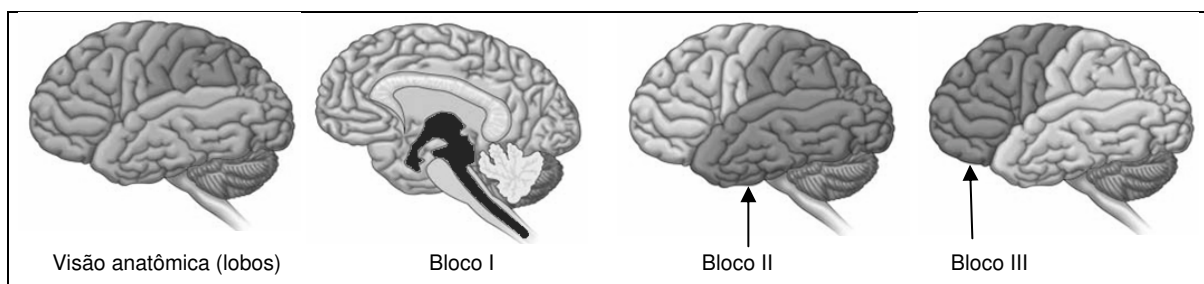
1.2.2. Organização funcional do cérebro humano.

Retomemos, agora, a questão da organização funcional do cérebro humano. Segundo LURIA (1984, p. 27), os processos mentais humanos - que são sistemas funcionais complexos - ocorrem por meio da participação de “*grupos de estruturas*

cerebrais operando em concerto”, cada uma das quais contribuindo articuladamente para organização desse sistema funcional.

LURIA (1984) distingue três principais unidades funcionais, cuja participação considera necessária para qualquer tipo de atividade mental. Essas unidades são os chamados Blocos I, II e III (Figura 1), que interagem de modo recíproco, cada um desempenhando papel especial na atividade psíquica.

Figura 1: Unidades funcionais.



Fonte: LURIA (1970, p. 68). Ilustração adaptada de COUDRY & FREIRE (2005).

O bloco I é formado por estruturas do tronco cerebral e superfícies mediais dos hemisférios cerebrais (particularmente, pelo hipotálamo, tálamo ótico e sistema de fibras reticulares), se relacionando com as estruturas das unidades II e III do córtex cerebral de ambos os hemisférios. Essa unidade regula o tona, a vigília e os estados mentais. Conforme sabemos, as condições de vigília são essenciais para o homem receber e analisar informações. São, também, essenciais para que o homem possa verificar a atividade programada e o curso dos processos mentais, assim como corrigir seus erros e manter a atividade em um curso apropriado (LURIA, 1984, p. 28). A função da unidade I é, pois, a de *“modificar o estado de atividade cerebral, sem, contudo, ter nenhuma relação direta nem com a recepção e o processamento de informações externas, nem com a formação de intenções, planos e programas de comportamentos complexos e dirigidos a metas”* (LURIA, 1984, p. 49).

O Bloco II é formado pelos lobos occipitais, temporais e parietais, sendo responsável por receber, analisar e armazenar informações. Segundo LURIA (1984, p. 49), *“os sistemas desta unidade estão adaptados para a recepção de estímulos que vão ter ao cérebro a partir de receptores periféricos”*, sendo *“composta por partes que possuem grande especificidade modal”*, ou seja, suas partes estão adaptadas para a recepção de informações visuais, auditivas, vestibulares, sensoriais gerais, bem como, gustativas e olfatórias.

O Bloco III é formado pelos lobos frontais, sendo responsável por programar, regular e verificar a atividade, ou seja, pela organização da atividade consciente. LURIA (1984, p. 73) ao comentar sobre a atividade consciente humana, cuja regulação o autor diz ocorrer “*com a íntima participação da fala*” (p. 73), diz, ainda, que o homem “*não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, forma planos e programas para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem verifica a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido*” (LURIA, 1984, p. 60)

As unidades II e III são subdivididas em zonas primárias (que recebem ou enviam impulsos nervosos para a periferia), secundárias (que processam informações que entram ou preparam programas para a ação) e terciárias (que integram as diversas zonas cerebrais). No que diz respeito a essa subdivisão, a principal diferença entre as unidades II e III é, como diz Luria:

“A principal diferença agora é que, enquanto no segundo sistema, aferente, do cérebro, os processos vão das zonas primárias para as secundárias e terciárias, no terceiro sistema, eferente, eles seguem uma direção descendente, começando nos níveis mais altos das zonas terciárias e secundárias, onde os planos e programas motores são formados, e passando então às estruturas da área motora primária, que envia os impulsos motores preparados à periferia” (LURIA, 1984, p. 63)

Para LURIA (1984) a atividade consciente e os processos mentais sempre ocorrem mediante a participação das três unidades, cada qual desempenhando um papel e fornecendo sua contribuição: bloco I, regulando o tono, a vigília e os estados mentais; bloco II, recebendo, analisando e armazenando informações; e, bloco III, programando, regulando e verificando a atividade.

1.2.3. Atenção seletiva

Conforme vimos anteriormente, LURIA (1991a, p. 80) atribui à *linguagem* importância decisiva na reorganização da atividade consciente do homem, considerando-a, assim como o *trabalho*, fator fundamental na formação da consciência. Para o autor, a

linguagem é um importante meio de desenvolvimento da consciência, na medida em que penetra em todos os campos da atividade consciente do homem, elevando seus processos psíquicos a um novo nível (LURIA, 1991a, p. 81-82). Nesse sentido, conforme considera o autor, a linguagem, dentre outros, reorganiza, também, os processos de atenção do homem:

“Se a atenção do animal tinha caráter imediato, era determinada pela força, a novidade ou valor biológico do objeto que dirigiam automaticamente (arbitrariamente) a atenção do animal, com o surgimento da linguagem e baseado nela o homem se acha em condições de dirigir arbitrariamente a sua atenção” (LURIA, 1991a, p. 82).

Podemos notar que, neste trecho, LURIA (1991a, p. 82) fala em duas formas diferentes de atenção, uma voluntária e uma involuntária.

Segundo LURIA (1991c, p. 22), a psicologia distingue esses dois tipos básicos de atenção: o arbitrário (ou voluntário) e o involuntário. Com base em LURIA (1991c), vejamos mais detalhadamente cada um desses tipos.

Os mecanismos de atenção involuntária, cujas bases são neurofisiológicas, são comuns tanto no homem como no animal. Tendo em vista o homem, o autor assim explicita a atenção involuntária:

“Fala-se de atenção involuntária nos casos em que a atenção do homem é atraída quer por um estímulo forte, quer por um estímulo novo ou por um interessante (correspondente à necessidade). É justamente com esse tipo de atenção que deparamos quando viramos involuntariamente a cabeça ao ouvirmos no quarto uma batida súbita, quando nos precavemos ao ouvirmos ruídos incompreensíveis ou quando nossa atenção é atraída por uma mudança nova e inesperada da situação” (LURIA, 1991c, p. 22).

A atenção voluntária, em contrapartida, é inerente ao homem. Segundo LURIA (1991c, p. 23), “*o principal fato indicador da existência de um tipo especial da atenção no homem, não inerente aos animais, consiste em que o homem pode concentrar arbitrariamente a atenção ora em um ora em outro objeto, inclusive nos casos em que nada muda na situação que o cerca*”. LURIA (1991c, p. 23) ilustra tal fato com um exemplo de Revot d’Allonnes (psicólogo francês):

“Se propusermos a uma pessoa olhar atentamente para o tabuleiro de xadrez cujos quadros são imutáveis, de acordo com a nossa instrução ou com instrução própria ela poderá distinguir facilmente as figuras mais diversas nesse fundo homogêneo. Num fundo homogêneo e imutável há oculta uma infinidade de estruturas diversas e o homem pode, por vontade própria, distinguir quaisquer estruturas novas desse campo imutável. Às vezes, essa possibilidade de distinguir arbitrariamente a estrutura necessária de um campo manifesta-se com nitidez ainda maior e segundo seus desígnios, o homem pode discriminar uma estrutura menos precisa entre estruturas mais precisas, superando as leis da percepção estrutural (...)” (LURIA, 1991c, p. 23).

Podemos perceber, conforme LURIA (1991c, p. 23), que o homem pode ir além do limite das leis naturais da percepção, sem se sujeitar ao efeito de um fundo homogêneo ou de fortes estruturas perceptivas.

Mas Revot d'Allonnes, com o exemplo citado, encontra fundamento para argumentar as concepções idealistas dos processos psíquicos do homem. O problema que LURIA (1991c, p. 24) aborda novamente, então, é o dualismo: uma psicologia idealista atribuía a atenção voluntária ao espírito, e, uma psicologia naturalista não conseguia explicá-la (o que, conseqüentemente, abria as portas para as hipóteses idealistas).

Nesse sentido, a abordagem histórica vai transpor o abismo existente, na psicologia, entre as formas elementares de atenção (involuntárias) e as formas superiores de atenção (voluntárias), na medida em que deixa de considerar a atenção voluntária como primária (ou seja, como uma particularidade primária sempre existente na vida espiritual) e passa a considerá-la produto de um complexo desenvolvimento histórico-social (LURIA, 1991c, p. 24).

Em outros termos, é fato que a atenção dos animais é provocada por sinais de natureza vital e que tal também se refere igualmente ao homem. No homem, contudo, as necessidades e interesses, em sua grande maioria, não nascem de instintos e inclinações biológicos, mas sim de fatores motivacionais complexos que se formaram no processo da história social (LURIA, 1991c, p.4).

Conforme LURIA (1991c) é possível distinguir, no homem, dois grupos de fatores que asseguram o caráter seletivo dos processos psíquicos:

a) estímulos externos

Esse primeiro grupo é constituído por estímulos exteriormente perceptíveis que determinam o sentido, o objeto e a estabilidade da atenção, aproximando-se dos fatores da estrutura da percepção. Dentre os fatores que integram os estímulos externos, ou as informações que chegam do meio exterior, LURIA (1991c, p. 3) cita a intensidade do estímulo (por exemplo, grandeza, coloração, etc.) e a novidade do estímulo, ou diferença entre um e outro estímulo.

b) atividades do próprio sujeito

Dentre esses fatores, LURIA (1991c, p. 5) cita a influência da necessidade, dos interesses e dos objetivos do sujeito sobre a sua percepção e atividade. O autor observa que as necessidades e interesses têm caráter muito mais de fatores motivacionais que se formam no processo da história social do que de instintos e inclinações biológicas: “*Por exemplo, o homem que se interessa pelo esporte distingue entre toda a informação que lhe chega aquela que se refere a uma partida de futebol, ao passo que o homem que se interessa pelas novidades da eletrônica procura livros que se referem justamente a esse objeto*” (LURIA, 1991b, p. 5).

É importante notarmos que mesmo quando falamos em “atenção involuntária”, no homem, o fator histórico-social pode estar presente. Tomemos como exemplo “uma batida súbita”, conforme trecho supracitado (LURIA, 1991c, p. 22); se considerarmos que essa “batida súbita” é na porta, não há como desconsiderarmos que culturalmente aprendemos, ainda que possamos nos assustar com o som, a dar atenção para tal som porque nele está implícito o *significado* de que há alguém nos chamando.

A dicotomia entre *atenção voluntária* e *atenção involuntária* - de certa forma ainda vigente na literatura da área³ - se desfaz, assim, num *continuum* a partir do reconhecimento do fato de que a atenção é um ato social:

“Seria um engano imaginar que a atenção da criança pequena possa ser atraída somente por estímulos poderosos e novos, ou por estímulos ligados à exigência imediata. Desde o começo a criança vive em um ambiente de adultos. Quando a sua mãe nomeia um objeto no ambiente e aponta para ele com o dedo, a atenção da criança é atraída para aquele objeto, que, assim, começa a se sobressair do resto, não importando se ele origina um estímulo forte, novo ou vitalmente importante” (LURIA, 1984, p. 228-229).

Conforme LURIA (1984, p. 229), essa diferente abordagem dos princípios que governam o curso seletivo de processos mentais e neurofisiológicos nasce com Vygotsky:

“Nos estágios iniciais de desenvolvimento a função psicológica complexa era compartilhada por duas pessoas: o adulto deflagrava o processo psicológico ao nomear ou apontar o objeto; a criança respondia a este sinal e reconhecia o objeto mencionado,

³ Um exemplo é LENT (2004, p. 582), conforme trecho que segue: “*A atenção explícita tende a ser automática: sem nos dar conta vamos movimentando a atenção pelo ambiente à medida que movimentamos os olhos. O controle voluntário é o mesmo do olhar; o foco atencional segue junto com ele. Mas quando o olhar está fixo num ponto, podemos também movimentar o foco atencional livremente pelas regiões vizinhas do campo visual. Dificilmente o fazemos, entretanto, a não ser voluntariamente. Quer dizer, a atenção implícita tende a ser uma operação mental voluntária*”.

seja fixando-o com o olhar, seja segurando-o com a mão. **Nos estádios subseqüentes de desenvolvimento esse processo socialmente organizado se torna reorganizado.** A própria criança aprende a falar. Agora ela mesma pode nomear o objeto e, ao fazê-lo, ela mesma o distingue do resto do ambiente, e, assim, dirige a sua atenção para ele. A função que até então era compartilhada por duas pessoas se torna agora um método de organização interior do processo psicológico. A partir de uma atenção exterior, socialmente organizada, desenvolve-se a atenção voluntária da criança, que neste estágio é um processo interior, auto-regulador”. (VYGOTSKI, *apud* LURIA, 1984, p. 229)

Nesse processo de desenvolvimento da atenção descrito por Vygotski, é importante ressaltar o papel da linguagem:

“Nossa pesquisa mostrou que, mesmo nos estágios mais precoces do desenvolvimento, linguagem e percepção estão ligadas. Na solução de problemas não verbais, mesmo que o problema seja resolvido sem a emissão de nenhum som, a linguagem tem um papel no resultado. Esses achados substanciam a tese da lingüística psicológica (...) que defendia a inevitável interdependência entre o pensamento humano e a linguagem.

Um aspecto especial da percepção humana - que surge em idade muito precoce - é a percepção de objetos reais. Isso é algo que não encontra correlato análogo na percepção animal. Por esse termo eu entendo que **o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros: vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro.** (...) Essas observações sugerem que toda percepção humana consiste em percepções categorizadas ao invés de isoladas” (VIGOTSKI, 2000, p. 44).

Observemos como a linguagem atua sobre a percepção. Nesse sentido, a criança, na função inicialmente partilhada com o adulto, não aprende a reconhecer “algo redondo e preto com dois ponteiros” ou “um som na madeira”, mas sim “um relógio” ou “uma batida na porta”, ou seja a criança, de certa forma, é “ensinada” a se relacionar com o mundo por meio do *significado*. Essa idéia, de certa forma, é a que é expressa no trecho que segue:

“Dentre as grandes funções da estrutura psicológica que embasa o uso de instrumentos, o primeiro lugar deve ser dado à atenção. Vários estudiosos (...) notaram que a capacidade ou incapacidade de focalizar a própria atenção é um determinante essencial do sucesso ou não de qualquer operação prática. Entretanto, a diferença entre a inteligência prática das crianças e dos animais é que, **aquelas, são capazes de reconstruir a sua percepção e, assim, libertar-se de uma determinada estrutura de campo perceptivo. Com o auxílio da função indicativa das palavras, a criança começa a dominar sua atenção, criando centros estruturais novos dentro da situação percebida.** (...) a criança é capaz de determinar para si mesma o ‘centro de gravidade’ do seu campo perceptivo; o seu comportamento não é regulado somente pela conspicuidade de elementos individuais dentro dele. A criança avalia a importância relativa desses elementos, destacando, do fundo, ‘figuras’ novas, ampliando assim as possibilidades de controle de suas atividades” (VIGOTSKI, L. S., 2000, p. 47)

Durante seu desenvolvimento, a criança *reconstrói* sua percepção tendo em vista o *significado* que apreendeu pelas relações sociais com os adultos. Nesse sentido é que a chamada atenção involuntária, no homem, ultrapassa os limites das leis naturais da percepção. Em suma, bem diz VYGOTSKI (*apud* LURIA, 1984, p. 229): “A partir de uma

atenção exterior, socialmente organizada, desenvolve-se a atenção voluntária da criança, que neste estágio é um processo interior, auto-regulador”.

Abrimos aqui um parênteses para discutir um pouco mais a hipótese da mútua constitutividade, que apresentamos na introdução. O que apresentamos nesse item, resumidamente, são as bases das quais partimos para elaborar a hipótese. Partindo do princípio de que *a atenção se desenvolve nos períodos iniciais da vida, socialmente e pela via da linguagem, mas, tendo em vista a reorganização do processo inicial, a atenção do sujeito se reconstrói*, consideramos a hipótese de que *a atenção, após a reorganização do processo inicial, está fortemente envolvida no trabalho lingüístico, o que, em relação à linguagem, resulta em uma mútua constitutividade (a linguagem constitui a atenção e esta se volta para a linguagem)*. Acreditamos poder encontrar em duas passagens de Vygotski, já citadas anteriormente e abaixo retomadas para comodidade do leitor, uma inspiração para essa exploração teórica (o que procuramos fazer por meio das análises que apresentamos no **Capítulo 3**):

A partir de uma atenção exterior, socialmente organizada, desenvolve-se a atenção voluntária da criança, que neste estágio é **um processo interior, auto-regulador”**. (VYGOTSKI, *apud* LURIA, 1984, p. 229).

A criança avalia a importância relativa desses elementos, destacando, do fundo, ‘figuras’ novas, **ampliando assim as possibilidades de controle de suas atividades”** (VIGOTSKI, L. S., 2000, p. 47)

Do ponto de vista da organização cerebral, a atenção vai ser regulada pelo sistema límbico e pela região frontal. Conforme LURIA (1984, p. 237), os mecanismos do tronco cerebral superior (Bloco I) são responsáveis por apenas uma condição de atenção: o estado generalizado de vigília. A região frontal (Bloco III) é responsável pela seleção do que é relevante e inibição do que é irrelevante; segundo LURIA (1984, p. 243), os lobos frontais participam decisivamente nas formas superiores de atenção na medida em que desempenham um papel importante no aumento do nível de vigilância de um indivíduo quando esse está realizando uma tarefa. Apesar da especificidade de cada bloco, uma função complexa superior como é a atenção só se concretiza com a inter-relação entre eles.

Independentemente da perspectiva estudada, a atenção é relacionada à existência de um “objeto” que é dominante e à existência de “objetos” que figuram em um fundo. Geralmente essa distinção é aproximada da relação figura/fundo⁴.

LURIA (1991c, p. 2) expressa da seguinte maneira essa distinção:

“Em todos os tipos de atividade consciente deve ocorrer um processo de seleção dos processos básicos, dominantes, que constituem o objeto da atenção do homem, bem como a existência de um ‘fundo’ formado pelos processos cujo acesso está retido na consciência; em qualquer momento caso surja a tarefa correspondente, tais processos podem passar ao centro da atenção do homem e tornar-se dominantes” (LURIA, 1991c, p. 2).

O movimento figura/fundo permite averiguar o volume, a estabilidade e as oscilações da atenção. Segundo LURIA (1991c, p. 2), podemos entender o volume da atenção como “o número de sinais recebidos ou associações ocorrentes, que podem conservar-se no centro de uma atenção nítida, assumindo caráter dominante”⁵; a estabilidade da atenção como “a duração com a qual esses processos discriminados pela atenção podem manter seu caráter dominante”; e, as oscilações da atenção como “o caráter cíclico do processo, no qual determinados conteúdos da atividade consciente ora adquirem caráter dominante, ora o perdem”.

A perspectiva luriana, como veremos no próximo item, faz parte dos princípios teóricos que fundamentam a Neurolingüística discursivamente orientada.

1.3. Neurolingüística Discursiva (ND).

A teorização no âmbito da ND, conforme COUDRY & FREIRE (2007), parte de uma perspectiva discursiva que orienta a prática clínica e a análise de dados de linguagem,

⁴ A figura que segue é um clássico exemplo da relação figura/fundo:



Dependendo do foco, ou o cálice (em branco) é a figura proeminente e o restante é o fundo (em preto), ou os dois rostos (em preto) são a figura dominante e o restante é o fundo (em branco).

⁵ No decorrer do trabalho usaremos “grau” como sinônimo de “volume”.

ambas ancoradas em diversos domínios da Lingüística, bem como em estudos no campo da Neurologia, Neuropsicologia, Fonoaudiologia, entre outros.

Conforme COUDRY & FREIRE (2007), a perspectiva discursiva requer que tomemos como ponto de partida teórico a interlocução e tudo aquilo que a ela diz respeito: “*as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um; as condições em que se dão a produção e interpretação do que se diz; as circunstâncias histórico-culturais que condicionam o conhecimento partilhado e o jogo de imagens que se estabelece entre os interlocutores*”.

Nesse sentido, a ND, aporte teórico que fundamenta este trabalho, incorpora, dentre outros, princípios e pressupostos da teoria de funcionamento cerebral conforme proposto por LURIA (1984; 1991a, 1991b; 1991c; 1991d) e VIGOTSKI (2000), articulando-os, por exemplo, com uma concepção de linguagem abrangente (FRANCHI, 1976, 1992) e com a metodologia do *dado-achado* (COUDRY, 1986; 1988; 1996).

Vejam, na seqüência, em mais detalhes, a concepção de linguagem adotada pela ND e como essa concepção se articula com a noção de sujeito incorporada neste trabalho. Um sujeito que, sensível às pressões do sistema, é capaz de realizar escolhas (CERTEAU, 2002). Tal noção de sujeito foi incorporada ao estudo que aqui realizamos porque a atenção é, conforme vimos, uma espécie de consciência. Com essa noção de sujeito podemos considerar, inclusive, estudos como os de JAKOBSON (1969, 1970) e de GRICE (1982)/DASCAL (1982), autores que indiretamente tratam da atenção.

Vejam, também, como a ND - partindo de uma perspectiva discursiva e, conseqüentemente, considerando uma concepção de linguagem abrangente, a interlocução e os modos de produção - desenvolve uma forma própria de tratar os dados, o *dado-achado* (COUDRY, 1986; 1988; 1996); uma metodologia que contraria os testes avaliativos e experimentais.

Fechamos este capítulo argumentando acerca dos ganhos de uma análise neurolingüísticamente orientada para o estudo das relações entre *linguagem e atenção*.

1.3.1. Concepção de linguagem.

Na ND a linguagem é concebida como ação, como trabalho, como atividade constitutiva (COUDRY, 1986; 1988, p. 55), ou seja, a concepção de linguagem presente na ND é baseada em FRANCHI (1976, 1992):

“Concebemos assim a linguagem como um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção e retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo” (FRANCHI, 1976, p.53).

A noção de “*sistemas de referência*” é importante nessa concepção de linguagem, por isso vale a pena explicitar esse conceito; e o fazemos nas próprias palavras de FRANCHI (1976):

“Se alguém deseja falar em sua linguagem acerca de um novo tipo de entidades, deve introduzir um sistema de novas maneiras de falar, sujeito a novas regras. Chamaremos esse procedimento de ‘construção de um sistema de referências!’. Consideremos a título de exemplo as entidades com que lidamos na linguagem comum. Trata-se de um ‘sistema espaço-temporalmente ordenado de coisas ou eventos’ observáveis, pelo menos como universo primeiro e privilegiado de discurso. Podemos chamá-lo de ‘sistema de referência factual’ ou ‘sistema de referência das ‘coisas’’. Reconhecer uma coisa ou um evento nesse sistema, significa ‘ter sucesso em incorporá-lo no sistema das coisas em uma posição espaço-temporal determinadas...’ segundo as regras desse sistema. Pode-se ainda falar de ‘sistema de referências’ dos números, das proposições, sempre em relação a uma linguagem que fale de números, ou que fale de proposições, propriedades e relações das proposições, etc. Poder-se-ia falar de um sistema de referências da ficção grega, dos mitos dos selvagens bororo, e assim por diante. Como observa Carnap (...) o termo ‘sistema de referências’ se usa apenas para o sistema de expressões lingüísticas e não para o sistema de entidades em questão. Podemos dizer que o ‘sistema de referências’ é constituído por essa linguagem e nada tem a ver com a ‘existência real’ das entidades que nessa linguagem se delimitam e a que se refere” (FRANCHI, 1976, p.55).

O autor evidencia, também, que tanto o paradigma funcional quanto o formal - vigentes na lingüística - são na verdade modelos de análise que incidem, não sobre a atividade criadora da linguagem, mas sim sobre os resultados dessa atividade, ou seja, sobre o produto. Ilustrando essa questão, respectivamente, FRANCHI (1976) relembra duas interessantes passagens de Humboldt⁶:

“Propriamente falando, a linguagem é qualquer coisa de persistente mas a todo momento transitória. Sua eventual fixação na escritura é somente uma incompleta e mumificada preservação’... ‘Em si mesma, a linguagem não é um produto (ergon) mas uma atividade (energeia)” (HUMBOLDT; apud FRANCHI, 1976, p. 50).

⁶ Wilhelm von Humboldt (1767-1835), filósofo e lingüista alemão do século XIX.

“E isso porque a ‘forma’ em Humboldt designa os princípios dinâmicos do ato mesmo de ‘dar forma’: designa a universalidade de um processo como suscetíveis de revisão e transformação. Designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias pois responde à provocação da imaginação; que ‘constitui’ mas não se ‘institui’; que não se fixa, mas retorna e renova” (FRANCHI, 1976, p. 52).

Nesse sentido, vale ressaltar, numa linguagem concebida como ação, como atividade constitutiva, há a presença do trabalho do sujeito que por ela atua. Notemos, também, por esse trecho, que o autor não ignora os sistemas lingüísticos.

“A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos (FRANCHI, 1987, p. 12).

FRANCHI (1976; 1992) salienta o caráter indeterminado da linguagem e ao falar da indeterminação da linguagem cita como aspectos aí atuantes a analogia, o contexto lingüístico e a situação, e uma longa elaboração histórica. FRANCHI (1976), mais uma vez, apóia-se em Humboldt para salientar o caráter indeterminado da linguagem:

“Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários” (FRANCHI, 1976, p. 54).

Enquanto forma de pensamento, paralela ao lógico, a analogia se configura por meio de relações de similaridade: expressões, elementos e relações se transportam – pela analogia – de um sistema de referência para os mais diversos sistemas de referências, se acomodando a novas situações e novos contextos, estabelecendo e organizando todo um novo sistema de referência. Em relação à analogia, FRANCHI (1976, p. 60) fala de uma “criatividade vertical” em contraposição a uma “criatividade horizontal” que ocorreria no eixo sintagmático (sintaxe), e, considera que é a analogia que introduz um fator decisivo de indeterminação semântica.

FRANCHI (1976, p. 61) entende por “situação” o complexo jogo de fatores e relações que constituem as condições de uso da linguagem (o tempo, o lugar, as instâncias pessoais do discurso, a indicação demonstrativa de objetos, a atitude do locutor em relação a seu próprio discurso ou ‘texto’, os discursos ou ‘textos’ anteriores); e, reserva o termo “contexto” para fatores e relações que determinam um discurso no plano exclusivamente

lingüístico (contexto lingüístico), entendendo-o como intermediário entre a situação e o sistema lingüístico.

Em relação à elaboração histórica, FRANCHI (1976, p. 57) considera que a atividade lingüística opera sempre sobre um substrato material já trabalhado pelas gerações anteriores (desde um passado longínquo), fixados de certa forma em diferentes momentos, e, que por isso mesmo essa atividade não pode ser considerada – tendo em vista, principalmente, a analogia e o contexto – somente como “uma produção sistemática e reiterada mas sim como uma sempre renovada organização”. Nesse sentido é que Franchi fala, referindo-se ao nível do sintagma e da oração, que não seria possível propor antecipadamente um inventário exaustivo das possibilidades de utilização (e condições de utilização) dos inúmeros traços categoriais oferecidos pela cadeia sonora (como justaposição, configuração morfológica, distribuição relativa de morfemas, ordem linear, pausas, entoação, concordância, etc.). Para FRANCHI (1976; 1992), a longa elaboração histórica é uma das principais fontes da indeterminação de uma língua natural.

É, pois, por considerar as analogias, os contextos e a elaboração histórica, o que resulta na indeterminação da linguagem, que a concepção de linguagem de FRANCHI (1976; 1992) - uma concepção sócio-histórica de linguagem, tomada como lugar de interação humana, de interlocução (COUDRY & ABAURRE, 2004) - pode ser considerada abrangente, quando comparada a outras que privilegiam o sistema lingüístico e a não historicidade da língua.

É importante notar que não podemos considerar, conforme GERALDI (1991, p. 10), uma indeterminação absoluta da linguagem, pois isso seria o mesmo que “*trocar uma ilusão por outra: a ilusão da uniformidade pela ilusão da multiplicidade indeterminada*”. Segundo GERALDI (2003, p. 10), estaríamos negando o presente, numa posição, e na outra, o passado. Em outros termos: “*Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressões pronto, entendendo-se a língua como um código disponível, não haveria construção de sentidos (...); se a cada fala construíssemos um sistema de expressões não haveria história*” (GERALDI, 2003, p. 10). Vejamos uma passagem em que FRANCHI (1992) se manifesta a esse respeito:

“Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e

constituído. Não há nada universal, salvo o processo - a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias” (FRANCHI, 1992, p. 33)

Observemos como FRANCHI (1992, p. 33) cita o sistema e o sentido, a história e as opções solitárias. GERALDI (2003, p. 11), retomando esta passagem, resume que o “trabalho lingüístico” não é “*nem um eterno recomeçar, nem um eterno repetir*”.

É importante salientar, ainda, uma passagem em que FRANCHI (1976) acentua a ação do sujeito, as vezes consciente, as vezes inconsciente⁷:

“Por um lado, esse aspecto fundamental da linguagem [indeterminação / instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas] a torna um instrumento dúctil e eficaz de contínua retificação de todo o anteriormente organizado, remanejando o que se poderia supor como imanente, fixo, definitivo. Por outro lado, a atividade lingüística supõe ela mesma esse retorno sobre si mesma, uma progressiva **atividade epilingüística: como ‘atividade metalingüística inconsciente’** (cf. Culioli, 1968) de modo a estabelecer uma relação entre os esquemas de ação verbal interiorizados pelo sujeito e a sua realização em cada ato concreto de discurso; **como atividade seletiva e consciente**, na medida em que se reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal; justamente em virtude dessa função, operando sobre signos que se tomam como objetos dessa reflexão, o homem ultrapassa os limites do observável e do perceptível: passando pela metáfora e pela metonímia, a linguagem se refaz linguagem poética, ou se higieniza e se contextualiza (no sentido mais estrito de ‘contexto verbal’) no discurso filosófico e científico, em que as palavras e expressões tomam seus sentidos na cadeia de definições” (FRANCHI, 1976, p. 54; grifos nossos).

Tendo em vista o jogo entre atividade metalingüística inconsciente e seletiva (consciente), poderíamos relacionar essa passagem com a que segue, de LURIA (1991c):

“É sabido que a atividade do homem é condicionada por necessidades ou motivos e sempre visa a um objetivo determinado. Se em alguns casos o motivo pode permanecer inconsciente, o objetivo e o objeto da atividade são sempre conscientizados. Sabe-se, por último, que é justamente esta circunstância que distingue o objetivo da ação dos meios e operações pelos quais ele é atingido. **Enquanto as operações isoladas não se automatizam, a execução de cada uma delas constitui o objetivo de certa parte da atividade e atrai para si a atenção.** Basta lembrar como fica tensa a atenção de um atirador inexperiente ao puxar o gatilho ou a atenção de um datilógrafo iniciante a cada batida do teclado. **Quando a atividade se automatiza, certas operações que a compõem deixam de atrair a atenção e passam a desenvolver-se sem conscientização, ao passo que o objetivo fundamental continua a ser conscientizado.** Para ver isso, basta analisar atentamente o desempenho no tiro de um atirador bem preparado ou o processo de datilografia de uma datilógrafa experiente. (...) O processo de automatização da atividade leva a que certas ações, que chamavam a atenção,

⁷ Queremos destacar que, no decorrer de todo este trabalho, usamos os termos “consciente” e “inconsciente” conforme FRANCHI (1976) e LURIA (1991).

se convertam em operações automáticas e a atenção do homem comece a deslocar-se para os objetivos finais, deixando de ser atraída por operações costumeiras bem consolidadas” (LURIA, 1991c, p. 5-6; grifos nossos).

Aspectos da atividade com a linguagem poderiam ser colocados num paralelo com a atividade de *atirar* e a de *datilografar*, conforme exemplos de LURIA (1991c); entendendo que, conforme diz o autor, também no caso da linguagem (no decorrer da história) “*quando a atividade se automatiza, certas operações que a compõem deixam de atrair a atenção e passam a desenvolver-se sem conscientização, ao passo que o objetivo fundamental continua a ser conscientizado*”. Sendo assim, na atividade lingüística algumas operações seriam automatizadas, como as que envolvem a atividade metalingüística inconsciente, outras seriam conscientes e envolveriam maior grau de atenção, como a atividade seletiva (cf. Franchi)⁸.

Consideramos que a atividade metalingüística inconsciente, é uma espécie de atividade automatizada (o que não significa que a atenção não esteja presente, ela apenas se apresentaria em menor grau), ao passo que a atividade seletiva, por ser consciente, estaria relacionada com os objetivos do sujeito, que, segundo LURIA (1991c), mesmo na atividade automatizada continua a ser consciente. É importante notar que não estamos considerando aí uma dicotomia, mas sim um *continuum* (cf. LURIA, 1984, p. 228-229).

A atividade seletiva e consciente, nessa concepção de linguagem, revela um sujeito trabalhando e que tem uma espécie de consciência da cena enunciativa; um sujeito que pode ser considerado, conforme CERTEAU (2002), tático e estratégico.

1.3.2. Noção de sujeito.

Vemos em CERTEAU (2002) que o sujeito é tático e estratégico porque sua ação implica em escolhas. Mas apesar disso, para o autor, sempre há uma relação social, sendo a individualidade o lugar de uma pluralidade incoerente.

⁸ Acreditamos que, assim como nas duas passagens de Vygotski (citadas anteriormente, na p. 39), uma abertura para a exploração teórica de nossa hipótese pode ser encontrada na seguinte passagem de Franchi: “(...) como atividade seletiva e consciente, **na medida em que se reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal (...)**” (FRANCHI, 1976, p. 54; grifos nossos).

Segundo CERTEAU (2002, p. 47) as táticas estão relacionadas ao cotidiano e as estratégias às relações de poder: as táticas manifestam “*a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula*”, e, as estratégias “*escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição*”.

CERTEAU (2002, p. 47), ao falar da tática, cita o caso da dona de casa, que no supermercado, tem que escolher frente a dados heterogêneos e móveis, como as provisões de que necessita para seu freezer, os gostos e apetites de seus familiares, os produtos mais baratos, etc.; segundo o autor “*a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’*”. Para CERTEAU (2002, p. 47), muitas práticas cotidianas, entre elas falar e ler, são do tipo “tática”.

CERTEAU (2002, p. 39) cita, também, o caso de indígenas colonizados por espanhóis, que, submetidos e mesmo consentindo na dominação, subvertiam os rituais, representações ou leis pela sua maneira de usá-los para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Entendemos nós que práticas como essas, do tipo estratégica, são capazes de envolver diferentes sistemas de referência e modificá-los.

Em suma, pela concepção de sujeito que aqui adotamos, com base em CERTEAU (2002), o sujeito não é assujeitado, mas também não é livre. Há que se considerar, assim como na concepção de linguagem que aqui vimos, uma espécie de semi-sistema, que permitiria ao sujeito, nos termos de Franchi, tanto assumir a história, como exercer opções solitárias (FRANCHI, 1992, p. 33), numa espécie de consciência da cena enunciativa.

1.3.3. Dado-achado.

Tendo em vista o estatuto do dado, neste trabalho nos deparamos, conforme COUDRY (1996), com dois modos de construção dos dados: dado-evidência e dado-achado.

a) No *dado-evidência*, o que se observa é o objetivo do pesquisador em medir o comportamento lingüístico e quantificá-lo. Na Neurolingüística tradicional isso se traduziu no desenvolvimento de baterias de testes usadas na avaliação lingüístico-cognitiva de

pacientes cérebro-lesados; resultando, por exemplo, em dados estatísticos e grupos-controle (COUDRY, 1996, p. 179-180).

b) Sobre o *dado-achado*, COUDRY (1996, p. 183) diz que “*é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico dos processos lingüísticos-cognitivos*”. O dado-achado tem algo em comum com o dado singular, ou paradigma indiciário de GINZBURG (1986)⁹.

A literatura citada no capítulo 1 (item 1.1.) nos coloca frente a testes avaliativos e experimentais, que, conforme (COUDRY, 1996, p. 179-180), têm o estatuto do dado-evidência.

A ND opta por não trabalhar com testes, sejam avaliativos, sejam experimentais porque, conforme COUDRY (1986; 1988, p. 15), tais procedimentos não reproduzem as relações de interlocução, não tornam claras as “intenções discursivas” e não contextualizam, portanto, as expressões verbais. Segundo COUDRY (1986; 1988, p. 15), nesse caso, os sujeitos se tornam pacientes no sentido mais amplo do termo, ou seja, são excluídos de um papel ativo na orientação do discurso, não tendo quaisquer pistas para interpretar os comandos, fazer inferências, apreender por qualquer processo a intenção significativa dos examinadores.

Em vista disso é que a ND privilegia atividades *epilingüísticas*, em uma perspectiva discursiva, no processo de *avaliação, acompanhamento e intervenção*, recorrendo às mais diversas situações e configurações de uso lingüístico-cognitivo, tais como: diálogo, narrativas, comentários, conversação livre ou dirigida, atividades de escrita. E álbuns de fotografias, registros em agenda, revistas, desenhos, cartas, bilhetes, receitas, mapas, entre

⁹ Vejamos o que dizem COUDRY FREIRE (2007) a esse respeito:

“*Tal como ocorre com a análise do dado-achado, a interpretação do dado singular ajuda a entender o fato lingüístico-cognitivo que se apresenta de maneira indeterminada, a fim de que seja revelado o que não se vê à primeira vista. Nos dois casos é crucial estabelecer critérios - os denominados procedimentos heurísticos na ND - que orientam a identificação e a seleção dos dados, tomados, então, como representativos do que se considera “singularidade reveladora” (tal como se denomina no paradigma indiciário) ou dado-achado, e que provoca o movimento da teoria em busca de explicação. Pelo que se expôs, compartilhamos do paradigma indiciário, como em Ginzburg, o conceito de “rigor metodológico”, interpretado de forma flexível, uma vez que entram em jogo outros fatores, como a intuição do investigador na observação do particular, sua capacidade de formular hipóteses explicativas pertinentes e instigadoras para aspectos opacos da realidade que não são diretamente apreendidos, mas que podem ser descobertos através dos achados ou dos indícios*” (COUDRY e FREIRE, 2007).

outros, são pretextos para que ocorram diálogos, narrativas, etc... Com esses procedimentos, a ND opera com todos os traços humanos que acompanham e dão sentido à atividade verbal: gestos, expressões faciais e corporais, escrita e leitura; buscando compreender como o sujeito *significa* para assim atuar, junto com ele, sobre os múltiplos aspectos envolvidos em processos de significação; sempre observando e descrevendo tais aspectos (COUDRY, 2007a). Nesse sentido, na ND o dado tem o estatuto de *dado-achado*.

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA)¹⁰ é o lugar onde acontecem essas práticas. O CCA é, pois, um espaço de interação, onde ocorrem diferentes práticas discursivas entre sujeitos cérebro-lesados e professores, pesquisadores, familiares, terapeutas e eventuais visitantes, em sessões semanais que duram cerca de duas horas.

Desde o início das atividades do CCA, as sessões são gravadas em áudio; e a partir de 1996, gravadas em vídeo. As atividades são, também, registradas em um caderno por um pesquisador do grupo. As fitas e as transcrições e *découpages* dessas fitas são arquivadas no CCA, para, posteriormente, serem encaminhadas para o Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE). O conjunto desses dados é chamado de Banco de Dados em Neurolingüística (BDN). O registro no caderno serve como fonte para um primeiro contato do pesquisador com os dados do BDN. As transcrições são feitas, conforme normas do BDN (Projeto Integrado em Neurolingüística/CNPq 521773/95-4), em tabelas - para dar visibilidade aos dados - e com registro de observações sobre as condições de produção do enunciado verbal e não-verbal (ver, como exemplo, os dados no capítulo 3).

O estatuto do dado na ND, e conseqüentemente neste trabalho, desponta, assim, como mais um diferencial entre a literatura pesquisada (item 1.1.) e o estudo que aqui propomos.

¹⁰ O CCA nasceu de uma iniciativa conjunta do departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) e do departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM/Unicamp). O CCA funciona em instalações próprias, localizadas no IEL e hoje tem três grupos de trabalho (Grupo I coordenado pela Profa. Edwirges M. Morato; Grupo II, pela Profa. Maria Irma H. Coudry, e, Grupo III, pela Profa. Rosana do Carmo Novaes Pinto). Os sujeitos cérebro-lesados que integram o grupo, normalmente, são encaminhados pelo Hospital das Clínicas (HC/Unicamp) e continuam com o acompanhamento clínico necessário.

1.3.4. Ganho da análise neurolinguisticamente orientada.

Retomamos aqui o que vimos até agora para salientar o ganho de uma análise neurolinguisticamente orientada para o estudo das inter-relações entre *linguagem e atenção*.

Em relação à perspectiva teórica, vimos que na ND o indivíduo - conforme a perspectiva luriana (VIGOTSKI, 2000; LURIA, 1970; 1984; 1991) - é considerado um sujeito em relação ao seu meio, ou seja, social e historicamente. Também vimos que a atenção e linguagem se inter-relacionam entre si e com demais processos psíquicos, num sistema funcional complexo.

Tendo em vista a metodologia, na ND não se considera o indivíduo como “amostra” de uma população, como nas metodologias pautadas por testes experimentais, e sim como um sujeito, com uma história de vida e que vive em sociedade. Também consideramos que na ND não se espera do sujeito um ideal de linguagem, o que é comum nas metodologias pautadas em testes experimentais.

Considerando a perspectiva teórica, em contraposição às influências lingüísticas de cunho estruturalista sofridas pela perspectiva luriana (JAKOBSON, 1969; 1970), itens 1.2. e 1.3., vimos que a ND adota uma concepção de linguagem abrangente, de cunho discursivo, conforme FRANCHI (1976; 1992).

Considerando a metodologia, em contraposição aos procedimentos avaliativos e experimentais presentes na perspectiva luriana, na ND há o abandono de procedimentos experimentais e a substituição de procedimentos avaliativos pautados em testes por procedimentos avaliativos, e mesmo de intervenção, de cunho discursivo (COUDRY, 1986, 1988).

Consideramos, assim, que o ganho de uma análise neurolinguisticamente orientada para o estudo das relações entre *linguagem e atenção* assim se resume:

- a) pelo aspecto dos estudos da atenção, a ND, apoiada na perspectiva luriana, representa o tratamento do objeto por um diferente ponto de vista, no caso um ponto de vista mais humanista, aparentemente não explorado atualmente.

b) pelo aspecto dos estudos da linguagem, a ND opera com um aporte teórico (VIGOTSKI, 2000; LURIA, 1970; 1984; 1991) que atribui à linguagem um lugar central e de grande importância para a formação, a estruturação e a reorganização dos processos psíquicos.

c) pelo aspecto das relações entre linguagem e atenção, considerando-se a perspectiva luriana, a ND, mesmo incorporando-a, representa um novo enfoque teórico uma vez que articula com uma concepção de linguagem abrangente e com a metodologia do *dado-achado*.

Veremos, ainda, no capítulo 2, que, no caso particular deste estudo e tendo em vista a própria ND, a pesquisa feita a partir do banco de dados busca evidenciar o potencial de pesquisa do BDN para novas pesquisas nessa linha.

Capítulo 2.

Metodologia.

“A avaliação e o acompanhamento da linguagem dos sujeitos afásicos se fez a partir de situações discursivas, dialógicas, que são o modo de ação primeiro em que se exercita a linguagem oral. Assumo, como tenho reiterado, que o processo dialógico caracteriza a linguagem e é o lugar de constituição para outros modos de ação verbal. *No procedimento metodológico, portanto, evitaram-se os procedimentos clássicos de obtenção de ‘expressões lingüísticas’ em situações controladas (formulários, testes, etc.): cabe ao pesquisador encontrar os métodos de análise e sistematização dos dados variados que nascem de discursos produzidos em contextos reais*” (COUDRY, 1986; 1988; *grifo nosso*).

Os dados utilizados nesta reflexão são extraídos do Banco de Dados em Neurolingüística (BDN). Conforme vimos no Capítulo 1 (item 1.3.3.), o BDN (vinculado ao Projeto Integrado em Neurolingüística/CNPq 521773/95-4) é formado por gravações em vídeo, registros em diário (do pesquisador), transcrições e *découpages* de sessões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/FCM/Unicamp).

Como utilizamos o BDN, é importante ressaltar que não nos dedicamos ao acompanhamento clínico do paciente. Nossa posição enquanto investigadora não é – como diz COUDRY (1992, p. 168) – a de “*um verdadeiro interlocutor que participa do espaço de linguagem em que o sujeito se reconstitui*”. Nossa posição é a de um investigador, um analista da linguagem, posição que o terapeuta assume quando, revendo os dados, se volta para analisá-los, agora com um outro olhar, com certo distanciamento inerente a um observador externo. Isso, contudo, não significa um distanciamento do estatuto do *dado-achado*, uma vez que o dado continua sendo o produto de articulação de teorias com práticas de avaliação e acompanhamento clínico (COUDRY, 1996, p. 183).

Tendo em vista que há material arquivado desde o início das atividades do CCA (em áudio e vídeo), foi necessário fazer uma delimitação da base de dados do BDN que seria

consultada para este trabalho. O material selecionado e os critérios de seleção, explanamos no item que segue.

2.1. Base de dados do BDN selecionada para pesquisa.

A base de dados consultada para o desenvolvimento deste trabalho se restringiu ao período de 1998-1999 e a alguns dados de material mais recente.

A opção pelo período de 1998 e 1999 se justifica pelos seguintes motivos:

- a) periodicidade de sessões já transcritas;
- b) transcrições de sessões de 1998 em diante comportam a nova configuração do BDN, que passou a incorporar as colunas com observações sobre condições de produção do enunciado verbal e não-verbal em suas normas de transcrição (o que é importante para o analista que não fez o acompanhamento junto ao sujeito), como exemplo veja-se os dados apresentados nos Capítulos 3 e 4;
- c) distanciamento temporal.

Em vista disso, o material do BDN que foi selecionado para a pesquisa de dados, desse período, é o equivalente a dezenove sessões do CCA, conforme descrição que segue (Quadro 1).

Quadro 1. Sessões selecionadas, já transcritas.

	Data da sessão	Participantes (sujeitos)	Participantes (investigadores)
1.	05/08/1998	SM, JB, SI , OP, LC, CF , TS, NF, EF , SP	Imc, Ima
2.	12/08/1998 (F1) 12/08/1998 (F2)	SI , LC, CF , TS, EF , SP, CL, AG, Miguel, Álvaro	Imc, Ima, Irp
3.	26/08/1998	SP, OP, TS, LC, EF , CF , Manuel, Miguel, Edvaldo	Imc, Ima, Flávia
4.	30/09/1998 (F1) 30/09/1998 (F2)	CL, LC, SP, CI, SI , CF , Lázaro, Manuel, SM	Imc, Ima, Irp, Ida, Cláudia,
5.	01/10/1998	JG	Imc, Ime
6.	07/10/1998 (F1)	CL, SP, CI, SI , CF , SM, Lázaro, Manuel	Imc, Ima, ,Irp, Ida, Cláudia, Flávia
7.	14/10/1998 (F1) 14/10/1998 (F2)	LC, SI , CF , EF , JB, CI, LM, SP, Clarisse, Manoel,	Ime, Ana, Ida
8.	18/10/1998	CF , LM, SI , SP, LC, CI	Imc, Ime, Iap, Ida
9.	25/11/1998	SI , LM, SP, EF , MS, CS, AG	Imc, Iem,
10.	02/12/1998	CF , SI , LM, SP, EF , MS, CS, JB, Lázaro	Iem, Irp
11.	17/03/1999	CF , SP, CI, JB, EF , Manoel	Imc, Ime, Iap, Ida, Ijt
12.	31/03/1999 (F1) 31/03/1999 (F2)	CI, SP, JB, SI , CL, EF , Manoel	Imc, Ida, Flávia, Ijt
13.	14/04/1999 (F1) 14/04/1999 (F2)	CL, SP, SI , EF , JB, CF , CI, AG, Lázaro	Imc, Irp, Ida
14.	28/04/1999 (F1) 28/04/1999 (F2)	CL, SP, SI , EF , JB, CF , CI, AG, Edvaldo	Imc, Irp, Iem
15.	26/05/1999 26/05/1999-a	SP, SI , EF , SM, JB, AG, Edvaldo	Imc, Iap, Iem, Ijt
16.	23/06/1999	SP, SI , EF , JB, CI	Imc, Iff, Iem, Iap
17.	11/08/1999	SP, SI , EF , JB, CI	Imc, Iff, Ijt
18.	18/08/1999 (F1)	SP, SI , EF	Imc, Ijt, Iem, Iap
19.	01/09/1999 (F1)	SP, SI , EF , CF , JB, CI	Imc, Ijt, Iem, Irp

De material atual selecionamos para a pesquisa cinco sessões do CCA correspondentes aos meses de maio/2006 e agosto/2006, conforme Quadro 02:

Quadro 2. Sessões selecionadas, atuais.

	Data da sessão
01	05/05/2006
02	04/08/2006
03	11/08/2006
04	18/08/2006
05	25/08/2006

Trata-se de material que começou a ser gravado em DVD¹¹, cuja transcrição realizamos somente de alguns trechos, de acordo com a utilização dos dados.

¹¹ Em janeiro de 2006, no âmbito do Projeto Integrado em Neurolinguística e com verba do CNPq, o CCA adquiriu uma filmadora digital JVC Mod. GZ-MG 40U, desde então o BDN passou a ter suas imagens capturas pelo computador e gravadas em DVD.

Utilizamos, também, alguns dados levantados (em sessões individuais) por pesquisadores do grupo de estudos em Neurolingüística (Grupo II/IEL/Unicamp) que não pertencem às sessões acima relacionadas.

No primeiro contato que tivemos com o BDN para seleção e organização do material a ser usado neste trabalho, percebemos a necessidade de sistematizar, sinteticamente, a história, situação e condições dos sujeitos. Tais informações eram (e são) passíveis de serem conseguidas (ou complementadas) via relatos de acompanhamentos clínicos presentes em dissertações e teses defendidas no Programa de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, na área de Neurolingüística, e, também, via cadernos de registros das sessões, em que há anotações dos pesquisadores a respeito de cada sessão.

Realizamos, então, uma pesquisa a fim de obter algumas informações básicas e comuns aos vários sujeitos que freqüentaram (ou ainda freqüentam) o CCA e que aparecem em gravações e transcrições das sessões selecionadas. Para tanto tomamos por base a busca pelas seguintes informações, apresentadas em forma de uma ficha (Figura 2).

Figura 2. Ficha para apresentação do sujeito (BDN).

BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)	
NOME	
SIGLA DO PACIENTE	
TESES RELACIONADAS	
Naturalidade	
Endereço	
Estado civil	
Idade	
Sexo	
Preferência manual	
Escolaridade	
Profissão	
Atividades ocupacionais atuais	
Etiologia da lesão (laudo do exame)	
Acompanhamento	
História pregressa da queixa	
Aspectos lingüísticos-cognitivos	
Observações	

As fichas dos sujeitos cujos dados analisamos nesta pesquisa se encontram no Anexo 01, no final do trabalho. Na seqüência, apresentamos um resumo das informações nelas contidas.

2.2. Sujeitos

Tendo delimitado o *corpus* (Quadro 01 e 02) e feito o levantamento das fichas dos sujeitos participantes das respectivas sessões, selecionamos três sujeitos com lesões ou no Bloco I ou no Bloco III, pois, conforme vimos no item 1.2.2., segundo LURIA (1984, p. 237) a atenção vai ser regulada por estruturas do Bloco I (sistema límbico) e Bloco III (região frontal). Esses três sujeitos são SI, CF e EF.

Os sujeitos SV e JS também fazem parte desta pesquisa. Notamos, contudo que no caso deles, em relação ao levantamento dos dados, o movimento foi diferente. Ou seja, SI, CF e EF foram selecionados pela etiologia que apresentam para, a partir daí, procedermos a pesquisa por dados na base delimitada para este trabalho, enquanto que no caso de SV e JS partimos dos dados com os quais nos defrontamos em nosso grupo de estudos¹² para em seguida averiguar a etiologia da lesão.

Tendo em vista a situação atual dos sujeitos selecionados em relação ao CCA, temos que:

- EF faleceu há três anos (em 2004);
- SI freqüenta atualmente o Grupo I/CCA (em 2007);
- CF e SV freqüentam atualmente o Grupo II/CCA (em 2007); e
- JS, que até então também freqüentava o Grupo II/CCA, faleceu recentemente (no primeiro semestre de 2007).

Vejamos agora, resumidamente, a natureza da etiologia e a história dos sujeitos SI, EF, CF, SV e JS.

2.2.1. SI

SI é descendente de japoneses da primeira geração (nissei), casada, mãe de quatro filhos e residente em Campinas. SI tinha, na ocasião, 59 anos; hoje, ainda participando do

¹² *Seminários temáticos (LLA17)*, em forma de disciplina, que ocorreram no IEL/Unicamp, em 2005 e 2006, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

Grupo I do CCA, tem por volta de 67 anos. Estudou até a quarta série do primeiro grau, trabalhando na roça durante quase toda a vida, passando depois a ajudar os filhos a cuidar de uma relojoaria.

Em 1988, SI sofreu um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCh), apresentando como sintomas clínicos cefaléia, confusão mental e afasia. A tomografia computadorizada de crânio mostrou hipodensidade comprometendo o **lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo**.

SI relatou que seus pais falavam japonês, mas os irmãos falavam português. Seu marido, também japonês, fala português. Sua língua materna foi o japonês, pela convivência com os pais, mas a partir dos seis anos, quando passou a freqüentar a escola no sítio em que vivia, o português tornou-se a língua usual. Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita e que, após o AVC, não tinha mais essa possibilidade.

2.2.2. EF

EF é natural de Uauá - Bahia, mas residente em Piracicaba. Casado, pai de três 03 filhos. Tinha, na ocasião, 67 anos; em dezembro de 2004, com cerca de 72 anos, EF faleceu. EF era graduado em Direito, mas passou a exercer a função de massagista.

EF era hipertenso e, em 21/12/1988, apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da Unicamp. Instalou-se em EF um quadro de hemiplegia direita com maior predominância em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi). Nessa época, EF passava por grandes dificuldades profissionais e vivia um período particularmente tenso de sua vida, trabalhando em São Paulo. O laudo do exame revelou um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) em território da artéria cerebral média esquerda, **com comprometimento da cápsula interna na região diencefálica profunda (tálamo)**.

A produção oral de EF se caracterizava, em geral, pelo uso somente dos nomes, o que na literatura é chamado de estilo telegráfico. A articulação da fala era bastante problemática, gerando seqüências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertenciam ao inventário fonológico da língua portuguesa (Freitas, 1997).

2.2.3. CF

CF é natural de Bandeirantes - PR, mas residente em Piracicaba. CF é solteira, tem atualmente por volta de 45 anos, freqüentando, ainda, as sessões do CCA. CF é graduada em Terapia Ocupacional e exercia sua profissão em um centro de atendimento especializado em deficiência mental por ocasião do episódio.

Em 1985, apresentando quadro de cefaléia intensa, CF sofreu súbita perda de consciência por ruptura de aneurisma e submeteu-se à intervenção cirúrgica. Sua lesão se caracteriza por ruptura de um aneurisma (AVCh) na base da artéria cerebral média esquerda; a tomografia, realizada após a intervenção cirúrgica, revelou o **comprometimento de áreas corticais e subcorticais das regiões frontal, temporal e parietal**, acometendo, pois, estruturas e circuitos neurais envolvidos com a linguagem.

Iniciou tratamento fisioterápico e terapêutico ocupacional ainda quando hospitalizada e os acompanhamentos fonoaudiológico e pedagógico (aulas particulares para reaprender a ler e escrever) foram iniciados assim que recebeu alta hospitalar. Segundo sua mãe, CF sempre se mostrou motivada com os acompanhamentos terapêuticos, apesar de não ter se adaptado à metodologia de trabalho da primeira fonoaudióloga (profissional não integrada ao CCA), irritando-se especialmente com os exercícios de órgãos fonoarticulatórios apresentados descontextualizadamente. Em novembro de 1990, CF passou a ser acompanhada clinicamente, em neuropsicologia, neurolingüística e fonoaudiologia, na UNNE (Unidade de Neurologia e Neurolingüística da Unicamp) e, em março de 1991, passou a participar das sessões do CCA.

A característica mais marcante da linguagem de CF é a dificuldade com a iniciativa verbal: suas tentativas para iniciar a expressão oral, geralmente, resultam na produção da

estereotípiã /e'saw/ que varia em intensidade, ritmo, velocidade e tom, de acordo com o seu intuito discursivo; nesse sentido os aspectos entonacionais da linguagem de CF se encontram preservados e atuam como importantes elementos na significação.

2.2.4. SV

SV é natural de Pouso Alegre-MG, residente na região de Campinas. SV nasceu em 1959, é separado, graduado em Engenharia Elétrica, se encontra afastado de suas atividades, recebendo uma pequena aposentadoria pelo INSS. SV frequenta as sessões do CCA atualmente.

Os primeiros sintomas de SV surgiram há vinte anos, quando o paciente cursava engenharia elétrica. Após dez anos de tratamento para epilepsia, os médicos diagnosticaram uma lesão tumoral. SV decidiu fazer a cirurgia. Em 14/02/2003, SV foi submetido a um procedimento cirúrgico para retirada do tumor, que resultou em uma **lesão tumoral infiltrativa, localizada no lobo temporal, uncus, hipocampo, giro parahipocampal.**

SV tem por língua materna o português, mas fala inglês com fluência, mesmo após a cirurgia. Antes da cirurgia, o paciente tinha o hábito de ler jornais, revistas e trabalhava na internet constantemente. Em função do cargo que exercia, trabalhava com o microcomputador diariamente, escrevendo relatórios.

Após a cirurgia, SV relata muita dificuldade para ler e principalmente para escrever, dizendo que tem dúvidas sobre qual letra deve usar. A única coisa que consegue escrever sem muita dificuldade é o seu nome.

2.2.5. JS

JS é natural da Holanda (Amsterdã), mas vive no Brasil desde os 23 anos, residindo na região de Campinas. JS é casado com uma brasileira e tem três filhos. Técnico em química, JS atuava em renomadas empresas multinacionais, antes de se aposentar aos 60

anos; sua última função foi diretor de produção (na área de tintas). JS freqüentava as sessões do CCA até recentemente, mas faleceu no primeiro semestre de 2007.

A lesão que JS apresenta é decorrente de três AVCs. Segundo informações do neurologista, JS foi submetido a endarterectomia das carótidas (obstrução total à direita e 70% da esquerda) em 1998 (ocasião do primeiro AVC), apresentando, após tal procedimento cirúrgico, déficit motor direito e nenhum distúrbio de linguagem. Em 1999 sofreu mais dois AVCs. Em 2000, JS sofreu, também, um infarto do miocárdio. Realizado em 17/09/99 (época do terceiro AVC), no relatório do exame de tomografia computadorizada do crânio consta: “**áreas de infartos antigos têmporo-parietal à direita e centro semi-oval e parietal alto à esquerda**”.

Mesmo após os três AVCs, JS continua falando sua língua materna (o holandês) e o português fluentemente, e, ainda, inglês e alemão não fluentemente; lendo português, holandês, inglês e francês, e, escrevendo português e holandês (PEREIRA, 2006). Após os AVCs a escrita no computador tornou-se para ele mais fácil do que a escrita a mão.

*

Em resumo e fazendo uma correlação entre lesão e unidades funcionais (conforme LURIA, 1970, 1984), podemos observar o panorama apresentado no seguinte quadro:

Quadro 3. Sujeitos e respectivos blocos afetados.

SUJEITOS	BLOCOS (UNIDADES FUNCIONAIS)
SI	Blocos I, II e III afetados.
EF	Bloco I afetado.
CF	Blocos II e III afetados.
SV	Blocos I e II afetados
JS	Bloco II afetado.

Vejamos, na seqüência, a relação dos dados desses cinco sujeitos que selecionamos para análise.

2.3. *Dados*

A partir do exposto até aqui, selecionamos vinte e três dados, conforme segue:

a) SI

Dado 01/SI - *Ah... ah* (Fonte: Sessão de 31/03/1999-F2)

Dado 02/SI - *Eu cuido* (Fonte: Sessão de 31/03/1999-F2)

Dado 03/SI - *Cemitério ou tulipa?* (Fonte: Mármora, 2000, p. 93)

b) EF

Dado 01/EF - Brasília (Fonte: Sessão de 26/05/1999)

Dado 02/EF - *Remar?* (Fonte: Sessão de 14/04/1999)

Dado 03/EF - *Placenta* (Fonte: Sessão de 02/12/1998)

c) SV

Dado 01/SV - *Na verdade estou tentando...* (Fonte: Sessão de 27/10/2004)

Dado 02/SV - *Iraci* (Fonte: Sessão de 11/08/2006)

Dado 03/SV - *Prandego* (Fonte: Sessão de 18/08/2006)

Dado 04/SV - *Pintura com pincel* (Fonte: Sessão de 18/08/2006)

d) CF

Dado 01/CF - *e'saesaw* (Fonte: Sessão de 24/02/2003)

Dado 02/CF - *O que você gosta de fazer no seu dia a dia?* (Fonte: Sessão de 04/04/1999-FII)

Dado 03/CF - *Natal?* (Fonte: Sessão de 30/09/1998)

Dado 04/CF - *Carnaval* (Fonte: Sessão de 02/12/1998)

Dado 05/CF - *Corinthians* (Fonte: Sessão de 14/04/1999)

Dado 06/CF - *Tic tic* (Fonte: Sessão de 08/09/2004)

Dado 07/CF - *Paçoquinha* (Fonte: Sessão de 23/06/2003)

e) JS

Dado 01/JS - *“Três e nove”...* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Dado 02/JS - *Não posso falar, fica feio* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Dado 03/JS - *João* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Dado 04/JS - *Ti, ta, tó* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Dado 05/JS - *Não é 50 isso aqui seu porcão* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Dado 06/JS - *Here* (Fonte: Sessão individual/(Pereira, 2006)).

Prossigamos, agora, com a análise e discussão desses dados.

Capítulo 3.

O trabalho com a linguagem pela via da atenção.

“na dúvida do prendedor e pregador ... pren ...//.” (Iff)
 ”prandego” (escrito na lousa por SV)

O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar. (Icm)
 “Lembra ce...cemitério”. (SI)

“...aliás, uma coisa que eu acho que a gente pode estar fazendo
 é praticar a escrita, né?” (Ijt)
 “*escritaa...*” (CF)

Para a análise que fazemos neste capítulo, organizamos os dados em três conjuntos (itens **3.1.**, **3.2.** e **3.3.**), pois acreditamos que cada um deles expresse diferentes aspectos de inter-relações entre linguagem e atenção.

A hipótese da mútua constitutividade, vista na introdução e retomada no capítulo 1, nos guiou na análise dos dados e a partir dela chegamos a outras hipóteses/explicações mais específicas, uma para cada conjunto de dados. Essas hipóteses/explicações evidenciarão o trabalho com linguagem pela via da atenção; um trabalho ora consciente, ora inconsciente (cf. FRANCHI, 1976, p. 54 e LURIA, 1991). Vejamos cada uma delas no corpo de cada item.

Lembramos ao leitor que, em cada item, respectivamente, procuramos explicitar, resumidamente, noções teóricas que fundamentam tais hipóteses mais específicas e que não foram vistas no capítulo **1**.

3.1. SI, EF e SV e a atividade (in)consciente: seletividade/contigüidade e atenção.

Começamos a análise desse conjunto de dados com os dados de SI. Na seqüência, analisamos os dados de EF e SV.

3.1.1. SI

Um resumo da história de SI pode ser resgatado no item 2.2. Lembramos que, conforme Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), SI apresenta os Blocos I, II e III afetados.

Vejamos o primeiro dado:

[1] Dado 01/SI - ah... ah

Fonte: Sessão de 31/03/1999-F2 - FITA 91 [37:00].

Contexto: Ijt conversa com o grupo sobre uma possível encenação teatral que fariam, para isso começa perguntando o que cada um faz e depois o que cada um fazia.

Código de Busca	Número	Sigla Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
\?	884	Ijt	a senhora trabalhou também, SI		
\?	885	Ijt	quando... quando era moça?		
	886	SI	eu trabalhei		
\?	887	Ijt	no que a senhora trabalhou?		
\?	888	Ijt	a senhora lembra?		
\?	889	Ijt	o primeiro lugar que a senhora trabalhou fora de casa?		
\rir	890	SI	na roça		
\!	891	Ijt	na roça!		
\?	892	Ijt	a senhora plantava o quê?		
\her	893	SI	é... tudo		
\!	894	Ijt	tudo!		
\?	895	Ijt	não era uma... uma... uma plantação de alguma coisa?		

	896	EF	ah... ah...	tentando chamar atenção de Ijt	Estende o braço e toca na perna de Ijt
\?	897	Ijt	[que que era?		
				pausa	Ijt atenta para a escrita de EF
V	898	SI	é		
\?	899	Ijt	o que que a senhora plantava, SI?		Voltando-se para SI
\her	900	SI	é... é... tudo é...		
\her	901	SI	lavou é...		
\?	902	Ijt	lavou do quê?		
\her	903	SI	é...		
\?	904	Ijt	não era milho?		
\?	905	Ijt	o que que era?		
\neg	906	SI	não... não é isso		
\her	907	SI	é... ai, ai	pausa	
\?	908	SP	salada?		
\?	909	SI	o que?		
\her	910	SP	salada... um... um... totu lá	tentando dizer tomate	
	911	Ijt	tomate		
\!	912	SI	é!		
	913	Ijt	ah, plantava tomate		
	914	Ijt	era só tomate que tinha		
	915	Ijt	só tomate		
\her	916	SI	ele... ele... ele		
	917	SP	feijão		
	918	SI	não, não		
\her	919	SI	é... repolho também		
	920	Ijt	repolho também		
\aí	921	Ijt	então era uma horta grande		
	922	Ijt	onde se plantava repolho, tomate		
\?	923	Ijt	alface também?		
	924	SI	alface também		
\ta	925	Ijt	alface, ah tá		
\her	926	SI	duas coisas... três coisas		
	927	Ijt	três coisas		
	928	SI	uma porcentagem		
	929	Ijt	ganhava uma porcentagem		
	930	Ijt	a senhora ganhava por porcentagem		
	931	SI	é		
\com	932	Ijt	quanto mais a senhora colhia		
	933	Ijt	pesava		
\aí	934	Ijt	aí paga uma parte para a senhora		
\?	935	Ijt	esse foi o primeiro trabalho da senhora na roça?		
\?	936	Ijt	na... foi na roça?		
	937	SI	foi		
\tá	938	Ijt	ta		
\her	939	SI	e... e depois e-eu... é... é... eu é... tra... tra... di... di dia inteiro na roça		

\!	940	Ijt	trabalhava dia inteiro na roça!		
	941	Ijt	depois a senhora casou		
\?	942	Ijt	e parou de trabalhar na roça?		
\her	943	SI	e: e... e... té... té... é... é... chama?	pausa	
\!	944	SI	aí, meu Deus!		
\her	945	SI	aquele... aí, aí, aí	pausa	olhando para baixo
\?	946	Ijt	isso foi aonde?		
\her	947	Ijt	no... no... no interior, lá na roça ainda?		
\her	948	SI	é... é... é... é... é... é...	SI ri	
\com	949	Ijt	está ficando igual ao EF!		
\!	950	Ijt	está escrevendo na perna!	SI ri	
\!	951	Ijt	daqui há pouco a senhora está escrevendo nos outros também!	SI ri	
	952	EF	[ah... ah	EF tenta chamar atenção de Ijt	EF inclina a prancheta em que escrevia tentando mostrar a Ijt o que escreveu. Ijt atenta para a prancheta enquanto brinca com SI
\imp	953	Ijt	espera aí, deixa ela tentar lembra, seu EF		Ijt volta-se rapidamente para EF e volta a se concentrar na conversa com SI.
\her	954	SI	é... é...		EF volta-se rapidamente para SI e volta a escrever.
\her	955	SI	aquele... quel... quel... quel... de... de		
\her	956	SI	vende é... é... é... ver-verdura		
\?	957	Ijt	verdura?		
	958	Ijt	verdureiro		
\neg	959	SI	não	JB ri da maneira de SI	
\!	960	Ijt	aquele que vende verdura, ué		
\her	961	SI	aí... é... é... é...		
\her	962	Ijt	quitanda, uma quitanda		
\neg	963	SI	não... não		
\?	964	Ijt	o que que é que a senhora quer falar?		
\her	965	SI	aposentado... é...não é		
	966	SI	arroz também		
\her	967	SI	o que que é...		
\?	968	Ijt	a senhora trabalhou também na plantação de arroz?		
\?	969	Ijt	mas a senhora não trabalhou em plantação de arroz, trabalhou?		
\neg	970	SI	não... não		

	971	SI	eu trabalhei		
	972	Ijt	trabalhou na plantação de arroz também		
\!	973	SI	e... supermercado!		
\?	974	Ijt	supermercado?		
\?	975	Ijt	a senhora trabalhou no supermercado?		
	976	SI	o supermercado de vender coisas perdeu tudo, tudo, tudo		
\?	977	Ijt	perdeu tudo?		
\?	978	Ijt	a senhora teve um supermercado?		
\!	979	SI	ah, é! teve um supermercado		
\?	980	Ijt	a senhora teve?		
\?	981	Ijt	a senhora é dona de um supermercado?		
\her	982	SI	oh, do-dona de um supermercado e... e...		
\?	983	Ijt	ah, seu marido é... é dono também?		
\?	984	Ijt	ele é dono de um supermercado?		
\?	985	Ijt	a senho... senho... senhora tinha um supermercado		
\?	986	Ijt	mas aí perdeu tudo?		
\her	987	SI	perdeu... perdeu porque... porque é... é...	SI ri	
\her	988	SI	é... é... é... ven-ven-vendia por... por... por... por porcentagem, né?		
\neg	989	SI	i: descontava não		
\her	990	SI	então é... aí... aí...		
\aí	991	Ijt	entendi, aí ele levou prejuízo		
\!	992	SI	ah é!		
\neg	993	Ijt	e aí não deu certo		
\her	994	SI	i: depois é...		
	995	SI	ah, fiado vendeu		
	996	Ijt	vendeu fiado		
\To m	997	SI	oh!	tom: afirmativo	
\neg	998	Ijt	aí não pagaram		
\:	999	SI	[ah é:		
\aí	1000	Ijt	aí quebrou		
\!	1001	Ijt	ta vendo!		
\!	1002	Ijt	vender fiado é complicado!		
\!	1003	SI	[é mesmo, oh!		
\her	1004	Ijt	então, é... é...		
\?	1005	Ijt	essa coisa que a senhora está falando		
\?	1006	Ijt	era um supermercado ou era uma... uma... uma beneficiadora?		
\?	1007	Ijt	aqueles cooperativas?		
			RECORTE		

Ijt faz uma espécie de entrevista com os membros do grupo. Neste dado apresentamos um recorte do momento em que o investigador conversa com SI. Notemos como Ijt faz várias perguntas à SI, que apesar de responder às questões, apresenta dificuldades com a linguagem, dificuldades que podem ser notadas, primeiramente, pelas várias pausas e hesitações de SI, como podemos observar nos seguintes trechos retirados do dado 01/SI:

			RECORTE		
\her	907	SI	é... ai, ai	pausa	
			RECORTE		
\her	943	SI	e: e... e... té... té... é... é... chama?	pausa	
\!	944	SI	aí, meu Deus!		
\her	945	SI	aquele... aí, aí, ai	pausa	olhando para baixo
			RECORTE		

Muito mais do que pausas e hesitações, essas dificuldades de SI indicam, conforme JAKOBSON (1969, 1970), um distúrbio da similaridade, ou seja, SI tem dificuldades com a seleção e substituição. Retomemos o contexto imediatamente anterior à linha 907, em que aparece uma hesitação de SI, conforme segue, e poderemos observar que a hesitação e a pausa na verdade nascem porque SI tenta dizer do que era a “*lavoura*” em que trabalhou, mas não consegue:

			RECORTE		
\her	900	SI	é... é... tudo é...		
\her	901	SI	lavoura é...		
\?	902	Ijt	lavoura do que?		
\her	903	SI	é...		
\?	904	Ijt	não era milho?		
\?	905	Ijt	o que que era?		
\neg	906	SI	não... não é isso		
\her	907	SI	é... ai, ai	pausa	
			RECORTE		

Também no trecho que se inicia na linha 943, se retomarmos o contexto imediatamente anterior, há evidências de que SI apresenta distúrbio da similaridade. Notemos quando SI tenta dizer “*trabalho*” e desiste. Notemos, também, quando diz “*chama?*”, “*ai, meu Deus*”, “*aquele... ai, ai ai*”, o que marca a sua busca para encontrar o que quer dizer e a sua angústia por não conseguir.

			RECORTE		
\her	939	SI	e... e depois e-eu... é... é... eu é... tra... tra... di... di dia inteiro na roça		
\!	940	Ijt	trabalhava dia inteiro na roça!		
	941	Ijt	depois a senhora casou		
\?	942	Ijt	e parou de trabalhar na roça?		
\her	943	SI	e: e... e... té... té... é... é... chama?	pausa	
\!	944	SI	aí, meu Deus!		
\her	945	SI	aquele... aí, aí, ai	pausa	olhando para baixo
\?	946	Ijt	isso foi aonde?		
\her	947	Ijt	no... no... no interior, lá na roça ainda?		
\her	948	SI	é... é... é... é... é... é...	SI ri	
			RECORTE		

Um outro trecho que nos chama a atenção para as dificuldades que SI tem com a seleção e substituição é o que segue:

			RECORTE		
\her	954	SI	é... é...		EF volta-se rapidamente para SI e volta a escrever.
\her	955	SI	aquele... quel... quel... quel... de... de		
\her	956	SI	vende é... é... é... é... ver-verdura		
\?	957	Ijt	verdura?		
	958	Ijt	verdureiro		
\neg	959	SI	não	JB ri da maneira de SI	
\!	960	Ijt	aquele que vende verdura, ué		
\her	961	SI	aí... é... é... é...		
\her	962	Ijt	quitanda, uma quitanda		
\neg	963	SI	quitanda não... não		
\?	964	Ijt	o que que é que a senhora quer falar?		
\her	965	SI	aposentado... é... não é		
	966	SI	arroz também		
\her	967	SI	o que que é...		
\?	968	Ijt	a senhora trabalha também na plantação de arroz?		
\?	969	Ijt	mas a senhora não trabalhou em plantação de arroz, trabalhou?		
\neg	970	SI	não... não		
	971	SI	eu trabalhei		
	972	Ijt	trabalhou na plantação de arroz também		
\!	973	SI	e... supermercado!		
			RECORTE		

SI tenta dizer “supermercado”, que “trabalhou em um supermercado”, nessa tentativa SI vai dizendo:

- “*vende verdura*”, dizendo uma das funções do supermercado;
- “*aposentado*”, palavra totalmente fora de contexto, provavelmente dita pela rima que “aposentado” tem com “supermercado”, sendo (a)traída pela rima “ado”;
- “*arroz também*”, dizendo uma outra função do supermercado, que é vender arroz e que portanto o torna diferente de “quitanda”;
- “*supermercado*”, finalmente dizendo o que pretendia.

“Aposentado” é uma palavra que SI escolhe, mas que logo em seguida, após pronunciá-la, reconhece como não sendo aquilo que queria dizer, e por isso logo diz “*não*

é”. Já as expressões “*vende verdura*” e “*arroz também*” são circunlocuções que SI faz e que conforme JAKOBSON (1969, p. 45) podem indicar o distúrbio da similaridade.

Vejamos o que diz JAKOBSON (1969, p. 45):

“A mesma dificuldade surge quando se pede ao paciente que diga o nome de um objeto indicado ou manipulado pelo observador. O afásico que sofre de distúrbio da função de substituição não completará o gesto do observador - de indicação ou manipulação - com o nome do objeto indicado. Em vez de dizer ‘isso é [chamado] lápis’, acrescentará simplesmente uma observação elíptica acerca do seu uso: ‘Para escrever’. (...) Para os afásicos, ambos os signos se encontram em uma distribuição complementar: se um for apresentado pelo observador, o paciente evitará seu sinônimo (...). Assim também, o desenho de um objeto ocasionará a perda de seu nome: um signo verbal é substituído por um signo pictural. Quando se apresentou a um paciente de Lotmar o desenho de uma bússola, ele respondeu: ‘Sim, é um sei de que se trata mas não consigo lembrar-me da expressão técnica Sim direção para indicar direção uma agulha imantada indica o Norte’. Esses doentes, como diria Peirce, não chegam a passar de um índice ou de um ícone ao símbolo verbal correspondente” (JAKOBSON, 1969, p. 45).

Voltando a SI, tendo por base o que diz JAKOBSON (1969, p. 45), podemos considerar que SI sabe o que quer dizer e que tem a imagem do supermercado na memória, por isso é capaz de fazer as circunlocuções “*vende verdura*” e “*arroz também*”, mas não consegue selecionar o símbolo verbal correspondente. É interessante notarmos que em momentos como esse, é como se SI se utilizasse da contigüidade a serviço da seletividade.

No dado 02/SI, que apresentamos a seguir, também podemos notar as dificuldades que SI tem com a seleção e substituição.

[2] Dado 02/SI - Eu cuido

Fonte: Sessão de 31/03/1999-F2) - FITA 91 [14:43]

Contexto: Ijt conversa com o grupo sobre uma possível encenação teatral que fariam, para isso começa perguntando o que cada um faz. Em dado momento SI tenta conseguir o turno.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
\aí	289	Ijt	bom, então a gente tem SP cuidando da horta, do jardim		SI levanta um dos braços e depois abaixa
\rir	290	Ijt	fazendo instalação elétricas	SI ri	
\her	291	SP	Tem... tem... pedreiros, né		SI ameaça levantar o braço de novo
\!	292	Ijt	Faz até serviço de pedreiro!		
\rir	293	SP	Oh!	o grupo ri do comentário de SP	

\!	294	Ijt	pôxa! aí, JB!		SI ameaça levantar o braço
V	295	Ijt	a gente pode projetar um prédio e o SP		
	296	Ijt	trabalhar para nós, não é?	o grupo ri do comentário de Ijt	
	297	SI	eu cuido		SI levanta o braço
\her	298	SP	[você vê lá o... o... forno... isso lá... lá		
\her	299	SP	é tudo... é tudo à mão, não é?		
\her	300	SP	o... pra... construído, né		
	301	Ijt	o senhor construiu		
\To m	302	SP	[noj:s]	tom: exclamação	
\her	303	SI	oi, eu cuido... cuido-do dois cachorros, né?		SI levanta o braço
\her	304	SI	é... um do... do... do... do [daj'oto]		
\her	305	SI	e outra esta... esta... esta tamanho		SI com o braço mostra o tamanho do cachorro
\né	306	SI	e eu passo no mercado também		
	307	Ijt	a senhora compra		
	308	Ijt	Faz compras no mercado		
\her	309	SI	e depois eu... eu... eu... eu		
\?	310	Ijt	[cuida dos dois cachorros, é isso?		
	311	SI	do-dois cachorros e cozinheiro também		
	312	Ijt	cozinha		
	313	SI	e lavo pratos		
	314	Ijt	lava prato		
\her	315	SI	e... e... a crem... a coisa... passa roupa		
\!	316	Ijt	a senhora passa roupa		
\!	317	SI	oh!		
\!	318	Ijt	Ah é!		
\!	319	SI	tudo, tudo, tudo!		
\!	320	Ijt	olha, isso é uma ação simples e legal		
\!	321	Ijt	que é passar roupa!		
\!	322	Ijt	pegar ferro isso é legal!		
\!	323	SI	oh!		
\?	324	Ijt	cuidar dos cachorros?		
	325	SI	é		
\?	326	Ijt	são cachorros bravos?		
\neg	327	SI	não... não		
	328	Ijt	um cachorrão deste tamanho		Ijt mostra o tamanho do cachorro com o braço
\her	329	SI	um... um... um... um cachorro bravo		
\neg	330	SI	agora o outro não		
\?	331	Ijt	e são grandes		

\neg	332	SI	não		
\!	333	Ijt	é grandes, oh!		
\rir	334	SI	oh!	SI ri	
\?	335	Ijt	que raça que é o cachorro?		
\?	336	Ijt	a senhora sabe?		
	337	SI	esqueci		
\?	338	Ijt	ele é cão... cachorro policial?		
\her	339	Ijt	ou é aquele... aquele... aquele fila?		
\neg	340	Ijt	a senhora não sabe a raça dele		
\neg	341	SI	não sei nada		
\her	342	SP	eu tenho quatro... eu tenho pastor e um outro:: agora		
\neg	343	Ijt	não é o pitbull, não né		
\neg	344	Ijt	o senhor não tem um pitbull		
\neg	345	SP	não, não, não rsrs		
\her	346	Ijt	rotweiler, aquele... aquelas feras		
\her	347	SP	[é... é... aquele pintadinho		
\!	348	Ijt	ah, dálmata!		
	349	SP	é		
	350	Ijt	tem um dálmata e um pastor alemão		
	351	Ijt	são quatro		
	352	SP	eh		
\!	353	SI	pas... pastor alemão!		
\?	354	Ijt	pastor alemão?		
\!	355	SI	oh!		
\!	356	Ijt	ah, pastor alemão!		
\her	357	SI	[e... e... e... os dois		
	358	Ijt	os dois são pastores		
			RECORTE		

Notemos que, após SI entrar na conversa dizendo que tem dois cachorros, o investigador pergunta a raça deles. SI, na linha 337, responde “*esqueci*” e, na linha 341, após o investigador insistir na pergunta, responde “*não sei nada*”. No entanto, mais à frente, na linha 353, podemos perceber que a dificuldade de SI é com a seleção e não necessariamente se trata de ter “esquecido” ou “não saber a raça”. Observemos que, na linha 353, SI subitamente diz “*pastor alemão*” após ter ouvido o investigador confirmar com SP se ele tinha “*um dálmata e um pastor alemão*”, parecendo-nos que ao ouvir “*pastor alemão*”, SI encontra a palavra que anteriormente lhe faltou e que a levou a dizer “*esqueci*”.

Por esses dois dados que apresentamos ficam evidentes as dificuldades de SI com a seleção e substituição. Mas em que aspecto o distúrbio da similaridade de SI pode ser pensado em relação ao que nos propomos neste trabalho, ou seja, tendo em vista as relações entre atenção e linguagem?

Para discutirmos essa questão, consideremos antes a bipolaridade da linguagem (JAKOBSON, 1970, p. 53), as relações externas e internas, conforme expõe JAKOBSON:

“Os componentes de qualquer mensagem estão ligados necessariamente ao código por uma relação interna de equivalência e ao contexto por uma relação externa de contigüidade” (JAKOBSON, 1970, p. 48).

“Os constituintes de qualquer mensagem estão necessariamente ligados ao código por uma relação interna e à mensagem por uma relação externa. A linguagem, em seus diferentes aspectos, utiliza os dois modos de relação. **Quer mensagens sejam trocadas ou a comunicação proceda de modo unilateral do remetente ao destinatário, é preciso que de um modo ou de outro, uma forma de contigüidade exista entre os protagonistas do ato de fala para que a transmissão da mensagem seja assegurada.** A separação no espaço, e muitas vezes no tempo, de dois indivíduos, o remetente e o destinatário, é franqueada graças a uma relação interna: deve haver certa equivalência entre os símbolos utilizados pelo remetente e os que o destinatário conhece e interpreta. Sem tal equivalência, a mensagem se torna infrutífera - mesmo quando atinge o receptor, não o afeta” (JAKOBSON, 1969, p. 41; grifo nosso).

Mais precisamente consideremos quando JAKOBSON diz “*é preciso que de um modo ou de outro, uma forma de contigüidade exista entre os protagonistas do ato de fala para que a transmissão da mensagem seja assegurada*”, pois, considerando-se, também, a noção de hierarquia (JAKOBSON, 1970, p. 48), entendemos que SI, ao se encontrar em meio a um diálogo (que se instaura de modo semelhante a uma entrevista), se vê pressionada a dar conta de relações externas de contigüidade e contextura.

Parece-nos, assim, que SI, se vendo instada a dar conta de relações externas de contigüidade (nascidas discursivamente no diálogo), dispense maior atenção (considerando-se o grau) para a sua maior dificuldade, para a seleção de palavras, pois é da seleção que, em alguns momentos, depende o fluir do seu discurso. É como se SI, para suprir seu déficit, elege-se como primordial as relações internas, o que se traduz na seleção do que pretende dizer. Essa eleição, trata-se, é claro, entendemos nós, de uma escolha inconsciente, gerada pela necessidade e marcada pela oscilação, que traduz um trabalho epilingüístico de SI.

Vejamos o dado 03/SI e como podemos relacioná-lo com os dados 01/SI e 02/SI.

[3] Dado 03/SI - Cemitério ou tulipa?

Fonte: Dados coletados por Icm (Mármora, 2000, p. 93), em sessão individual.

Contexto: Icm submete SI a uma avaliação de praxias e gestos, estabelecendo uma interação na forma de diálogo. Icm pede a SI para acender uma vela e colocar no candelabro, que é um dos itens do teste de praxia ideatória. O candelabro usado no teste não é padrão, mas sim na forma de uma tulipa vermelha com um caule verde e uma base redonda da mesma cor e na forma de um pires. Depois da atividade ficam conversando sobre o candelabro.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	35	Icm	A senhora costuma acender vela		
	36	SI	Acendo vela quando luz apaga		
	37	Icm	A senhora acende para não ficar no escuro		
	38	Icm	A senhora acende, por exemplo para alguém que já morreu?		
	39	SI	Ah, acendo, ô		
	40	Icm	Acende prá lembrar dessa pessoa, pra lembrar dessa pessoa?		
	41	SI	Acendo		
	42	Icm	Tá legal. Agora eu queria que a senhora colocasse a vela no candelabro. Cadê o candelabro?		
	43	SI		Olha para os objetos dispostos na mesa (garfo, cadeado, martelo, envelope, tesoura e o candelabro)	
	44	Icm	Aonde a senhora está vendo um candelabro?		
	45	SI	Esse	Aponta o candelabro	
	46	Icm	Isso. Então vamos colocar a vela no candelabro		
	47	SI			SI coloca a vela na base do candelabro e não no local destinado para isto, ou seja no centro da tulipa
	48	Icm	Mas aí ela vai cair né		
	49	SI	É mesmo		
	50	Icm	Aonde a gente poderia colocá-la para que ela não caia? Este candelabro é um enfeite né dona SI?		
	51	SI	É mesmo. Óia assim		Versa a vela para que a cera pingue na base do candelabro. Em seguida fixa a vela no mesmo lugar que havia colocado antes

	52	Icm	Isso mesmo. Pode pôr. Aí dona SI. Ficou bonito?		
	53	SI	Ficou	Demonstra estar feliz por ter conseguido colocar a vela	
	54	Icm	Agora vamos apagar essa vela		
	55	SI			Apaga a vela soprando-a
	56	Icm	Ah! jóia. Só vou mostrar uma coisa pra senhora, vou dar uma outra idéia		
	57	SI	Tá		
	58	Icm	Vamos procurar nesse candelabro, vamos procurar aí nesse candelabro um outro lugar pra senhora colocar essa vela. Vamos ver se a senhora consegue achar? Onde a senhora acha que a senhora poderia colocar a vela de uma outra forma diferente dessa?		
	59	SI	Ah, aqui ó		Mostra com o dedo, o lado oposto da base do candelabro.
	60	Icm	Então põe para mim		
	61	SI			SI pega a caixa de fósforo para acender a vela
	62	Icm	Não precisa acender não		
	63	SI	Ah, só...		Deixa a caixa de fósforo de lado e pega a vela. Coloca a vela no local indicado, ou seja do lado oposto da base do candelabro. Permanece segurando a base com a mão esquerda e a vela com a mão direita
	64	Icm	Ah a senhora vai colocar do outro lado do mesmo jeito		
	65	SI	Do mesmo jeito		
	66	Icm	Tá bom. Mas tem algum outro lugar que a senhora acha que dá pra colocar a vela?		
	67	SI	Aqui		mostrando o local no centro do candelabro
	68	Icm	Ah, tudo bem... Pode pôr		
	69	SI			coloca a vela no local destinado
	70	Icm	Aí, legal, jóia aí.		

	71	Icm	É isso aí. Na verdade dona SI este lugar, ele é próprio para colocar a vela porque ela não cai		
	72	SI	Ah... é mesmo		
	73	Icm	Agora do jeito que a senhora colocou também a gente usa, mas no caso por exemplo de um pires, no caso de um local que ela não tenha apoio, que ela possa cair.		
	74		Óia, ah, tá bom		
	75	Icm	Este candelabro é meu dona SI, eu que comprei. Bonito? A senhora achou bonito?		
	76	SI	Achei. Onde acha isso?		
	77	Icm	Eu comprei numa loja no Rio.		
	78	SI	Ah é? Óia.		
	79	Icm	É eu comprei numa loja de artesanato do Rio. Bonito né? O que significa este candelabro? Ele tem o formato de que dona SI? O que que ele lembra para a senhora?		
	80	SI			Observa o candelabro
	81	Icm	O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar.		
	82	SI			Pega o objeto e o explora
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
	84	Icm	Por que ele lembra cemitério?		
	85	SI	Ah, porque, é, é, (...) cemitério lê...lembra de quando tá morto assim.		
	86	Icm	Tá, eu entendi. Certo, a senhora acendeu uma vela. Aí eu perguntei o que este candelabro lembra e a senhora me disse que lembra um cemitério. Mas que formato tem este candelabro? Ele parece com alguma coisa? Com o que?		
	87	SI	Gente morto, assim.		
	88	Icm	Com gente morta?		
	89	SI	Ô, ô.	ri	
	90	Icm	É que para mim ele tem o formato de uma flor dona SI.		
	91	SI	Ah. Uma flor também.		
	92	Icm	A senhora também acha que parece uma flor?		
	93	SI	Acho.	Coloca novamente a vela no candelabro	
	94	Icm	Que flor seria dona SI?		
	95	SI	Flor...		
	96	Icm	Que tipo de flor? Margarida, rosa? Que flor que parece esse candelabro? Tulipa?		
	97	SI	Ah...	Não responde e continua observando o candelabro	
	98	Icm	O que que parece esse candelabro? A senhora não lembra?		

	99	Icm	Para mim pode ser tulipa mas pode ser também outra coisa.		
	100	SI	Ah é.		
			RECORTE		

Primeiramente, notamos o quanto a cena enunciativa desse dado é diferente dos dados 01/SI e 02/SI, que vimos anteriormente. Nos dois primeiros dados, SI e o investigador travam um diálogo, mas não são os únicos participantes da cena enunciativa, o grupo todo participa da conversa; as respostas de SI não são somente para o investigador, todos atentam para SI e alguns intervêm na conversa. No dado 03/SI, ao contrário, somente a investigadora Icm e SI fazem parte da cena enunciativa e por isso o diálogo transcorre mais calmamente.

Ao analisar o dado 03/SI, nós vislumbramos três momentos distintos:

- a) Um primeiro momento que vai da linha 35 a 74, no qual a investigadora Icm e SI estão entretidas em ações que giram em torno da vela: acender a vela e achar o lugar para colocá-la. Nesse momento o discurso de SI flui naturalmente sem problemas com a seletividade.
- b) Um segundo momento que vai da linha 75 a 89, em que Icm fala de sua relação com o candelabro e faz perguntas diretas a SI (*O que que ele lembra? Ele parece com alguma coisa?*), ao que SI responde “*cemitério*” e “*gente morto*”, sem maiores problemas com a seletividade.
- c) Um terceiro momento que vai da linha 90 a 100, em que Icm também faz perguntas diretas a SI (*Que flor seria dona SI? Que tipo de flor?*), ao que SI hesita respondendo “*flor...*” e a interjeição “*ah*”, respostas indicativas de que está pensando, de que está tentando selecionar o nome de uma flor.

Assim como nesse primeiro momento do dado 03/SI, nos dados anteriores também há momentos em que o discurso de SI flui naturalmente sem maiores problemas com a seletividade. É o que podemos perceber no dado 01/SI, no trecho compreendido entre as linhas 975 a 1007, e, no dado 02/SI, no trecho compreendido entre as linhas 297 a 332.

Em JAKOBSON (1970) encontramos um comentário que pode explicar esses momentos em que o discurso de SI flui:

“Os pacientes com relações internas afetadas e relações externas intactas são capazes de seguir, continuar e completar um contexto. Eles têm o senso perfeito daquilo que, na teoria da comunicação, é chamado de ‘probabilidades transicionais’. **Já**

que toda a atenção de um paciente desses está concentrada na construção de um contexto, ele muitas vezes manifesta uma rara habilidade em completar uma palavra fragmentada ou uma parte de uma sentença que lhe é apresentada. Quanto mais fácil é para tal paciente encontrar palavras sugeridas pelo contexto, tanto mais dificuldades ele tem em encontrar palavras no sentido próprio deste termo neuropsiquiátrico; isto é, dificuldades com a seleção espontânea de palavras, por exemplo, de palavras iniciais de uma frase, e, ainda mais, de uma conversação, ou de palavras gramaticalmente independentes dos outros componentes da frase, e especialmente de palavras isoladas de frases. Deve-se insistir repetidas vezes juntamente com Goldstein na distinção entre a ‘citação de palavras’ na fala corrente, e a ‘busca autônoma de palavras’, que não depende do contexto” (JAKOBSON, 1970, p. 50; grifo nosso)

Em relação ao que diz JAKOBSON (1970) sobre a atenção (“*Já que toda a atenção de um paciente desses está concentrada na construção de um contexto...*”), podemos inferir que o autor faz um recorte e considerar, assim, conforme já mencionamos, que a atenção do sujeito é marcada pela oscilação, num sentido semelhante ao exposto por LURIA (1991c, p. 2), mencionado no item 1.2.2. Se tomarmos o dado 03/SI na íntegra veremos que há momentos em que o discurso flui e há momentos, como o terceiro, em que SI tem problemas com a seletividade. Nesse sentido, acreditamos que a atenção de SI oscila entre permanecer no eixo em que trabalha mais naturalmente e que não lhe apresenta dificuldades, o da contigüidade, da contextura, ou se mover, quando é instada, para o eixo em que, dadas suas dificuldades, tem que dispender maior atenção em um trabalho epilíngüístico, um trabalho que lhe garanta a eficiência no eixo da seleção, da substituição.

Podemos notar, assim, nos três dados em análise, a atenção de SI oscilando entre a contigüidade e a seletividade. No dado 03/SI essa oscilação transparece entre o primeiro momento e o terceiro momento. Nesse sentido, entendemos, pois, que SI, num trabalho epilíngüístico, elege como mais importante o eixo da seletividade em momentos como o terceiro do dado 03/SI e em momentos como quando SI não consegue dizer “*supermercado*” ou a raça de seu cachorro, respectivamente, nos dados 01/SI e 02/SI.

Em outros termos, o dado 03/SI suscita a questão: Porque SI consegue fazer a seleção sem grandes problemas no segundo momento (na seqüência, linhas 81 a 83) e no terceiro não (na seqüência, linhas 94 a 97)?

			RECORTE		
	81	Icm	O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar.		
	82	SI			Pega o objeto e o explora
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
			RECORTE		

			RECORTE		
	94	Icm	Que flor seria dona SI?		
	95	SI	Flor...		
	96	Icm	Que tipo de flor? Margarida, rosa? Que flor que parece esse candelabro? Tulipa?		
	97	SI	Ah...	Não responde e continua observando o candelabro	
			RECORTE		

Talvez tenhamos uma explicação para esse fato, e para explicitá-la temos que passar pelas relações metafóricas e metonímicas (JAKOBSON, 1970). Consideraremos aqui dois pontos de vista.

Pelo primeiro ponto de vista teríamos, respectivamente, uma relação metafórica, considerando-se uma associação em que a relação de semelhança estaria na subjetividade de SI, em “candelabro/cemitério/gente morta”, e uma relação metonímica, considerando-se o contexto, ou seja, que o candelabro tinha o formato de uma tulipa vermelha com um caule verde, em “candelabro/flor/tulipa”. Esse primeiro ponto de vista provavelmente expressa a visão de quem se depara com o dado, na posição de analista, numa primeira análise.

Pelo segundo ponto de vista teríamos uma relação metonímica: a) considerando-se o contexto imediatamente anterior, em que ambas estão entretidas com a vela, e b) considerando-se uma rede de associações semânticas (parte/todo, parte/típica, cf. KLEIBER, 1990; ROSCH, 1978), em “candelabro/vela(implícito no contexto), vela/gente morta, gente morta/cemitério”. E, teríamos uma relação metafórica, considerando-se uma rede de associações semânticas (parte/todo, parte/típica, cf. KLEIBER, 1990; ROSCH, 1978), em “candelabro/flor” ou “candelabro/tulipa”. Esse segundo ponto de vista expressaria a visão de SI, imersa na respectiva cena enunciativa.

Tendo em vista a relação que consideramos metonímica em “candelabro/vela(implícito no contexto)/gente morta/cemitério”, vale a pena notar que foi a própria investigadora que estabeleceu essa associação, inicialmente, ao introduzir o tópico:

			RECORTE		
	35	Icm	A senhora costuma acender vela		
	36	SI	Acendo vela quando luz apaga		
	37	Icm	A senhora acende para não ficar no escuro		
	38	Icm	A senhora acende, por exemplo para alguém que já morreu?		

	39	SI	Ah, acendo, ô		
	40	Icm	Acende prá lembrar dessa pessoa, pra lembrar dessa pessoa?		
	41	SI	Acendo		
			RECORTE		

E depois, posteriormente, a própria investigadora conseguiu, numa cadeia associativa, vale dizer metonímica (considerando-se a relação parte/todo ou parte/típica, “candelabro/vela, vela/gente morta, gente morta/cemitério”), recuperar a rede de associações que SI, dados os indícios presentes nos dados, com certeza fez.

			RECORTE		
	81	Icm	O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar.		
	82	SI			Pega o objeto e o explora
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
	84	Icm	Por que ele lembra cemitério?		
	85	SI	Ah, porque, é, é, (...) cemitério lê...lembra de quando tá morto assim.		
	86	Icm	Tá, eu entendi. Certo, a senhora acendeu uma vela. Aí eu perguntei o que este candelabro lembra e a senhora me disse que lembra um cemitério. Mas que formato tem este candelabro? Ele parece com alguma coisa? Com o que?		
			RECORTE		

Tendo em vista a relação que consideramos metafórica em “candelabro/flor”, “candelabro/tulipa”, gostaríamos de notar que - apesar do contexto permitir enxergar uma relação parte/todo (o formato do candelabro é o de uma tulipa, considerando-se sua forma estilizada e sua coloração) - enxergar no candelabro uma flor (considerando-se, principalmente, a distância entre os campos semânticos de “candelabro” e “flor”) poderia, ao contrário, exigir da pessoa certo trabalho cognitivo que, segundo ILARI (2003, p. 70), poderia ser ilustrado como um filtro. Diz o autor, por exemplo, como um filtro artesanal que uma criança pode construir simplesmente escurecendo com a fumaça de uma vela um pedaço de vidro e tirando a mancha deixada pela fumaça, o que o faz riscando, em um pequeno trecho. Por esse olhar “filtrado” é que determinados aspectos - que normalmente não seriam observados - ganhariam realce. Segundo ILARI (2003, p. 70), a aplicação, por metáfora, de uma palavra inesperada a uma realidade conhecida tem esse efeito de filtro.

Nesse sentido é que se pode explicar, também, a dificuldade de SI enxergar no objeto com que se defrontava - que se configurava como um enfeite, provavelmente de aço,

e que tinha a base semelhante a um pires onde poderia colocar a vela - uma flor, ainda mais uma tulipa, variedade pouco difundida no Brasil.

Retomemos, então, nossa questão: Porque SI consegue fazer a seleção sem grandes problemas no segundo momento do dado (*Lembra ce...cemitério*) e no terceiro não (*Flor...*)? A nosso ver seria porque no segundo momento do dado (linha 83), SI operaria no eixo da contigüidade, considerando-se que, pelo seu ponto de vista, realizaria uma cadeia associativa cuja natureza envolveria relações metonímicas. Já no terceiro momento do dado (linha 95), sua dificuldade estaria no fato de que, pelo seu ponto de vista, enxergar uma flor no candelabro se configuraria como uma relação metafórica.

Essa questão, nascida com a análise do dado 03/SI, coloca em evidência a oscilação da atenção de SI entre um eixo e outro, ora voltada para o que trabalha naturalmente (o da contigüidade/das relações metonímicas), ora para o que tem maior dificuldade devido à incidência da afasia (o da seletividade/das relações metafóricas), para o qual SI necessita dispender maior grau de atenção a fim de garantir o fluir do diálogo (o que nem sempre ocorre).

3.1.2. EF

Um resumo da história de EF pode ser resgatado no item 2.2. Lembramos que, conforme Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), EF apresenta o Bloco I afetado.

Apresentaremos a seguir três dados de EF. Nesses três dados, a cena enunciativa é semelhante à dos dados 01/SI e 02/SI, ou seja, EF e o investigador travam um diálogo, mas não são os únicos participantes da cena enunciativa, o grupo todo participa da conversa e as respostas de EF não são somente para o investigador. Vejamos o primeiro dado de EF:

[4] Dado 01/EF - Brasília

Fonte: Sessão de 26/05/1999 - FITA 01.

Contexto: O grupo conversa sobre a idéia de fazer um livro sobre a afasia, com depoimentos dos afásicos e familiares. Em dado momento Imc lembra que EF dirigia...

Có-digo de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	207	Imc	o senhor EF também estava falando, enfim...		
	208	Imc	a família dele...		
	209	Imc	a esposa dele está no Japão		
	210	EF	[Japão	Falando junto com Imc	
	211	Iem	a sua filha SF...		
	212	EF	é		
\?	213	Imc	está aonde?		
\TF	214	EF	[orerisa]	Tentando dizer “jornalista”	
\?	215	Imc	o Júnior?		
\?	216	Imc	está aonde?		
\TF	217	EF	[orerisa]	Tentando dizer “jornalista”	
	218	Imc	ah, é JORNALISTA		
\?	219	Imc	e o outro?		
	220	EF	Brasília	Falando pausadamente	
	221	Imc	e o outro está em Brasília		
\então	222	Imc	então, ele está aqui mais por conta de uma pessoa que o ajuda		
\?	223	Imc	lembra quando o EF tinha um Fusca branco e saía pelas estradas?		

	224	Imc	ele ia para a Casa Branca...		
	225	Iem	era um Doge		
	226	EF	não, não, não		
	227	Imc	era um Fusca		
	228	EF	não, não		
\?	229	Imc	não era um Fusca?		
	230	EF	não		
	231	Imc	ah, era uma Brasília		
	232	EF	Brasília	Confirmando	
	233	Imc	eu falava “senhor EF tenha cuidado!”		
\rir	234	EF	oh, oh!		
\né	235	Iem	era uma Brasília azul, né?		
\né	236	Imc	Brasília azul e um monte de anjo da guarda, né?		
\?	237	Imc	o senhor ainda tem essa Brasília?		
\rir	238	EF	oh, oh!		
\?	239	Imc	tem?		
	240	EF	motor novo	Falando pausadamente	
	241	Imc	motor novo na Brasília		
\?	242	Imc	mas o senhor guia ela ainda?		
\rir	243	EF	oh!	Confirmando	
	244	Imc	nossa senhora!	Tom: surpresa	
			RECORTE		

No dado 01/EF, “Brasília” aparece em dois momentos, com sentidos diferentes. No primeiro momento, Imc pergunta sobre o filho de EF, ao que ele responde que seu filho está em “*Brasília*” (linha 220). No segundo momento, que é o que nos interessa mais de perto na análise deste dado, Imc se refere ao carro de EF, cuja marca não lembra e que após várias tentativas lembra que se trata de uma Brasília, ao que EF confirma “*Brasília*” (linha 232).

Por esse dado podemos notar que EF tem dificuldades fonológicas decorrentes de uma apraxia, associada à afasia, que afeta os órgãos fonoarticulatórios. Relembremos, por exemplo, as seguintes falas de EF:

			RECORTE		
\TF	214	EF	[orerisa]	Tentando dizer “jornalista”	
			RECORTE		
	220	EF	Brasília	Falando pausadamente	
			RECORTE		
	240	EF	motor novo	Falando pausadamente	
			RECORTE		

Podemos notar, também, o como EF frequentemente recorre a expressões como “*não, não*” e “*oh, oh*”:

			RECORTE		
	226	EF	não, não, não		
			RECORTE		
	228	EF	não, não		
			RECORTE		
	230	EF	não		
			RECORTE		
\rir	234	EF	oh, oh!		
			RECORTE		
\rir	238	EF	oh, oh!		
			RECORTE		
\rir	243	EF	oh!	Confirmando	
			RECORTE		

Notamos, ainda, que, apesar de seus problemas fonoarticulatórios, quando EF não fala expressões como “oh, oh” ou “não, não”, se expressa somente por nomes:

			RECORTE		
\TF	214	EF	[orerisa]	Tentando dizer “jornalista”	
			RECORTE		
	220	EF	Brasília	Falando pausadamente	
			RECORTE		
	232	EF	Brasília	Confirmando	
			RECORTE		
	240	EF	motor novo	Falando pausadamente	
			RECORTE		

Com base nos indícios encontrados neste dado, principalmente a sua preferência pelos nomes, podemos entender que, aparentemente, EF apresenta problemas com a combinação e contextura.

Os indícios que encontramos nos dados 02/EF e 03/EF, semelhantes ao dado 01/EF, reafirmam essa possível dificuldade. Vejamos o dado 02/EF e, logo na seqüência, o dado 03/EF.

[5] Dado 02/EF - Remar?

Fonte: Sessão de 14/04/1999 - FITA 90 [09:00]

Contexto: Na sessão anterior Ijt conversa com o grupo sobre uma possível encenação teatral que fariam, para isso começa perguntando o que cada um faz. Nesta sessão ele retoma, por meio de suas anotações, as atividades de cada um.

Có-digo de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		

\aí	127	Ijt	aí, vem o EF		Vendo a seqüência no papel
\lei	128	Ijt	EF hoje vai ao banco pagar contas		Lendo o papel
\lei	129	Ijt	vai ao caixa eletrônico		
\?	130	CF	ah, é?		
\lei	131	Ijt	quando precisa faz compras em supermercado		Lendo o papel
\?	132	Ijt	o senhor gosta?		
	133	EF	não		Fazendo sinal com a mão de muita gente
\né	134	Ijt	porque dependendo do dia fica assim, né?		Repetindo o gesto de EF
\lei	135	Ijt	o EF caminha na lagoa		Lendo o papel
\lei	136	Ijt	dirige carro		Lendo o papel
\lei	137	Ijt	vê televisão		Lendo o papel
	138	Ijt	agora, a dona GR		Vendo a seqüência no papel
\lei	139	Ijt	a dona GR pinta guardanapos		Lendo o papel
	140	CF	olha!		
	141	EF	ó, ó		Fazendo um gesto com os braços como se estivesse remando
\?	142	Ijt	remar?		
	143	EF	é	confirmando	
\?	144	Ijt	o senhor gosta de remar?		
	145	EF	não, ó		Repetindo o gesto
\?	146	Ijt	é um barco?		
	147	EF	não		
\?	148	Ijt	isso é remar? o senhor faz remo?		
	149	CF	um, dois, três		
\?	150	Ijt	fisioterapia?		
	151	EF	não, não		
\?	152	Irp	musculação, não?		
	153	Ijt	escreve aqui EF		Dando um papel e uma caneta para EF escrever
\?	154	Ijt	tema?		Verificando o que EF tinha escrito
	155	Irp	rema	Supondo que EF queria escrever "rema"	
	156	EF	é	Confirmando	
\?	157	Ijt	então, o senhor faz remo?		
	158	EF	não, não		
\?	159	Irp	o senhor queria fazer?		
	160	EF	não		

\?	161	Irp	fazia antigamente?		
	162	EF	não, não		
\?	163	Ijt	o quê que tem o remo?		EF continua a repetir os gestos
	164	Ijt	isso é remar		
	165	EF	eu ... (ininteligível por baixo tom)		
\?	166	Ijt	o senhor faz remo?		
	167	EF	não, eu:		Ainda fazendo os mesmos gestos
\?	168	Ijt	então, o senhor rema?		EF escreve outra palavra no papel
\?	169	Ijt	“aparelho”?		Lendo o que EF tinha escrito no papel
\?	170	Ijt	o senhor faz remo no aparelho?		
	171	EF	é	Confirmando	
	172	Ijt	entendi		
\?	173	Ijt	é em uma academia?		
	174	EF	não		
\?	175	Irp	na sua casa?		
	176	EF	é	Confirmando	
	177	Ijt	ah, na sua casa o senhor tem um aparelho de remar		
	178	EF	aparelho	Repetindo a palavra que escreveu	Mostrando a palavra que tinha escrito
	179	Ijt	muito bom		
	180	Ijt	depois nós vamos acrescentar isso aqui		
\?	181	Ijt	e a dona GR pinta guardanapos, sabiam?		
\?	182	CF	pinta, é?		
	183	Ijt	pinta		
	184	AG	é, pinto bem	Falando pausadamente	
			RECORTE		

No dado 02/EF, quando o investigador começa a ler as anotações das coisas que EF gosta de fazer, EF tenta dizer que gosta de fazer algo que o investigador não mencionou. EF, assim, tenta dizer algo - que teria faltado na relação mencionada pelo investigador - por meio de um gesto (linha 141). Com o gesto, o investigador chega a idéia de “remar”, o que EF confirma. Mas o gesto não é suficiente para dizer exatamente o que pretende, por isso, EF, assim como no dado anterior, recorre ao uso de expressões como “*oh, oh*”, “*não, não*” e “*é*” (linhas 143, 145, 151, 156, 158, 162, 171, 176 e 178), em resposta às perguntas do investigador, da mesma forma que recorre aos nomes, como quando escreve “*aparelho*” (linhas 168-169), buscando especificar a idéia de “remar”. Com a repetição da palavra que

escreveu “*aparelho*” (linha 178), EF confirma a idéia expressa pelo investigador, a de que “*faz remo no aparelho*”.

Vejamos, agora, no dado 03/EF, a presença desses mesmos indícios, ou seja, a clara dificuldade de EF que se manifesta no eixo da combinação e contextura:

[6] Dado 03/EF - Placenta

Fonte: Sessão de 02/12/1998 - FITA 35 [17:00]

Contexto: O grupo conversa sobre o vitiligo de EF.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	174	CF	olha!		Chamando a atenção de Iem para o fato de EF estar suando muito
\né	175	Iem	ele está suando, né?		
	176	CF	céu, olha!		
	177	Iem	é que está muito calor aqui		
\TF	178	EF	[dʒitʃiligu]	Tentando dizer “vitiligo”, pausadamente	
\?	179	Iem	entendeu o que ele falou?	Perguntando para CF	
	180	CF	não		
	181	Iem	“vitiligo”		
	182	EF	ó		Mostrando o braço
\?	183	Iem	o quê que é vitiligo?		
\TF	184	CF	[aəsəsesɛɪ]		
	185	Iem	vitiligo são essas manchas		Mostrando o braço de EF
	186	CF	olha!		
\né	187	Iem	é um problema da pele, né?		
\né	188	Iem	aí, nasce essas manchas e não se sabe porque bem, né?		
	189	EF	Cuba		
\?	190	Iem	ele falou “Cuba” por quê?		
	191	Iem	porque em Cuba tem um centro reconhecido, é um dos grandes centros de cura do vitiligo		
	192	Iem	e tem uma representação de Cuba no Brasil		
	193	Iem	e o EF está em contato com esse lugar para ver se ele consegue se curar		
	194	Iem	então, tem essa despigmentação da pele, quer dizer, sai a cor ali		

	195	Iem	o que eu sei é que não se sabe por que aparece, não é contagioso e tem um tratamento especial		
\?	196	Iem	não é isso?	Perguntando para EF	
	197	EF	é, ó		Pegando um papel e escrevendo algo
	198	Iem	ah, aqui ele escreveu uma carta		Vendo o conteúdo de outro papel
\?	199	Iem	posso ler EF?		
	200	Iem	vamos ler juntos, então		
	201	Iem	ele recebeu essa carta		
\lei	202	Iem	“em resposta à sua carta, nós da produção do programa “Repórter Record””		Lendo a carta
	203	Iem	ele viu uma entrevista sobre o vitiligo no “Repórter Record”, que é um programa		
\lei	204	Iem	“... estamos enviando os telefones do Instituto Brasil-Cuba, aqui em São Paulo”		Lendo a carta
\né	205	Iem	quem sabe lá tem informações lá... para tratar o vitiligo, né?		
\TF	206	EF	[kɜnəsakɜnəsɐ]		Fazendo gesto indicativo de uma barriga e logo após balançando os braços juntos para indicar “criança”; logo depois escreve algo
\?	207	Iem	vocês sabiam disso, que Cuba é um centro muito grande de saúde?		
	208	CF	é	Confirmando	
	209	Iem	de problemas ortopédicos também		
\TF	210	CF	[ɛɛsɐ]		
\TF	211	EF	[apariɛ]		
\?	212	Iem	vocês está falando do quê? do vitiligo?		
	213	EF	não		
\?	214	Iem	da cura?		
\?	215	Iem	como é que é a cura do vitiligo?		
	216	EF	é		
\TF	217	EF	[ɔkakuɔkriɔsɛ]	Tentando dizer “criança”	
	218	Iem	criança		
\TF	219	EF	[apariapari]	Tentando dizer “parir”	
\?	220	CF	pele?		
	221	EF	não		EF escreve “pari” em um papel
	222	Iem	eu não sei		

	223	Iem	ele escreveu “pari”		Vendo o que EF tinha escrito
	224	EF	pari, pari		
\?	225	Iem	de “parar”?		
	226	EF	não		
\?	227	Iem	o senhor não tem outra maneira de falar isso, EF?		
	228	Iem	tenta dar mais uma dica para nós		
	229	Iem	“criança” agente entendeu, “pari” também		
	230	Iem	mais eu não sei qual é a relação de uma coisa com a outra e com o vitiligo		EF tenta escrever mais
	231	EF	pari, pari, pari		
\?	232	Iip	não é uma campanha não, é?		
	233	EF	não, não		
	234	EF	pari, pari, pari	Insistindo	
	235	EF	ó		Desenhando uma criança
	236	Iem	uma criança pequena		Vendo o desenho
\?	237	Iip	é alguma coisa que a gente já conversou, EF?		
	238	EF	não		
	239	EF	pari, pari	Ainda insistindo na mesma palavra	
	240	Iem	com essa palavra a gente não está entendendo		
\?	241	Iem	não tem outra palavra além dessa aqui?		
\?	242	Iem	tudo isso tem a ver com o tratamento?		
	243	EF	é	Confirmando	
\TF	244	CF	[ɛɛsao]		
	245	Iem	a gente não sabe quase nada sobre essa doença, por isso a dificuldade que nós temos		
	246	EF	pari, pari		
\?	247	Iip	é algum tratamento para parar, para não deixar evoluir, é isso?		
	248	EF	não, não	Irritado	
	249	EF	pari, criança, pari	Fala pausada	
\?	250	Iip	é para a criança parar de mexer em alguma coisa?		
	251	EF	não, não		
	252	EF	pari, pari		
\?	253	Iip	“pari” o quê?		
\?	254	Iip	é para você não fazer alguma coisa?		
	255	EF	não		
\?	256	Irp	nascer?		
	257	EF	ó!		Apontando para Irp
\?	258	Iip	a criança nasce com isso, é isso?		
	259	EF	não		
	260	Iem	EF, se agente não está conseguindo entender nem com essa palavra, nem com a outra		
\?	261	Iem	será que não tem outro jeito de falar?		
	262	Iem	porque por esse jeito a gente não está indo		

\?	263	Iip	EF, o senhor quer um dicionário?		
	264	EF	é, é, é!	Confirmando	
\?	265	Iem	EF, o senhor está falando do tratamento do vitiligo?		
	266	EF	É	Confirmando	
\aí	267	Iem	aí, nós falamos que o senhor está indo procurar um tratamento para o vitiligo no Instituto Brasil-Cuba		
	268	Iem	só que a gente não está conseguindo aproximar isso do que o senhor falou		
	269	Iem	o senhor falou “pari” e “criança”		EF faz um gesto
	270	Iem	e agora esse gesto		
\vir	271	Iem	mas nós não estamos conseguindo acompanhar é nada		
	272	EF	pari, pari		Apontando para o dicionário
\?	273	Iip	o senhor quer que eu procure a palavra “pari”?		
	274	EF	é	Confirmando	
\né	275	Iem	“pari” não vai ter, né?		
	276	EF	pari		
\?	277	Iip	não é “parir”, a mulher quando nasce o bebê?		
	278	EF	ó, ó!		Apontando para Iip
	279	Iem	é o gesto que ele fez!		
	280	Iem	eu sei, o tratamento é com placenta!		
	281	EF	oh!	Comemorando	
	282	EF	pari		
\?	283	Iem	o senhor consegue escrever “placenta”?	Perguntando para EF	Dando o papel para ele escrever
	284	EF	ó		Escrevendo a palavra “placenta” no papel
	285	Iip	se o senhor tivesse escrito “placenta” já ia direto		
	286	CF	“placenta”		Lendo o que EF tinha escrito
\TF	287	CF	[ɛɛsɔ]		
	288	Iem	então, o remédio, a cura do vitiligo é na base da placenta da mãe		
	289	Iem	EF, o senhor escreveu certinho!		
	290	Iem	o senhor sabe mais do que o senhor acha que o senhor sabe		
	291	Iem	então, EF, quando a gente não consegue de um jeito ou o senhor...		
	292	EF	aí, pari, pari		Mostrando que ele tinha escrito “pari”
	293	Iem	mas se a gente não consegue entender de nenhum jeito,		
\int	294	Iem	eu acho que seria uma boa se o senhor fizesse um esforço para ver se a gente consegue entender de outro jeito		

	295	Iem	porque, olha que bacana, ele escreveu aqui		Mostrando o papel
\?	296	Iem	o que você escreveu aqui, EF?		
\lei	297	EF	“placenta”	Fala pausada	Lendo o que tinha escrito
	298	Iem	“placenta”, placenta humana		
\né	299	Iem	e é de lá que sai o remédio para essas manchas que sai no corpo, né?		
	300	Iem	porque “pari” não tem no dicionário		
\int	301	Iip	acho que aí tinha que ser “parir” para a gente achar		
	302	Iem	é, “parir” tem no dicionário		Procurando a palavra no dicionário
	303	Iem	olha lá, “parir” tem		Achando a palavra no dicionário
\lei	304	Iem	“dar à luz ou expelir do útero”		Lendo a definição no dicionário
	305	Iem	era justamente o gesto que ele estava fazendo		
\rir	306	Iem	só que o senhor deslocou um pouquinho e a gente não viu		
\rir	307	Iem	no que o senhor deslocou a gente falou “meu Deus, aonde vai parar isso daí?”		
	308	Iem	mas se a gente soubesse um pouquinho mais sobre o tratamento do vitiligo		
	309	Iem	mas a gente não sabia nada		
\né	310	Iem	agora, tudo parece claro, né?		
	311	Iem	ele fez uma barriga grande		
	312	EF	criança		
	313	Iem	o senhor falou “criança”		
	314	Iem	mas, EF, agora que a gente sabe da placenta parece óbvio		
\rir	315	Iem	ele fez um gesto de mulher grávida e depois acabou aquilo		Imitando o gesto de “parir” feito por EF
	316	Iem	é simples, é verdade, foi genial o seu gesto		
\né	317	Iem	só que esbarrou na nossa ignorância sobre o vitiligo, né?		
	318	Iem	e aí foi que eu me lembrei do negócio da placenta		
			RECORTE		

EF, neste dado 03/EF, a um comentário de CF, começa a dizer que tem “vitiligo”¹³ e que procurou saber sobre um tratamento que é feito para essa doença, em Cuba, à base de placenta humana. Nesse percurso, podemos notar, novamente, o problema fonoarticulatório

¹³ Vitiligo é uma doença da pele, caracterizada pelo aparecimento de manchas mais despigmentadas do que a pele normal.

de EF, assim como a preferência pelo uso dos nomes e o uso de expressões como “*oh, oh*”, “*não, não*” e “*é*”, em resposta às colocações de seus interlocutores, conforme segue:

a) problemas articulatórios e preferência pelos nomes

			RECORTE		
√TF	178	EF	[dʃitʃiligu]	Tentando dizer “vitiligo”, pausadamente	
			RECORTE		
	189	EF	Cuba		
			RECORTE		
√TF	206	EF	[kɜnəsakɜnəsə]		Fazendo gesto indicativo de uma barriga e logo após balançando os braços juntos para indicar “criança”; logo depois escreve algo
			RECORTE		
√TF	211	EF	[apariɐ]		
			RECORTE		
√TF	217	EF	[ɔkakuɕrirɔsɐ]	Tentando dizer “criança”	
			RECORTE		
√TF	219	EF	[apariapari]	Tentando dizer “parir”	
			RECORTE		
	224	EF	pari, pari		
			RECORTE		
	249	EF	pari, criança, pari	Fala pausada	
			RECORTE		

b) uso de expressões “*oh, oh*”, “*não, não*” e “*é*”

O uso dessas expressões pode ser observado nas linhas 182, 213, 216, 221, 233, 235, 248, 251, 264 e 278.

Vale notar aqui, a respeito da análise feita com base nas transcrições e gravações, que os dados de escrita de EF, cujas anotações indicativas estão presentes tanto no dado 02/EF como neste dado 03/EF, não são possíveis de serem recuperadas via vídeo, dado o foco da câmera (estático e aberto para uma visão panorâmica do grupo).

Retomando, então, o que dissemos após a análise do dado 01/EF, podemos dizer, também com base nos dados 02/EF e 03/EF, que há nesses dados indícios que nos levam a pensar que EF apresenta problemas com a combinação e contextura.

Nesse sentido, podemos fazer uma pergunta semelhante a que fizemos quando da análise dos dados de SI: Mas em que aspecto o que se manifesta em EF como um distúrbio da contigüidade pode ser pensado em relação ao que nos propomos neste trabalho, ou seja, tendo em vista as relações entre linguagem e atenção?

Parece-nos que, num paralelo com o caso de SI, EF se vendo instado a dar conta de relações externas de contigüidade (nascidas discursivamente no diálogo), dispense maior atenção (considerando-se o grau) para a sua maior dificuldade, no caso para o próprio eixo da combinação de palavras. Mas como seria isso se EF praticamente só se expressa pelos nomes? O que nos dá a entender que ele opera no eixo da seleção, que é onde a afasia não se manifesta.

Que EF opera no eixo da seleção, isso é bem verdade, mas é como se EF, para suprir seu déficit, em alguns momentos, elege-se como mais relevante as relações externas, o que se traduz na seleção do elemento que é o foco do enunciado (cf. DIK, 1997) que EF teria a intenção de dizer¹⁴. Lembramos que, assim como no caso de SI, consideramos essa eleição como uma escolha inconsciente, gerada pela necessidade e marcada pela oscilação, que traduz um trabalho epilingüístico de EF.

Como seria esse jogo? Para entendê-lo, vejamos, antes, o que diz JAKOBSON (1969):

“Num teste psicológico bem conhecido, crianças são colocadas diante de um nome e pede-se a elas que expressem as primeiras reações verbais que se lhes apresentam ao espírito. Nessa experiência, duas predileções lingüísticas opostas se manifestam invariavelmente: a resposta é dada ou como substituto ou como complemento do estímulo. No segundo caso, estímulo e resposta formam, juntos, uma construção sintática própria, geralmente uma frase. Esses dois tipos de reações foram chamados de substitutivo e predicativo.

Uma das respostas dadas ao estímulo *choupana* foi *queimou*; outra, é *uma pobre casinha*. As duas reações são predicativas; mas a primeira cria um contexto puramente narrativo, ao passo que na segunda há uma dupla conexão com o sujeito *choupana*: de um lado, uma **contigüidade posicional** (vale dizer, sintática); de outro uma similaridade semântica.

O mesmo estímulo produziu também as reações substitutivas que seguem: a tautologia *choupana*; os sinônimos *cabana* e *choça*; o antônimo *palácio* e as metáforas *toca* e *antro*. A capacidade que têm duas palavras de se substituírem uma à outra é um exemplo de **similaridade posicional**, e, além disso, todas as respostas estão ligadas ao

¹⁴ ABAURRE & COUDRY (2004) fazem referência a um comportamento lingüístico dito “telegráfico”, no qual, diferentemente do agramatismo, por diversas razões o sujeito “economiza linguagem”, mas conserva a capacidade de explicitá-la.

estímulo por similaridade (ou oposição) semântica. Respostas metonímicas ao mesmo estímulo, tais como *palha* ou *pobreza*, combinam e contrastam a similaridade posicional com a contigüidade semântica. (JAKOBSON, 1969, p. 56; grifos nossos).

Se considerarmos o que diz JAKOBSON (1969) e os nossos três exemplos de EF, veremos que quando EF expressa os nomes em sua fala, o faz em contigüidade posicional. Em outros termos, EF não está sob teste, mas a uma palavra dada no contexto¹⁵ - por exemplo “*Brasília*” (presente no dado 01/EF) - sua resposta é na forma de complemento. No caso do exemplo “*Brasília*”, a resposta é “*motor novo*”, uma expressão que cria um contexto narrativo. Analisemos os outros dois dados:

a) dado 02/EF

			RECORTE		
	141	EF	ó, ó		Fazendo um gesto com os braços como se estivesse remando
\?	142	Ijt	remar?		
	143	EF	é	confirmando	
			RECORTE		
	155	Irp	rema		Supondo que EF queria escrever “rema”
	156	EF	é	Confirmando	
			RECORTE		
\?	168	Ijt	então, o senhor rema?		EF escreve outra palavra no papel
\?	169	Ijt	“aparelho”?		Lendo o que EF tinha escrito no papel
\?	170	Ijt	o senhor faz remo no aparelho?		
	171	EF	é	Confirmando	
			RECORTE		
	177	Ijt	ah, na sua casa o senhor tem um aparelho de remar		
	178	EF	aparelho	Repetindo a palavra que escreveu	Mostrando a palavra que tinha escrito
			RECORTE		

Notemos como o verbo “*remar*” é expresso por EF por meio de um gesto. Quando o investigador pergunta “*remar?*”, EF expressa sua concordância. A partir daí, tomando

¹⁵ Paralelo que estabelecemos com a palavra “estímulo”, nos termos de JAKOBSON (1969, p. 56).

“remar” como o tópico em questão (ou como o “estímulo” nos termos de JAKOBSON 1969, p. 56), EF responde “*aparelho*”, o que instaura um sentido complementar e não similar.

c) dado 03/EF

			RECORTE		
\TF	178	EF	[dʃitʃiligu]	Tentando dizer “vitiligo”, pausadamente	
\?	179	Iem	entendeu o que ele falou?	Perguntando para CF	
	180	CF	não		
	181	Iem	“vitiligo”		
	182	EF	ó		Mostrando o braço
			RECORTE		
	189	EF	Cuba		
\?	190	Iem	ele falou “Cuba” por quê?		
	191	Iem	porque em Cuba tem um centro reconhecido, é um dos grandes centros de cura do vitiligo		
	192	Iem	e tem uma representação de Cuba no Brasil		
	193	Iem	e o EF está em contato com esse lugar para ver se ele consegue se curar		
	194	Iem	então, tem essa despigmentação da pele, quer dizer, sai a cor ali		
	195	Iem	o que eu sei é que não se sabe por que aparece, não é contagioso e tem um tratamento especial		
\?	196	Iem	não é isso?	Perguntando para EF	
	197	EF	é, ó		Pegando um papel e escrevendo algo
			RECORTE		
\né	205	Iem	quem sabe lá tem informações lá... para tratar o vitiligo, né?		
\TF	206	EF	[kɜnəsakɜnəsə]		Fazendo gesto indicativo de uma barriga e logo após balançando os braços juntos para indicar “criança”; logo depois escreve algo
			RECORTE		
\TF	211	EF	[apariɐ]		
\?	212	Iem	vocês está falando do quê? do vitiligo?		
	213	EF	não		
\?	214	Iem	da cura?		

\?	215	Iem	como é que é a cura do vitiligo?		
	216	EF	é		
\TF	217	EF	[ɔkakuʁirĩsɐ]	Tentando dizer “criança”	
	218	Iem	criança		
\TF	219	EF	[apariapari]	Tentando dizer “parir”	
\?	220	CF	pele?		
	221	EF	não		EF escreve “pari” em um papel
	222	Iem	eu não sei		
	223	Iem	ele escreveu “pari”		Vendo o que EF tinha escrito
	224	EF	pari, pari		
			RECORTE		
\?	277	Ida	não é “parir”, a mulher quando nasce o bebê?		
	278	EF	ó, ó!		Apontando para Ida
	279	Iem	é o gesto que ele fez!		
	280	Iem	eu sei, o tratamento é com placenta!		
	281	EF	oh!	Comemorando	
			RECORTE		
\?	283	Iem	o senhor consegue escrever “placenta”?	Perguntando para EF	Dando o papel para ele escrever
	284	EF	ó		Escrevendo a palavra “placenta” no papel
			RECORTE		
	289	Iem	EF, o senhor escreveu certinho!		
			RECORTE		
	293	Iem	mas se a gente não consegue entender de nenhum jeito,		
\int	294	Iem	eu acho que seria uma boa se o senhor fizesse um esforço para ver se a gente consegue entender de outro jeito		
	295	Iem	porque, olha que bacana, ele escreveu aqui		Mostrando o papel
\?	296	Iem	o que você escreveu aqui, EF?		
\ei	297	EF	“placenta”	Fala pausada	Lendo o que tinha escrito
	298	Iem	“placenta”, placenta humana		
\né	299	Iem	e é de lá que sai o remédio para essas manchas que sai no corpo, né?		
			RECORTE		

Neste dado 03/EF o tópico é “vitiligo”, ao que EF vai respondendo de forma complementar e instaurando um contexto narrativo, com a introdução dos nomes “Cuba” e

“*criança*”, seguido da tentativa de dizer “*parir*” (EF diz 'pari'¹⁶), e, enfim, escrevendo o nome “*placenta*” que é trazido para a cena enunciativa pela investigadora.

A nosso ver, EF apresenta menos dificuldades com o eixo da combinação do que aparenta. Sua dificuldade com o eixo da contigüidade pode ser atribuída à apraxia que afeta a produção fonoarticulatória. Isso significaria que, dada sua dificuldade em se expressar, EF optaria pela seleção de um elemento que seria o foco do enunciado que pretende dizer; pelo menos isso é o que os dados sugerem, uma vez que EF estabelece relações de contigüidade posicional ao operar com o eixo da seleção.

Nós entendemos, assim, que EF procura, de forma alternativa, selecionando algumas palavras que expressem relações de contigüidade (e por isso sua atenção incidiria - em maior grau - sobre o próprio eixo da contigüidade, o que EF aparenta ter problemas), suprir sua dificuldade fonoarticulatória, a qual afeta o fluir do discurso.

¹⁶ Podemos considerar que EF tenta dizer algo semelhante a “*Quando alguém pare uma criança*”.

3.1.3. SV

Um resumo da história de SV pode ser resgatado no item 2.2. Lembramos que, conforme Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), SV apresenta os blocos I e II afetados.

Apresentaremos, a seguir, quatro dados de SV. No primeiro deles, a cena enunciativa é semelhante aos dados 01 e 02 de SI, e aos dados de EF; ou seja, SV e o investigador travam um diálogo, mas não são os únicos participantes da cena enunciativa, o grupo todo participa da conversa e as respostas de SV não são somente para o investigador.

Já os dados 02/SV, 03/SV e 04/SV são particularmente diferentes dos outros conjuntos porque são dados que envolvem a escrita. Esses três dados têm em comum uma mesma cena enunciativa: o grupo brinca de fazer mímicas que retratem alguns objetos e SV escreve, na lousa, o nome de quem acertou e do objeto em questão.

O dado 01/SV, nós o apresentamos somente para que tenhamos um parâmetro de comparação entre as dificuldades de SI e EF e as de SV. Vejamos o dado:

[7] Dado 01/SV - Na verdade estou tentando...

Fonte: Sessão de 27/10/2004 (GRUPOII/FITA 65).

Contexto: Imc apresenta H, uma fonoaudióloga que começou a acompanhar J; SV começa então a dizer que tem dificuldades para guardar nomes.

Có-di-go de Bus-ca	Nú-me-ro	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção não-verbal
			RECORTE		
	1	SV	agora, a: eu tenho uma dificuldade muito grande de:de: decorar nome de pessoas		
	2	Imc	Você sempre teve ou é depois...		
	3	SV	Depois...		Aponta a cabeça se referindo a lesão cerebral
	4	Imc	que você teve o acidente,né?	Tom:afirmativo	
	5		É:depois...então/ nome de pessoas	Ritmo	
	6	Imc	você reconhece o rosto, a fisionomia...		

7	SV	Isso! Todo mundo do jeito que tá, até E-LAI-NE	Faz movimentos de escrita no ar, escrevendo “ Elaine”	
8	Imc	Agora, o nome também tem uma coisa, né...		
9	SV	Eu tenho que ler assim para ...		Faz que tira algo do papel e põe na cabeça
10	Iec	Ele lembra da parte gráfica da palavra		
11	Imc	Mas, não a sonora		
12	Iec	Mas não a sonora, isso! Ele:ele evoca/geralmente/mas a grafia ajuda ele evocar o sonoro/ ele começa a escrever a primeira letra...		
13	Imc	Já vem		
14	Iec	Escreveu ai, ele evoca o nome		SF acena afirmativamente a fala de Iec
15	Imc	Mas isso, sabendo disso, faça isso, escreva o nome das pessoas / sabendo que é mais fácil, né?		
16	JS	Usa crachá	Tom: humorístico	
17	Imc	É usa crachá, todo mundo de crachá,né, daí a gente não tem dúvida nenhuma,né!	Risos	
18	Imc	Porque às vezes eu também esqueço os nomes das pessoas, na sessão retrasada quando eu vi o seu Bráulio, eu não me lembrava o nome dele.Tentei, tentei, tentei, vinha Dráuzio Varella, vinha um monte de coisas		
19	RL	Drauzio Varella.	Rindo	
20	SV	Eu /eu tenho medo disso partir para: para vida cotidiana, ou seja, eu ir ficando cada dia mais quieto no meu canto, quieto no meu canto...		
21	Imc	Mas veja bem, veja só o que aconteceu hoje com o Seu JS, a esperteza dele.		
22	JS	Não, não, não, não, não conte pra ele.		
23	Imc	Ah...eu vou contar...	Risos	
24	Imc	Ele não sabia o nome da Jô, não se lembrava, não é, não sabia, né!? E que ele não conseguia se lembrar, então ele aproveitou uma carona... que tal eu perguntar de novo, entendeu? Deu aquela enrolada /pá, pá, pá e ficou sabendo, foi lá e perguntou.	Risos	
25	Imc	Então a gente tem que sair atrás destas // quer dizer sair atrás do prejuízo, né, todo mundo tem um prejuízo		
26	SV	Eu acabo de saber o nome da pessoa, quando a pessoa, é uma pessoa recente em minha vida com a maior facilidade eu, eu...		
27	Imc	Você esquece.		
28	SV	Esqueço. Esqueço	Tom:decepção	
		RECORTE		
29	Imc	Mas, viu, SV...		

	30	SV	Então, eu tenho muita dificuldade pra...	Todos estão conversando	
	31	Imc	Olha lá, voltando a vaca fria	Chamando atenção para que todos ouçam o que SV está falando	
	32	SV	Então...o nome de pessoa, sempre o nome de pessoa é que eu tenho dificuldade.		
	33	Imc	Mas isso perturba suas re...quando você está se relacionando, começando...assim conversando com a pessoa?		
	34	SV	Ah...Aí eu dou um jeito de deslanchar a conversa,né...		
	35	Imc	Ai, olha...eu dou um jeito de deslanchar a conversa	Concordando que é uma boa técnica	
	36	SV	Ah...falar nem que seja		
	37	Imc	Competência pragmática total,né!?Um jeito de deslanchar a conversa...	Elogia a estratégia	
	38	SV	E eu vou andando...		
	39	Icq	Mas dá aquele incômodo assim,né!?Enquanto você vai tentando deslanchar você vai tentando lembrar...		
	40	SV	É eu vou falando, vou falando e tentando lembrar...		
	41	SV	É...Qual é o nome dela, qual é o nome dela, tô esperando aqui, mas...E a conversa logo vai correndo...	Risos	
	42	SV	Porque também eu vejo que todo dia...		
	43	Imc	Mas, SV, você acha muito chato...Por exemplo, eu às vezes... bom é que eu também tenho o benefício da profissão, de ser professora há muitos anos... então eu tenho esse benefício... Então, mas como é que você chama mesmo,ai? Porque eu falo, eu não consigo conversar com uma pessoa se eu não sei o nome dela. Vai me dando um...um será que me dá, porque eu quero falar o nome dela e não vem		
	44	SV	Mas, eu lembro que a minha vida não era assim...		
	45	Imc	Não mas, veja...você tem uma realidade nova, então tem que lidar com ela...Porque senão, do contrário, você vai fazer uma concha e se fechar...		
	46		RECORTE		
	47	Imc	O seu SN. O seu SN, às vezes, eu tenho que fazer uma associação: Seu SN, coqueiros, Arcadas, que é o nosso passado em comum, né? A cidade onde...uma referência comum nossa... Faço coqueiros, Arcadas, SN, se eu não fizer coqueiros, Arcadas não vem o SN.		
	48	SV	Nossa senhora...	Tom:Surpresa	
	49	Imc	Então...veja..todo mundo tem uma complexidade aí pra lembrar,né...		

50	SV	Eu acho isso um... uma saca... uma sacanagem, entre aspas, como se tivesse dando um desprezo para a pessoa. E não é isso o que eu quero, gente! De forma alguma, eu gosto de puxar assunto, vamos lá, vamos conversando, vamos conversando e ninguém associou, e na verdade eu tô tentando lembrar o nome do parceiro que tá na minha frente, porque é meu amigo eu tô aqui sem parar...		
51	SV	...sem parar	Estalando os dedos	
52	Imc	Gente, mas todos nós... Isso ocorre com todos nós...		
53	IBr	Mas...é...isso que é interessante perceber, Salvador, que é normal isso, quantas vezes uma pessoa, por exemplo...		
54	Imc	Isso, isso que eu tô falando...		
55	IBre	(incomp) Então, né cara? Use bastante o “cara” E aí cara, como vai cara?	Risos	
		RECORTE		
56	SV	Mas, você vê que vergonha a minha, da minha colega que está do lado aqui, tem SU..., SU aqui gravado.. em SU...um...	Faz movimentos de escrita do S e do U, enquanto fala	
57	SV	Um I – A... Como que eu vou conseguir lembrar desse nome? Não lembro...		
58	RL	A Lúcia?		
59	SV	Lúcia, isso!...Ta vendo...		
60	Imc	Ah...da minha colega ali Lúcia, tem um SU...		
61	SV	Su...Su...		
62	Lúcia	Ele escreve no ar assim,né!	Imitando os gestos de Salvador	
63	SV	Tá na minha.. aa...	Aponta a cabeça e faz movimentos de escrita no ar	
64	Imc	Então, você faz, claro, associação mais visual e manual, quer dizer você usa de vários campos aí para poder recuperar coisas, né! Associar e lembrar, né!		
65	Imc	A gente é que nem driver, que nem disquete, se a gente não põe, não tem acesso		
66	SV	Não pode parar...eu vou tentando e vou tentar tudo		
67	Imc	É tem que botar o disquete até o fim, senão fica sem acesso...		
68	SN	Viu, Imc, eu também sou igual ao SV, eu também não lembro...Meus filhos...meus netos eu não consigo lembrar...		
69		RECORTE		

	70	Imc	O que é legal aqui, é que é normal a gente esquecer... No caso de algumas pessoas elas ficam mais vulneráveis, a coisa fica mais intrínseca, mas as estratégias são as mesmas, né, de quem não tem nada, não tem lesão...		
	71		RECORTE		
	72	SV	A Elaine tá na minha cabeça, tô com Elaine na cabeça... Mas isso foi muita... muita...		
	73	Imc	Muita tentativa e erro, tentativa e acerto		
	74	SV	Muita tentativa...	Concorda com a cabeça	
	75	RL	Fala o meu SV... fala o meu nome...fala		
	76	SV	Você falou há dois segundos		
	77	RL	Qual?		
	78	SV		Pensando	
	79	Imc	Re...		
	80	SV	RL...você vê, é o tempo que eu fico pensando...		
	81	SV	Eu fico cabreiro com isso		
			RECORTE		

Por este dado podemos notar que em alguns momentos as palavras parecem faltar a SV. Um recurso usado por SV, que garante o fluir do seu discurso em momentos nos quais as palavras parecem lhe faltar, são os gestos, que muitas vezes chegam a completar o que SV está dizendo, como nas linhas 9 e 63, rerepresentadas na seqüência:

			RECORTE		
	9	SV	Eu tenho que ler assim para ...		Faz que tira algo do papel e põe na cabeça
			RECORTE		

			RECORTE		
	63	SV	Tá na minha.. aa...	Aponta a cabeça e faz movimentos de escrita no ar	
			RECORTE		

Vemos, também, neste dado, que SV relata uma dificuldade com a lembrança dos nomes (por exemplo, linhas 1, 26, 28), mas é interessante notar, no próprio relato de SV, como ele encontra uma forma alternativa de trabalhar com essa questão (por exemplo, linhas 40 e 50).

Pelo dado 01/SV, notamos, assim, que, ao contrário do que acontece com SI e EF, SV não encontra grandes dificuldades com o fluir de seu discurso. Considerando o dado 01/SV, podemos observar que SV não apresenta necessariamente dificuldades que tendam a



uma unipolaridade da linguagem (na oralidade). É importante notarmos que SI e EF apresentam lesões devido a um AVC; ao contrário, SV apresenta uma lesão difusa, fruto de um tumor, nesse sentido sua mobilidade natural entre um eixo e outro (que garante o fluir de seu discurso) pode indicar que seu quadro não é propriamente o de um afásico.


Apesar de SV não apresentar necessariamente dificuldades que tendam a uma unipolaridade da linguagem (na oralidade), não significa que SV não tenha dificuldades. Vejamos o dado 02/SV:

[8] Dado 02/ SV - Iraci.

Fonte: Sessão de 11/08/2006 [mov005/03:00]

Contexto: Com o início do semestre entra uma nova turma de estagiárias no CCA. IFF organiza o atendimento que ocorrerá durante o semestre estabelecendo as duplas de estagiárias e pacientes. SV escreve os nomes das duplas na lousa. O dado que segue recorta o momento em que SV vai escrever “Iraci” na lousa.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
	01		(RECORTE)		
	02	Iff	Iraci...		
	03				SV escreve “IRAR...” Ao escrever o segundo R, SV mostra indecisão, refletindo sobre o que está escrevendo.
	04	SV			SV, então, divide sua dúvida com Iff, que está ao seu lado. Iff reflete com SV e apaga a letra “R”.
	05	SV			SV fica pensativo, com a caneta empunhada. Quando escreve faz a letra “N”, o que resultaria em “IRAN...”.
	06	Iff			Iff apaga a letra “N”.

	07	SV			SV, conversa com RL que lhe explica como deve escrever. Na terceira tentativa SV escreve a letra “C”, e, conseqüentemente “IRACI”.
	08		RECORTE		

Aqui, SV tenta escrever o nome de uma participante do grupo, “*Iraci*”, e tem dificuldades para selecionar a letra. Inicialmente troca o “c” por “r”, depois por “n”, sendo só depois, com a ajuda de outro participante do grupo, que SV escreve o “c” de “*Iraci*”.

Neste trabalho, contudo, não adentraremos estudando as dificuldades de SV. Aproveitamos-nos, apenas, de dois dados de escrita de SV (os dados 03/SV e 04/SV) com o intuito de reforçar a nossa argumentação frente à possibilidade de o foco da atenção incidir (em maior grau), em determinado momento, sobre um dos eixos.

Com esse intuito, analisemos os dados em questão. Vejamos, primeiramente, o dado 03/SV:


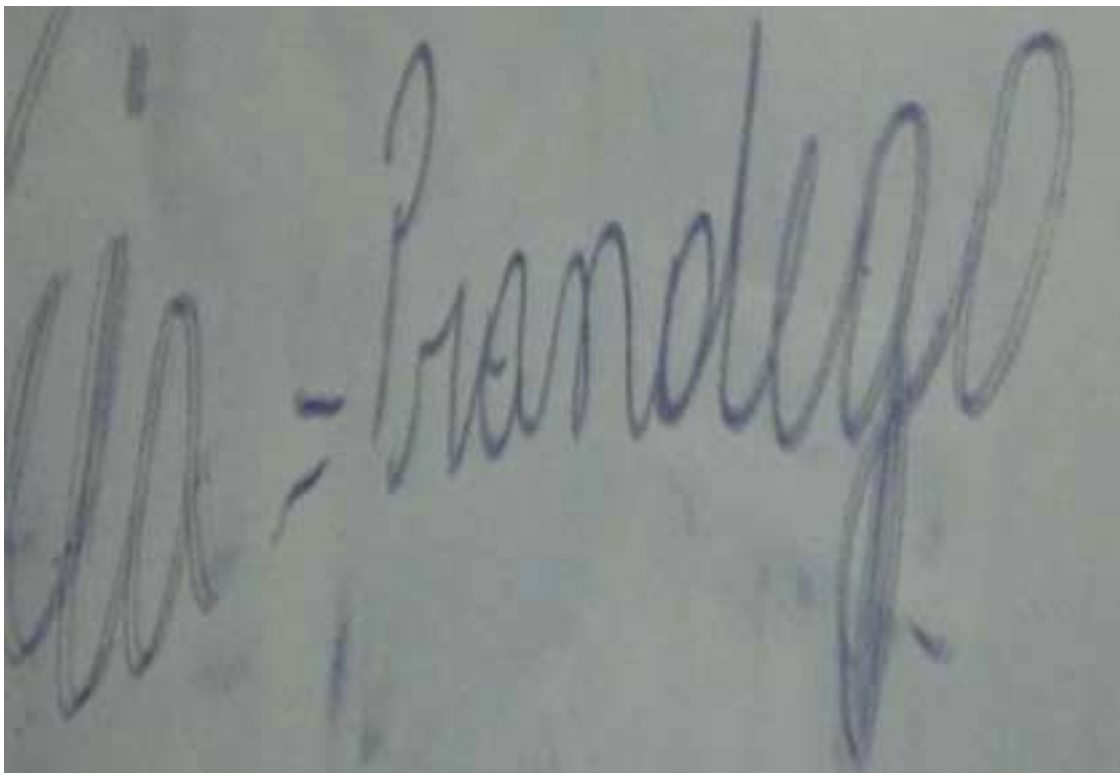
[9] Dado 03/SV - Prandego.

Fonte: Sessão de 18/08/2006 [mov004/29:00]

Contexto: O grupo participa de uma brincadeira de mímica. Os participantes devem escolher um objeto de uma sacola sem que os outros vejam e em seguida fazer uma mímica que retrate o objeto para os demais adivinharem. A cada rodada SV escreve, na lousa, o nome de quem acertou e o nome do objeto que estava em jogo.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
	01		(RECORTE)		
	02	Iff	agora vamos começar com a ICI		
	03	Ici			Ici pega um objeto na sacola sem que os outros vejam e em seguida fica pensativa, pensando em como fazer a mímica.
	04	SV			SV ainda escreve a palavra da

					rodada anterior no quadro
	05		(RECORTE)		
	06	Iff	Alá... a Ici então gente...		
	07	Ici			faz mímica
	08	SV	lavando...	diz SV tentando acertar o objeto	
	09	Ici			em silêncio ela faz um gesto afirmativo de que está no caminho e continua a mímica, mudando o gesto
	10		(RECORTE)		
	11	Ef2	pregador...		
	12	?	varal	alguém diz ao mesmo tempo	
	13	Ici			Ici faz gesto indicativo para Ef2 e confirma
	14	Iff	mas não chama varal... Ici		
	15	Ici	alí oh... ela tinha acertado	diz apontando para Ef2	
	16	Ef2	pregador...		
	17	Iff	ah... você... desculpa! eu ouvi ele falar varal....		
	18	Ef2	pregador		
	19	Iff	pregador? eu falo prendedor ... //		
	20	?		vozes ao fundo	
	21	Iff	pregador de roupa... prendedor de roupa		
	22	?		vozes ao fundo	
	23	Imi	prendedor		
	24	SV			o grupo conversa enquanto SV escreve o nome de Ef2 na lousa
	25	CF	va... raalll...		
	26	Iff	prendedor	diz para CF	
	27	CF	dor... edor...		
	28	CF	“essau... essau”		
	29		// ... prendedor	investigadoras conversam ao fundo	
	30		// ... pregador	investigadoras conversam ao fundo	
	31	Ef1	agora prendedor	diz a investigadora que está ao lado de SV para auxiliá-lo com a escrita	

	32	Ef1	pregador	diz a investigadora olhando para o grupo	
	33	SV			SV escreve a palavra na lousa
					
	34	RG	misturou tudo.... rrs	diz vendo a palavra na lousa	
	35	Iff	na dúvida do prendedor e pregador ... pren ...//		
	36	Imi		//dengador rrs	
					
	37	SV			na seqüência, com a ajuda de Ef1, SV escreve "pregador"
	38		(RECORTE)		

Neste dado, Ef2 acerta o objeto cuja mímica foi feita e diz “*pregador*”. Enquanto o grupo discute se se diz “*pregador*” ou “*prendedor*”, SV escreve na lousa o nome de Ef2¹⁷, pois ela acertou o nome do objeto. Logo em seguida, quando SV faz menção de escrever o nome do objeto, Ef1, a estagiária que está ao lado de SV, para auxiliá-lo na escrita, diz a ele “*prendedor*”, mas SV escreve “*prandego*”.

“*Prandego*”, a nosso ver, é uma forte evidência de que SV centrou sua atenção na seletividade. Uma possível explicação seria: dada a “competição” que se instaurou entre “*pregador*” e “*prendedor*” no contexto, numa relação de alternância entre figura/fundo, SV ficou indeciso entre optar por uma ou outra seleção. Tendo em vista que as duas formas encerram o mesmo sentido, a seleção estaria relacionada à concorrência entre estímulos sonoros. Como todo processo de indecisão geralmente é recorrente, ou seja, fica se testando uma opção e outra, isso acabou se refletindo, no processo da escrita, na mescla das duas formas em “*prandego*”.

Vejamos, agora, o dado 04/SV, que é um outro momento da mesma sessão do dado anterior.

[10] Dado 04/SV - Pintura com pincel.

Fonte: Sessão de 18/08/2006 [mov002/41:00]

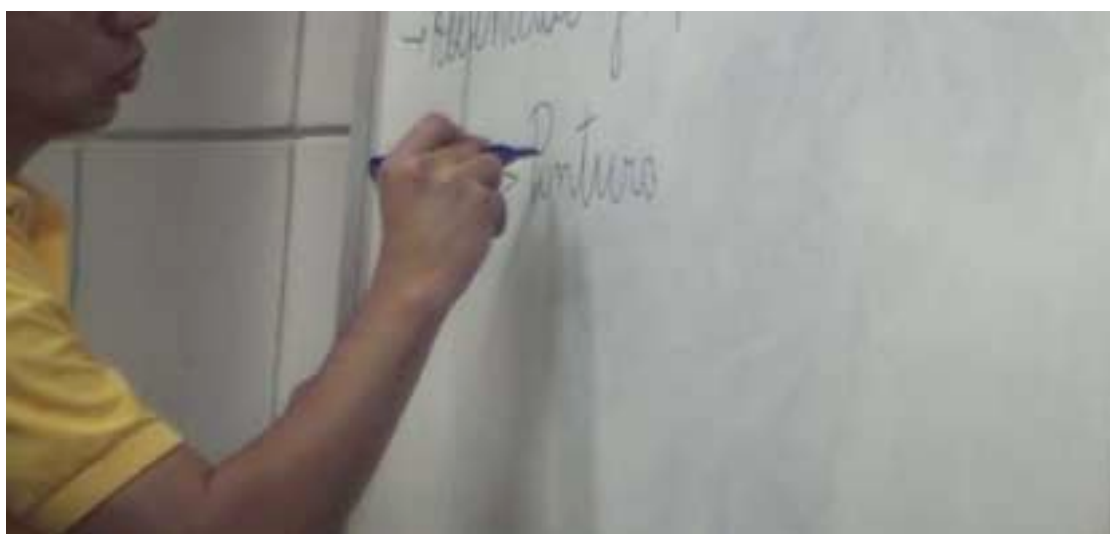
Contexto: O grupo participa de uma brincadeira de mímica. Os participantes devem escolher um objeto de uma sacola sem que os outros vejam e em seguida fazer uma mímica que retrate o objeto para os demais adivinharem. A cada rodada SV escreve na lousa o nome de quem acertou e o objeto que estava em jogo.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	01	Iff	fica aí SV... você vai ser nosso escriba		SV está frente a lousa, onde terminou de escrever o nome e o objeto da primeira rodada da brincadeira.
	02	Iff	alá... vamos ver o que o RL vai fazer		RL inicia a mímica do objeto que escolheu.

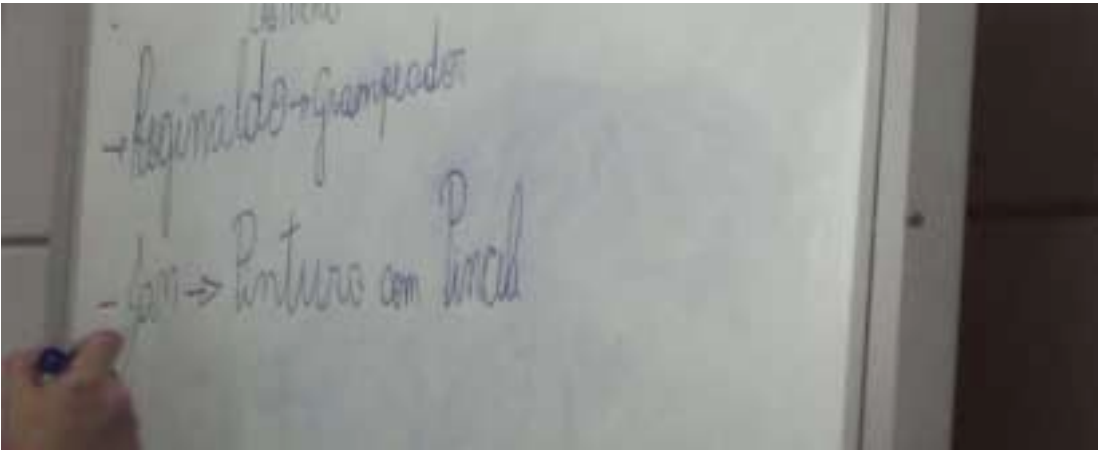
¹⁷ Ef1 e Ef2 são estagiárias do curso de Fonoaudiologia.

	03	SV	como é? ... de novo...		
	04	Iff	alá Dona D tá prestando atenção! Oh... olha a mímica do RL oh... para adivinhar o que é olha para ele...		
	05	SV	é pintor...		RL faz sinal de mais ou menos com a mão
	06		uma árvore	um participante do grupo tenta acertar	
	07	Iff	está mais parecido com o que o SV falou...		
	08	SV		fala algo ao fundo de modo ininteligível por baixo tom	
	09	Iff	que objeto que é?		
	10	SN	escultor...		
	11	Iff	um objeto...		
	12		caneta...	um participante do grupo tenta acertar	
	13	JS	Pincel...		
	14	Iff	aí... Sr. JS... muito bem!!		
	15	SV	Como é que é o dele... é D?		
	16	Iff	Seu Jan...		
	17	SV	dê		pronuncia “dê”, escrevendo a letra “D”
	18	Iff	Jota... Seu Jan é jota		
	19	Ef1			apaga a letra “D” da lousa
	20	SV			empunha a caneta e olha para os lados com indecisão
	21	Iff	soletra para ele	dizendo para o grupo	
	22	JS	jota		
	23	SV	jota?		
	24	Iff	ele é holandês SV...		
	25	SV	jootaa...		escrevendo a letra “J” na lousa
	26		a	diz um dos participantes do grupo	
	27	SV			SV escreve a letra “a” na lousa
	28	SV	ene...		escrevendo “n” de “Jan”
	29	JS	ene...	confirmando	

30	SV	agora o que que você...		pensativo escreve um tracinho
31	SV	pintura...		ao pronunciar a palavra começa a escrevê-la
32	Imi	pincel... SV		SV continua escrevendo “pintura” e pronunciando a palavra
33		SV... // pincel... // pincel // SV	dizem vários participantes do grupo (vozes ao fundo)	



34	SV			termina de escrever “pintura” e lê a palavra
35		// pincel... // pincel	membros do grupo dizem em tom alto	
36	SV			faz uma pausa, olha para o lado, empunha a caneta e começa a escrever “com”
37	Ilf	SV é só o objeto		
38	Imi	é só “pincel”		
39	SV			olha pensativo para a investigadora
40	Ilf	é só o objeto		
41	JS	é só essa aqui...		diz apontando para a lousa

	42	Imi	deixa ele		
	43	Iff	PIN CEL	diz pausadamente	
	44	SV			pronuncia fortemente “pin” e começa a escrever “pincel”
	45		// pincel...	diz um dos participantes do grupo (voz ao fundo)	o grupo conversa
	46	SV			inicialmente SV escreve “pincel” com “u” no final, depois vozes ao fundo salientam o “l” e SV, pronunciando a sílaba final outras vezes escreve um “l” em cima do “u”...
					
	47		RECORTE		

Neste dado, JS acerta o objeto cuja mímica que o representa está sendo feita. SV escreve na lousa, com a ajuda do grupo, o nome de quem acertou. Na seqüência, SV deveria escrever “*pincel*”, mas logo em seguida à escrita no nome de JS, SV pronuncia a palavra “*pintura*” e começa a escrevê-la, repetindo-a várias vezes, baixinho. Enquanto escreve “*pintura*”, o grupo (em alto tom) diz a SV que ele deveria escrever “*pincel*”. SV, porém, continua a escrever sem se perturbar. Somente ao terminar de escrever “*pintura*” é que parece ouvir que o grupo diz “*pincel*”. SV, então, começa a escrever “*com*”, ao que é

novamente interpelado pelo grupo que reforça a palavra “*pincel*”. SV faz uma pausa, e, lançando mão dos recursos alternativos que normalmente utiliza (COUDRY, 1986) diz “*é só essa aqui...*” para justificar que irá escrever “*pintura com pincel*”.

A nosso ver, SV seleciona “*pintura*”, o que não permite que acesse a outra forma sugerida pelo grupo (“*pincel*”). “*Pincel*” não entra em conflito com “*pintura*”, porque provavelmente, SV está operando com sua atenção centrada no eixo da contigüidade (considerando-se, na noção de hierarquia, a palavra). A reafirmar que a atenção de SV está centrada no eixo da contigüidade temos a saída que ele toma, ao final, quando se dá conta da outra palavra dita pelo grupo (“*pincel*”); saída essa que é colocar “*pincel*” de forma complementar a “*pintura*”.

A reflexão sobre os dados 03 e 04 de SV - um sujeito lesionado que, embora tenha dificuldades, discursivamente não apresenta necessariamente uma unipolaridade acentuada - nos conduz a duas considerações:

a) Os dados 03/SV e 04/SV são fortes indícios de que o foco da atenção pode incidir (em maior grau), em determinado momento, sobre um dos eixos.

Neste caso, a hipótese que levantamos com base nos dados de SI e EF é algo possível: tendo em vista as dificuldades originadas pela lesão, quando o sujeito cérebro-lesado se vê envolto e instado a dar conta das relações externas de contigüidade (nascidas discursivamente no diálogo), ele dispense maior atenção (considerando-se grau) para o eixo (seletividade ou contigüidade) em que sua dificuldade se manifesta; numa escolha inconsciente - gerada pela necessidade e marcada pela oscilação - que traduz um trabalho epilingüístico do sujeito.

b) Apesar de suas dificuldades com a linguagem, o fato de SV não apresentar necessariamente uma unipolaridade da linguagem abre caminhos para cogitarmos se, também nos sujeitos sem lesão, o foco da atenção oscila (em grau) entre os eixos da seletividade e da contigüidade.

3.2. SI e JS e a atividade (in)consciente: sistemas de referência e atenção.

Nesse conjunto de dados, retomamos um dado de SI que já analisamos no conjunto anterior e analisamos dois dos dados de JS.

3.2.1. SI

Retomamos, então, o dado 03/SI para análise sobre um novo ângulo. A reanálise que fazemos deste dado é tendo em vista a noção de sistemas de referência; uma noção presente na explicitação da concepção de linguagem de FRANCHI (vista no item 1.3.1.). Falaremos, contudo, em subsistemas de referência, pois, na verdade, os dados em análise se aproximam do que outras teorias consideram *scripts*, *frames* e *esquemas*.

Mantendo a divisão que fizemos do dado 03/SI em três momentos (um primeiro momento que vai da linha 35 a 74, um segundo momento que vai da linha 75 a 89, e um terceiro momento que vai da linha 90 a 100, conforme vimos no item 3.1.1.), notemos que um confronto entre o segundo e o terceiro momentos, nos deixa indícios de uma outra peculiaridade da relação linguagem e atenção: o foco em um ou em outro subsistema de referência. Notemos como SI tem sua atenção direcionada para um subsistema de referência (trecho a) e Icm para um outro (trecho b):

			RECORTE (trecho a)		
	79	Icm	É eu comprei numa loja de artesanato do Rio. Bonito né? O que significa este candelabro? Ele tem o formato de que dona JS? O que que ele lembra para a senhora?		
	80	SI			Observa o candelabro
	81	Icm	O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar.		
	82	SI			Pega o objeto e o explora
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
	84	Icm	Por que ele lembra cemitério?		
	85	SI	Ah, porque, é, é, (...) cemitério lê...lembra de quando tá morto assim.		

	86	Icm	Tá, eu entendi. Certo, a senhora acendeu uma vela. Aí eu perguntei o que este candelabro lembra e a senhora me disse que lembra um cemitério. Mas que formato tem este candelabro? Ele parece com alguma coisa? Com o que?		
	87	SI	Gente morto, assim.		
	88	Icm	Com gente morta?		
	89	SI	Ô, ô.	ri	
			RECORTE		

			RECORTE (trecho b)		
	90	Icm	É que para mim ele tem o formato de uma flor dona SI.		
	91	SI	Ah. Uma flor também.		
	92	Icm	A senhora também acha que parece uma flor?		
	93	SI	Acho.	Coloca novamente a vela no candelabro	
	94	Icm	Que flor seria dona SI?		
	95	SI	Flor...		
	96	Icm	Que tipo de flor? Margarida, rosa? Que flor que parece esse candelabro? Tulipa?		
	97	SI	Ah...	Não responde e continua observando o candelabro	
	98	Icm	O que que parece esse candelabro? A senhora não lembra?		
	99	Icm	Para mim pode ser tulipa mas pode ser também outra coisa.		
	100	SI	Ah é.		
			RECORTE		

Em suma, no dado 03/SI temos uma associação “candelabro/vela/cemitério/morto” que nos conduz a um subsistema de referência, e, uma associação “candelabro/flor/tulipa” que nos conduz a outro subsistema de referência. Nesse caso a questão seria, porque SI não direciona sua atenção para o mesmo subsistema de referência com o qual Icm opera? Sim, porque, a nosso ver, Icm consegue se mover para o subsistema de referência que SI foca sua atenção (trecho a), mas, acreditamos nós, o mesmo não se pode dizer de SI perante o foco de Icm (trecho b), respectivamente:

			RECORTE (trecho a)		
	86	Icm	Tá, eu entendi. Certo, a senhora acendeu uma vela. Aí eu perguntei o que este candelabro lembra e a senhora me disse que lembra um cemitério. Mas que formato tem este candelabro? Ele parece com alguma coisa? Com o que?		
			RECORTE		

			RECORTÉ (trecho b)		
92	Icm		A senhora também acha que parece uma flor?		
93	SI		Acho.	Coloca novamente a vela no candelabro	
94	Icm		Que flor seria dona SI?		
95	SI		Flor...		
96	Icm		Que tipo de flor? Margarida, rosa? Que flor que parece esse candelabro? Tulipa?		
97	SI		Ah...	Não responde e continua observando o candelabro	
			RECORTÉ		

Na análise que fizemos no item 3.1.1., já nos referimos às questões de ordem seletiva e metafórica aí implicadas. Vejamos agora questões de ordem pragmática.

Icm, apesar de manter o tópico “*candelabro*”, muda o foco da conversa, que antes girava em torno de “*acender a vela no candelabro*”, para o “*candelabro*” em si mesmo, deixando algumas pistas para SI:

			RECORTÉ		
73	Icm		Agora do jeito que a senhora colocou também a gente usa, mas no caso por exemplo de um pires, no caso de um local que ela não tenha apoio, que ela possa cair.		
74			Óia, ah, tá bom		
75	Icm		Este candelabro é meu dona SI, eu que comprei. Bonito? A senhora achou bonito?		
76	SI		Achei. Onde acha isso?		
77	Icm		Eu comprei numa loja no Rio.		
78	SI		Ah é? Óia.		
79	Icm		É eu comprei numa loja de artesanato do Rio. Bonito né? O que significa este candelabro? Ele tem o formato de que dona JS? O que que ele lembra para a senhora?		
80	SI			Observa o candelabro	
81	Icm		O que que ele lembra? O que que ele parece? Pode pegar.		
			RECORTÉ		

As pistas que SI tem para assimilar a mudança de foco estariam nas linhas 75, 77, 79 e 81. Mas das questões feitas pela investigadora Icm, uma em particular, dado o uso de “*lembra*”, instaura uma ambigüidade. A resposta de SI frente a essa ambigüidade, poderíamos dizer, soa relevante para SI e irrelevante para Icm:

			RECORTE		
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
	84	Icm	Por que ele lembra cemitério?		
			RECORTE		

Mas, considerando DASCAL (1982, p. 124):

“O interlocutor que se encontra diante de uma possível implicatura, pode ser comparado com um jogador em um jogo todo especial. Sua meta é descobrir a implicatura, se é que há alguma - e isto também ele tem que descobrir. Pois bem, uma implicatura é uma hipótese sobre as intenções do locutor que explica (ou elimina) a aparente irrelevância de sua enunciação, mostrando como a enunciação é de fato relevante” (DASCAL, 1982, p. 124),

Icm, dentro dos parâmetros das regras conversacionais, encontra relevância na fala de SI:

			RECORTE		
	86	Icm	Tá, eu entendi. Certo, a senhora acendeu uma vela. Aí eu perguntei o que este candelabro lembra e a senhora me disse que lembra um cemitério. Mas que formato tem este candelabro? Ele parece com alguma coisa? Com o que?		
			RECORTE		

Tendo em vista DASCAL (1982, p. 114):

“Digamos que algo é topicamente relevante no instante t para o sujeito S, se se trata de algo que está no centro ou foco do campo de atenção de S em t. O que não é topicamente relevante, mas ainda assim está localizado no campo de atenção de S, digamos, em seu ‘horizonte’ será considerado marginalmente relevante para S em t. Devemos, evidentemente, acrescentar que, além do horizonte do campo de atenção há um domínio de dados armazenados que pode ser chamados de fundo (background), e cujos membros são potencialmente relevantes (em diferentes graus) para S em t. Devemo-nos lembrar que a relação entre estes três níveis de relevância (que poderiam não ser os únicos) não é estática mas sim dinâmica, já que os dados passam constantemente de um a outro” (DASCAL, 1982, p. 114),

podemos considerar que SI, por sua vez, graças à ambigüidade, mantêm seu foco, elegendo como relevante o mesmo tópico, considerando da atividade de “*acender velas*” (que se torna marginalmente relevante) o que essa atividade lhe “*lembra*”:

			RECORTE		
	38	Icm	A senhora acende, por exemplo para alguém que já morreu?		
	39	SI	Ah, acendo, ô		
			RECORTE		
	83	SI	Lembra ce...cemitério.		
			RECORTE		
	85	SI	Ah, porque, é, é, (...) cemitério lê...lembra de quando tá morto assim.		
			RECORTE		
	87	SI	Gente morto, assim.		
			RECORTE		

Por esta análise entendemos, assim, que o fato de SI não direcionar sua atenção para o mesmo subsistema de referência com o qual Icm opera encontraria explicação de duas ordens diferentes. A primeira, que acontece no segundo momento (linhas 75 a 89, cf. item 3.1.1.), seria de ordem pragmática, tendo em vista as pistas deixadas por Icm na mudança de tópico, que permitem a SI continuar se movendo no mesmo tópico, dentro dos limites pragmáticos cabíveis a qualquer sujeito. A segunda, que aconteceria no terceiro momento (quando pragmaticamente SI é que é “convidada” a se mover para o subsistema de referência de Icm, o que SI aparentemente não alcança; linhas 90 a 100, cf. item 3.1.1.), seria de ordem seletiva e metafórica (como vimos no item 3.1.1.), dizendo respeito mais especificamente às dificuldades nascidas com a lesão.

3.2.2. JS

Um resumo da história de JS pode ser resgatado no item 2.2.1. Lembramos que, conforme Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), JS apresenta o Bloco II afetado.

Segundo PEREIRA (2006), JS apresenta dificuldades em atividades que requerem integridade visuo-espacial e dificuldades de memória.




Os dois dados de JS, que apresentamos na seqüência, têm algo em comum com o dado 03 de SI, ou seja, JS não direciona sua atenção para o mesmo subsistema de referência com o qual a investigadora Icp opera. Analisemos, primeiramente, o dado 01/JS:

[11] Dado 01/ JS - “Três e nove”...

Fonte: Dados coletados em 2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual.

Contexto: JS olhando as horas em um relógio com traços no lugar de números (ou seja, com mostrador não marcado). Vale ressaltar que esse dado foi obtido numa seqüência de outros dados de leitura das horas em que já se havia estabelecido que o relógio estava de frente para JS.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
					Icp desenha um relógio marcando 2:00
	01	Icp	Aqui, por exemplo, que horas são?		

	02	JS	Aqui são duas horas.		
	03	Icp	Se eu fizer assim, que horas são?		Marcando 9:10 
	04	JS	Quinze para as duas.		
	05	Icp	Esse é o ponteiro menor, ó.		Diminui o tamanho do ponteiro menor
	06	JS	Então/o ponteiro menor é esse aqui.		Apontando o ponteiro
	07	Icp	É.		
	08	JS	Então/são três e dez? Três e quinze?		
	09	Icp	Vamos ver ó.		
	10	Icp	Essa relação de posição também aparece no relógio.		
			RECORTE		
	11	Icp	Três e nove. Onde que geralmente aparece o três e onde que aparece o nove?		Iles quando disse três e nove estava se referindo aos traços que representam os números 3 e 9 que aparecem no relógio
	12	JS	Bom, o nove é normalmente é do, dos, do, do, que indica minutos, nove né. Indica minuto.		
	13	Icp	É aqui eu tô falando do número nove porque esse relógio aqui, ele não tem o número, né.		
	14	JS	Sei.		
	15	Icp	Mas cada tracinho desse...		
	16	JS	Mas o nove seria esse aqui.		Apontando o traço correspondent e ao número nove
	17	Icp	Isso. Então que horas são nesse relógio?		
	18	JS	Nove...//		
	19	Icp	Sabendo que o ponteiro menor é o ponteiro das horas.		
	20	JS	Quinze para as nove.		
	21	Icp	Por que quinze para as nove?		

	22	JS	Bom, aqui é nove horas.		Apontando o traço correspondent e ao número nove
	23	Icp	Hum hum.		
	24	JS	Então, mais seria nove e dez.		
	25	Icp	A:: sim, isso, isso. Isso. Hum hum.		
			RECORTE		

Esse dado, assim como o dado 02/JS, faz parte de uma série de dados colhidos em sessões individuais, na qual Icp investiga as dificuldades de JS com as horas e as operações matemáticas (PEREIRA, 2006). Notemos, neste dado, entre as linhas 01 e 10 as dificuldades de JS com o marcador sem número de um relógio, e de um modo geral, sua dificuldade em chegar a hora que é inquirida pela investigadora: 9:10. Deste dado queremos destacar, contudo, somente a passagem em que a investigadora Icp diz “*Três e nove. Onde que geralmente aparece o três e onde que aparece o nove?*” (linha 11).

Com a expressão “*Três e nove*”, Icp gera uma ambigüidade: Icp pergunta onde ficam, no marcador do relógio, os números 3 e 9, mas a expressão, dita por Icp, “*Três e nove*” é marcadamente a forma como dizemos as horas (três horas e nove minutos). E é como a forma que comumente dizemos as horas que JS interpreta inicialmente “*três e nove*” e por isso responde “*Bom, o nove é normalmente é do, dos, do, do, que indica minutos, nove né. Indica minuto*”.

Nesse sentido, Icp diz algo tendo em mente um subsistema de referência (o dos números inteiros) e JS interpreta o que Icp disse tendo em mente outro subsistema de referência (o das horas e suas respectivas funções no relógio).

Considerando DASCAL (1982, p. 114), parece-nos que JS sequer nota a ambigüidade e elege como topicamente relevante o subsistema das horas. Há que se considerar, neste fato, dois pontos: a) JS continua no contexto em que se move com os números no plano das horas (linhas 01 a 10); b) “*Três e nove*” é uma expressão cuja forma apresenta uma espécie de memória histórica que a relaciona a um determinado subsistema de referência, no caso o das horas.

Ainda considerando DASCAL (1982, p. 124), Icp, dentro dos parâmetros das regras conversacionais, logo encontra relevância na fala de JS, desfazendo o mal entendido aí nascido:

			RECORTE		
	13	Icp	É aqui eu tô falando do número nove porque esse relógio aqui, ele não tem o número, né.		
			RECORTE		

Na seqüência, após o esclarecimento, JS consegue, sem dificuldades, se mover para o mesmo subsistema de referência que a investigadora Icp:

			RECORTE		
	14	JS	Sei.		
	15	Icp	Mas cada tracinho desse...		
	16	JS	Mas o nove seria esse aqui.		Apontando o traço correspondente ao número nove
			RECORTE		

Por essa análise entendemos, assim, que o fato de JS, neste dado, não direcionar sua atenção para o mesmo subsistema de referência com o qual Icp opera encontraria apenas uma explicação de ordem pragmática, tendo em vista que JS continua operando no mesmo contexto e faz uma opção pela relevância tópica do enunciado mais comum (ou seja, o que tem uma espécie de memória histórica).

Analisemos, agora, o dado 02/JS

[12] Dado 02/ JS - Não posso falar, fica feio.

Fonte: Dados coletados em 2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual.

Contexto: Ics faz alguns cálculos com JS. Ics escreve os números 111 e 95 para serem somados por JS.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	01	JS	1 mais nada é nada.		risos
	02	JS	É 1 ainda, desculpa.		
	03	JS	9 mais 1 é 10, vai 1, vai, vai 10. Então como que fica isto aqui? 9 mais 1, coloca aqui zero embaixo.		Apontando para o espaço onde é inserido o resultado
	04	Icp	Não. É aqui ou aqui? O senhor vai começar por onde afinal de contas?		
	05	JS	Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa.		
	06	Icp	De que lado o senhor vai começar?		
	07	JS	Eu acho melhor começar pelo//. Acho melhor não; eu devo começar...		
	08		//		

09	JS	Eu acho que vou começar aqui.		Apontando no papel a coluna do meio (1+9)
10	Icp	Peraí, aqui?		Aponta com caneta onde JS havia apontado
11	Icp	Do meio?		
12	JS	Não, não. Esta porcaria aqui. 1 mais 9.		Aponta novamente o mesmo local
13	Icp	O senhor vai começar daqui. Tá. 1 mais 9?		
14	JS	10.		Ics escreve o nº 0 sob o 9
15	Icp	10. Não posso escrever o 10 aí, certo?		
16	JS	Não.		
17	Icp	Vai 1 pra onde?		
18	JS	Vai 1 pra/bom, 1 tem que ir somado aqui.		Apontando o nº 1 (111) da direita
19	Icp	Então ele vem pra cá, o 1?		Apontando do lado que JS havia apontado
20	Icp	Do 10.		
21	JS	//		JS olha para o papel, levanta a cabeça olha para o lado, para o papel novamente e para o lado.
22	Icp	Que que ficou aí confuso senhor JS? Pra onde que o 1 vai? Se vai vir pra cá ou vai vir pra cá?		Mostrando os lados (primeiro e último números 1 do nº 111)
23	JS	É.		
24	Icp	É?		
25	JS	É.		
26	Icp	Hum. É a mesma história do lado senhor JS; do lado que o senhor tá começando.		
27		RECORTE		
28	Icp	O que que tá aqui desse lado?		Mostrando coluna à direita (1 e 5)
29	JS	6.		Somando 1+5
30	Icp	Isso. 6. 1 mais 9...		
31	JS	10.		
32	Icp	10. vai 1 pra onde?		
33	JS	Pra baixo. Pra baixo não, vai pra cá.		Apontando a coluna do 1 e 5
34	Icp	Mas a gente já não colocou a soma aqui de 1 mais 6?		Referindo-se a soma de 1+5, na realidade
35	JS	É.		

	36	Icp	Como é que nós vamos botar o 1 aqui em cima?		
	37	JS	É, não sei também.		
	38	Icp	Tem outro lugar pra ele poder ir?		
	39	JS			Risos
	40	Icp			Risos
	41	JS	Não posso falar, fica feio.		
	42	Icp	Ó: senhor JS, senhor JS, não acredito nisso senhor JS. Meu Deus! Censurado, censurado!		Brincando. Risos de JS e Ics
			RECORTE		

Neste dado 02/JS podemos notar as dificuldades de JS com uma operação de somar, contudo, queremos destacar a passagem em que Icp diz: “*Tem outro lugar pra ele poder ir?*” (linha38).

Icp, nesse enunciado, se refere a uma outra possível “casa” numérica em que JS poderia colocar o número que seria elevado na soma que ambos realizavam, ou seja, Icp tem em mente um contexto matemático. Notemos que Icp faz um uso literal de um enunciado marcadamente muito utilizado em situações em que se está com o “saco cheio”, ou que se quer xingar alguém, e que, é claro, faz parte de um outro subsistema de referência.

Assim, aproveitando-se da ambigüidade e dessa espécie de memória histórica que permeia tal enunciado, JS malicia o que Icp disse, rindo e dizendo: “*Não posso falar, fica feio*”, o que provoca uma situação de humor. Ao fazer isso, parece-nos que JS se move de um subsistema de referência cujo enunciado lhe trazia dificuldades para um subsistema de referência cujo enunciado lhe permite instaurar uma situação de humor que, de certa maneira, o livra da tensão provocada pela necessidade de resposta à pergunta de Icp.

Considerando DASCAL (1982, p. 124), Icp, dentro dos parâmetros das regras conversacionais, encontra relevância na fala de JS:

			RECORTE		
	42	Icp	Ó: senhor JS, senhor JS, não acredito nisso senhor JS. Meu Deus! Censurado, censurado!		Brincando. Risos de JS e Ics
			RECORTE		

Tendo em vista DASCAL (1982, p. 114), consideraríamos que, movido por uma exigência não-conversacional (DASCAL, 1982, p. 115), no caso sua dificuldade com os números que se estendem ao longo da operação matemática, JS eleva, como topicamente

relevante, um elemento que faz parte dos dados armazenados no que se chama de fundo (background).

Por essa análise entendemos, assim, que o fato de JS, neste dado, não direcionar sua atenção para o mesmo subsistema de referência com o qual Icp opera encontraria explicação de duas ordens diferentes. A primeira seria, também, de ordem pragmática, tendo em vista que JS faz uma opção pela relevância tópica do enunciado mais comum (ou seja, que tem uma espécie de memória histórica sempre presente nos sistemas de referência). A segunda, que de certa forma se difundiria na primeira dada uma espécie de consciência de JS para se valer dos recursos pragmáticos a sua disposição, poderia estar relacionada com as dificuldades específicas de JS com as operações matemáticas e ser caracterizada como uma espécie de fuga. A esse respeito, em PEREIRA (2006) encontramos uma consideração semelhante: “*em muitos momentos JS disfarça suas dificuldades (principalmente de memória) por meio de soluções lingüísticas possibilitadas pragmaticamente*”. Essa segunda explicação estaria, pois, mais especificamente relacionada às dificuldades nascidas com a lesão

Em suma, com a análise destes dados de SI e JS, encontramos duas possíveis explicações para o fato de, na interação, algumas vezes, os sujeitos centrarem seu foco de atenção em diferentes subsistemas de referência.

Uma delas é natural à linguagem e a todos os sujeitos, cérebro-lesados ou não. Essa explicação seria de ordem pragmática, estando relacionada à relevância tópica e envolvendo escolhas inconscientes que trilham por caminhos mais percorridos (memória histórica).

A outra estaria intimamente ligada às dificuldades dos sujeitos cérebro-lesados, mas seriam tão heterogêneas quanto são os diferentes casos, envolvendo tanto escolhas conscientes, como escolhas inconscientes. Por exemplo, no caso de SI, a explicação estaria relacionada às dificuldades dela com questões de ordem seletiva e metafórica. No caso de JS, a explicação estaria relacionada às “fugas” que JS estrategicamente provoca quando se encontra em situações de dificuldade.

3.3. CF e a opção pela especularidade: Interação e atenção.

Neste conjunto de dados, apresentamos sete dados de CF. Alguns deles discutiremos em relação aos temas dos itens 3.1. e 3.2., ou seja, em relação à bipolaridade da linguagem e em relação aos subsistemas de referência, os demais discutiremos em relação à *especularidade*, o tema deste item.

Um resumo da história de CF pode ser resgatado no item 2.2. Lembramos que, conforme Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), CF apresenta os Blocos II e III afetados.

Reiteramos, aqui, a dificuldade que CF tem com a iniciativa verbal, que quase sempre resulta na produção da estereotipia /e'saw/. Apesar de, muitas vezes, limitada à estereotipia e repetições, CF tem a seu favor a preservação dos aspectos entonacionais da linguagem (intensidade, ritmo, velocidade e tom) que explora de acordo com o seu intuito discursivo, servindo-se deles como importantes elementos para a significação e, consideramos nós, para uma certa contextura de sua expressão verbal. Vejamos o dado 01/CF:

[13] Dado 01/CF - e'saesaw

Fonte: Sessão de 24/02/2003 - GRUPO II/FITA 43 [01:24]

Contexto: O grupo conversa. CF mostra pintura feita por ela para Ief. Imc conta que a Ief teve um filho temporão. CF escreve uma palavra e mostra para Imc.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
\esc	1	CF	Ó ó / esaw ó.		Escrevendo Piracicaba
\?	2	Imc	O que? Ela tá indo pra Piracicaba?	Lê o que CF escreveu e pergunta sobre Ief	
\	3	CF	Não.		
\?	4	Imc	O que que tem Piracicaba?		
\TF	5	CF	e'saesaw ó.		
\	6	Imc	Nós estamos falando do <i>menino</i> da Ief, né.		

\:	7	CF	Ó é: menino.		Fazendo gesto de certa altura com a mão
\?	8	Imc	Ah, você conheceu?		
\	9	CF	É:	concordando	
\!	10	Imc	Ah, você conheceu os filhos dela em Piracicaba.		
\	11	CF	É:		
\	12	Imc	Mas olha como é difícil entender. Ela escreve só Piracicaba e eu tenho que me virar para entender.	Dirigindo-se ao grupo	
			RECORTE		

Além da estereotipia /e'saw e'saw/, podemos notar que CF conservou as expressões “*eh*” e “*não*”. Há também, além dessas, uma expressão bastante recorrente na sua fala, mas que não aparece nesse dado, que é “*oh senhor, preciso falar*”, expressão essa que pode ser, também, considerada como uma estereotipia no nível da frase.

Associada à afasia, CF apresenta uma apraxia de fala que afeta os órgãos fonoarticulatórios com efeitos na seletividade. Apesar da apraxia, CF consegue pronunciar algumas palavras de forma compreensível, como quando diz “*menino*” (linha 7).

Notamos, aqui, que “*menino*” na fala de CF se apresenta como uma especularidade da fala da investigadora, ou seja, a contribuição lingüística de CF consiste em uma resposta que resulta da incorporação de segmentos da fala de outrem (COUDRY, 1986, 1988, p. 60; apoiada em DE LEMOS, 1981, 1982). Conforme veremos nos dados seguintes, nem sempre as palavras que CF pronuncia de forma compreensível se apresentam como especularidade. À especularidade, nosso tema neste item, voltaremos mais tarde, considerando-a em relação à atenção.

Podemos notar, também, no dado 01/CF, que CF faz da escrita um recurso alternativo (COUDRY, 1986) para suprir as dificuldades que tem na fala, como quando escreve “*Piracicaba*”, no turno um. Assim como a escrita, CF faz uso de outros recursos que funcionam como processos alternativos de significação (COUDRY, 2007b), tais como gestos, olhares, entonação, a própria especularidade, trechos de músicas e sons significativos diversos. O uso que CF faz dos trechos de músicas, discutiremos logo mais em relação à atenção, tendo em vista o sistema de referência (cf. item 3.2.).

Por ora, voltemos às dificuldades de CF, cujos efeitos se manifestam no eixo da seletividade, discutindo como se configura o caso de CF em relação à hipótese vista no final do item 3.1., cuja generalização aqui relembramos:

Tendo em vista as dificuldades originadas pela lesão, quando o sujeito cérebro-lesado se vê envolto e pressionado a dar conta das relações externas de contigüidade (nascidas discursivamente no diálogo), ele dispense maior atenção (considerando-se o grau) para o eixo (seletividade ou contigüidade) em que sua dificuldade se manifesta; numa escolha inconsciente - gerada pela necessidade e marcada pela oscilação - que traduz um trabalho epilingüístico do sujeito.

Aprofundemos a discussão analisando o dado 02/CF.

[14] Dado 02/CF - O que você gosta de fazer no seu dia a dia?

Fonte: Sessão de 14/04/1999-FII - FITA 90 [35:00]

Contexto: Na sessão anterior Ijt conversa com o grupo sobre uma possível encenação teatral que fariam; para isso começa perguntando o que cada um faz. Nesta sessão ele retoma, por meio de suas anotações, as atividades de cada um. Como CF não veio na sessão anterior, o investigador, após ter repassado as atividades de todos que já falaram na outra sessão, dirige a pergunta para ela.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
\?	438	Ijt	vamos conversar com a CF agora?		
	439	Ijt	falta só você agora CF para a gente saber o que faz		
\?	440	Ijt	o que você gosta de fazer no seu dia-a-dia?		
\TF	441	CF	[amĩesaɔ]		Juntando as duas mãos como se estivesse rezando
	442	CF	amém Jesus!		
	443	Ijt	orar		
	444	CF	um, dois, é		
\TF	445	CF	[esaɔ]	Tentando dizer “rezar”	
	446	Ijt	rezar		
	447	CF	rezar	Repetindo	
\?	448	Ijt	você gosta de rezar?		
	449	CF	rezar	Confirmando	
	450	CF	ó, tinta		Apontando para o fundo da sala e fazendo um gesto como se estivesse pintando.

	450		Ah... ieeehh		CF aponta para sua boca comemorando ter conseguido falar “tinta”
	451	Ijt	você usa tinta para pintar		
	451	CF	pinta		
\?	452	Ijt	mas pintar o quê, a tela ou o tapete que você faz?		
	453	CF	não		
	454	CF	tapete	Falando pausadamente	Repetindo o gesto como se estivesse pintando
\?	455	Ijt	tinta?		
	456	CF	oh tinta		Apontando para o fundo da sala
\?	457	Ijt	mas usa a tinta para pintar... você pinta tela também?		
	458	CF	oh!	Confirmando	Fazendo sinal de positivo com a mão
	459	Ijt	muito bem		
	460	CF	pincel		
\TF	461	CF	[esaɔ]		Faz o gesto de encostar a cabeça no ombro
\?	462	Ijt	o quê que é isso?		
	463	CF	pintar		Repetindo o mesmo gesto
\?	464	Ijt	mas o quê que é isso que você está fazendo?		
\TF	465	CF	[ɛesa]		
\?	466	Ijt	criança?		
	467	CF	criança		
\?	468	Ijt	você pinta criança?		
	469	CF	pi: é: po: é: palhacinho		Passando as mãos nas sobrancelhas
\?	470	Ijt	você pinta palhaços?		
	471	CF	é	Confirmando	
\TF	472	CF	[esaɔ]		
\TF	473	CF	[pɪɛzzzʼ]		Levantando-se e fazendo gestos como se estivesse limpando algo
	474	Ijt	limpar		
\?	475	Ijt	você faz limpeza?		
\TF	476	CF	[pezɛɛ]	Tentando dizer “limpeza”	
	477	CF	fogão... humm... eh eh pia		Apontando para a pia

\?	478	Ijt	you lava louça?		
	479	CF	opa!	Confirmando	
\TF	480	CF	[gõu]	Tentando dizer “fogão”	Apontando para o fogão
	481	Ijt	fogão		
\?	482	Ijt	you limpa o fogão?		
\TF	483	CF	[gõu]	Tentando dizer “fogão”	
\?	484	Ijt	you só limpa o fogão ou you cozinha também?		
\TF	485	CF	[aiɛ']		Fazendo um gesto (neste momento CF está de pé em frente a pia e de costa para a câmera).
\?	486	Ijt	arroz?		
\TF	487	CF	[rois]	tentando dizer “arroz”	
	488	Ijt	arroz	Falando pausadamente para CF repetir	
	489	Ijt	então, you faz a:	Fornecendo o prompting	
	490	CF	arroz eh eh...		
\?	491	CI	carne you não faz?		
	492	CF	oh!	Confirmando	
	493	Ijt	youes podem até trocar uma receita aí		
	494	CF	pia		Fazendo um gesto como se estivesse dormindo
\?	495	Ijt	mas o quê que é isso?		
	496	SP	dormir		
\?	497	Ijt	dormir?		
	498	CF	é!	Confirmando	
\TF	499	CF	oh oh [oesæw]		Encaminhand o-se para SI e pegando na sua roupa
\?	500	Ijt	roupa de dormir?		
	501	CF	roupa		
\?	502	Ijt	you costura?		
	503	CF	não		
\TF	504	CF	[esao]		
\?	505	Ijt	you desenha ou o quê que you faz?		
\TF	506	CF	[aesæ]		
	507	Ijt	you está falando de roupa de dormir		
\TF	508	CF	[miɾ]	Tentando dizer “dormir”	
	509	Ijt	roupa de dormir é pijama		
\TF	510	CF	[eesæw]		

\?	511	Ijt	você faz pijama?		
	512	CF	não oh pia oh [ɛɛsɐw] pia		Inclinanda a cabeça para o lado e encostando a mão na cabeça, num gesto representativo de dormir
\?	513	Ijt	o quê que é então?		
VTF	514	CF	[ɔɛsɐmi¹]		Pega a bolsa e de lá tira um papel
VTF	515	CF	[aiɔaiɔ]		
\?	516	Ijt	vamos lá, o quê que é?		
VTF	517	CF	[ɛsɛsɐw]		Abrindo o papel e apontando para algo
\?	518	Ijt	cama....roupa de cama?		
	519	CF	roupa		
	520	Ijt	lençol		
VTF	521	CF	[sɔu]	Tentando dizer “lençol”	Fazendo gesto de positivo
\?	522	Ijt	o quê que você faz, faz lençol?		
	523	CF	não...		Faz um gesto circular com as mãos
	524	CI	pinta		
	525	CF	pinta!		
\?	526	Ijt	você pinta lençol, é isso?		
	527	CF	não		
\?	528	Ijt	você usa lençol?		
VTF	529	CF	[sɔu]	Tentando dizer “lençol”	
VTF	530	CF	[tʃɜ¹]		Fazendo o mesmo gesto circular com as mãos
\?	531	Ijt	o assunto é cama?		
	532	CF	cama		
\?	533	CI	passar?		
\?	534	Ijt	passar roupa?		
	535	CF	é! passar	Confirmando	Fazendo agora um gesto mais firme de vai e vem com as mãos
\?	536	Ijt	você lava também, não?		
	537	CF	é	Confirmando	
	538	Ijt	quem gosta de passar roupa aqui é a SI		
	539	CF	olha!		Fazendo jóia com o polegar

\?	540	Ijt	você passa bem?		
	541	CF	oh, senhor!	Confirmando	
\lei	542	Ijt	então, a CF faz a limpeza da casa	Recapitulando tudo que CF tinha dito que fazia	Lendo o que tinha anotado sobre CF
	543	CF	casaa		
\lei	544	Ijt	ela cozinha		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	545	CF	... zinhaa		
\lei	546	Ijt	ela passa roupa, lava e passa roupa		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	547	CF	roupaa		
\lei	558	Ijt	ela pinta		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	549	CF	olha... oh senhor		
\lei	550	Ijt	ela tece, faz tapetes		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	551	CF	oh senhor!		
\TF	552	CF	[aiøesaesaesɐw]		
\?	553	Ijt	tem mais alguma outra coisa, além de tudo isso?		
\né	554	Ijt	porque você já faz muita coisa, né CF?		
\TF	555	CF	[øesa]		
\?	556	Ijt	você gosta de caminhar também, CF?		
\TF	557	CF	[aoiasaesa]	Tom de desânimo	Apontando para a perna
	558	Ijt	também você não procura		
\?	559	Ijt	você não faz educação física com a Iff?		
	560	CF	[aiøesaesaesɐw]		Pega a bolsa, procurando por algo dentro dela
	561	Ijt	porque semana passada, CF, eu fui na educação física		
	562	Ijt	você fez falta lá, viu		
	563	Ijt	aliás a educação física está legal		
	564	Ijt	você que gosta de esporte, vai jogar bola lá	Falando para CI	
	565	CF	oh		Mostrando algo para Ijt
	566	Ijt	lá no Instituto de Educação Física de Piracicaba		olhando para o papel que CF lhe deu
	567	Ijt	a CF desenvolve atividade lá		
\TF	568	CF	[dødøesaø]		Fazendo um gesto
	569	Ijt	fisioterapia com a M		
\TF	570	CF	[dødøesaø]		Fazendo um gesto


	571	Ijt	você faz fisioterapia		
\TF	572	CF	[piə]	Tentando dizer “fisioterapia”	
\?	573	Ijt	você faz piscina também, não?		
\TF	574	CF	[ɛɛsɐw]	confirmando	
\?	575	Ijt	faz?		
	576	Ijt	a dona GR faz piscina também		
	577	CF	piscina, oh!		
\TF	578	CF	[dɛdɛ]	Tentando dizer “nadar”	
	579	Ijt	nadar		
\?	580	Ijt	então, você gosta de nadar também?		
	581	CF	oh!	Confirmando	
\?	582	Ijt	mas você nada sempre ou é de vez em quando?		
	583	CF	não		
\?	584	Ijt	sempre?		
	585	CF	sempre		
\?	586	Ijt	toda semana?		
	587	CF	oh!	Confirmando	
\?	588	Ijt	então, vocês estão bem, hein?		
	589	Ijt	está todo mundo fazendo muita coisa		
	590	CF	ó		Mostrando um papel com coisas que ela tinha escrito
	591	Ijt	a CF gosta de escrever também, olha		Vendo o que ela tinha escrito
\né	592	Ijt	aliás, uma coisa que eu acho que a gente pode estar fazendo é praticar a escrita, né?		
	593	CF	escritaa...		
	594	Ijt	escrever para amigos, para parentes		
	595	Ijt	escrever carta é uma coisa legal, é um exercício		
\TF	596	EF	[dɛdɛdɛ]	Tentando dizer “datilografia”	Fazendo o gesto de datilografar
	597	Ijt	datilografia		
	598	CF	fia		
\?	599	Ijt	o senhor datilografa também?		
	600	CF	oh... thu thu thu		fazendo gesto de datilografar
	601	EF	é	confirma	
\né	602	CI	tem um curso de computação aqui que eu estava falando, né?		
			RECORTE		

A cena enunciativa deste dado 02/CF é semelhante a dois dos dados iniciais de SI, sendo inclusive, continuação da atividade que o investigador desenvolvia com o grupo.

Observando o dado 02/CF, podemos notar como as dificuldades de CF se manifestam no eixo da seletividade, uma vez que na maior parte de sua fala, cuja maior unidade expressa é a palavra, é possível notar a especularidade ou a estereotipia *esaesaw*. Mas nem sempre é assim, há momentos (no dado 02/CF) em que CF é feliz na tentativa de expressar o que pretende dizer. Analisando alguns desses momentos, conforme segue, observamos neles como o gesto parece ser um importante caminho para CF chegar à palavra.

			RECORTE		
VTF	441	CF	[amíesao]		Juntando as duas mãos como se estivesse rezando
					
	442	CF	amém Jesus!		
			RECORTE		

			RECORTE		
450	CF		ó, tinta		Apontando para o fundo da sala e fazendo um gesto como se estivesse pintando.
					
			RECORTE		

			RECORTE		
469	CF		pi: é: po: é: palhacinho		Passando as mãos nas sobrancelhas
					
			RECORTE		

			RECORTE		
VTF	473	CF	[pĩεzzz']		Levantando-se e fazendo gestos como se estivesse limpando algo
					
			RECORTE		

			RECORTE		
	477	CF	fogão... humm... eh eh pia		Apontando para a pia
					
			RECORTE		

			RECORTE		
VT	480	CF	[gãu]	Tentando dizer “fogão”	Apontando para o fogão
					
			RECORTE		

Observemos, por exemplo, quando CF vai dizer “*limpeza*” (linha 473): CF se levanta e movimentando os dois braços imitando uma ação de limpeza. Ou, então, observemos quando CF vai dizer “*pia*” (linha 477) ou “*fogão*” (linha 480): ela volta todo seu corpo para o objeto, apontando na sua direção. É de se notar o valor que o não-verbal tem frente ao seu intuito discursivo.

É importante notar que, às vezes, os gestos que CF faz enquanto tenta expressar o que pretende dizer chega até mesmo a ter muita emoção envolvida (fruto da euforia que a toma por tentar se expressar e não conseguir) e que a leva, de certa forma, a extrapolar certos parâmetros pragmáticos. Um exemplo é quando CF se aproxima de SI pegando sua roupa, tentando dizer algo, sem sucesso:

			RECORTE		
√TF	499	CF	oh oh [oəsəw]		Encaminhando-se para SI e pegando na sua roupa
					
			RECORTE		

Ainda que o gesto seja um caminho para CF acessar a palavra (o que nem sempre acontece, conforme linha 499), acreditamos que o gesto seja, também, um indicativo, um reflexo de sua concentração, de sua atenção (que, dadas suas dificuldades, recaem no eixo da seletividade em maior grau) na sua tentativa de se expressar com sucesso.

Passemos, agora, ao uso que CF faz de trechos de músicas como um processo alternativo de significação, discutindo-o em relação aos sistemas de referência e em relação a atenção, e retomando questões que vimos no item 3.2.. Vejamos, primeiramente, os dados 03/CF, 04/CF e 05/CF, apresentados em seqüência:

[15] Dado 03/CF- Natal?

Fonte: Sessão de 30/09/1998 - FITA 319.

Contexto: A investigadora inicia a sessão. O grupo conversa sobre vários tópicos até que CF mostra um cartão de natal para a investigadora.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
√?	130	Ima	você trouxe uma coisa aqui para a gente ver?		
√TF	131	CF	[və esə esəw]		
√?	132	Ima	é esse aqui?		

	133	CF	é	Confirmando	
\TF	134	CF	[t̃ɔ't̃ɔt̃ɔt̃ɔ]	Cantando	
\?	135	Imc	natal?		
\TF	136	CF	[t̃aʊ ε o esɐ esaw]		
\?	137	Imc	é um cartão de natal?		
	138	CF	é	Confirmando	
\né	139	Imc	é que o natal já está chegando, né?		
	140	Ima	não, ainda faltam três meses		
	141	Imc	que três, setembro já acabou!		
	142	Ima	não, ainda é setembro		
\TF	143	CF	[o esaw]		
			RECORTE		

[16] Dado 04/CF - Carnaval

Fonte: Sessão de 02/12/1998 - FITA 35 [01:12].

Contexto: O grupo planeja atividade com os aniversariantes do mês; para isso perguntam quem faz aniversário e quando.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	631	Iem	JB, a gente podia também no dia dezesseis fazer uma homenagem para quem faz aniversário no mês de Dezembro		
			RECORTE		
	630	JB	R	Repetindo	
\?	631	Iem	quem mais?		
	632	Iem	ah, a SI!		
	633	Iip	não, o dela foi em Novembro		
	634	Iip	ela até trouxe um bolo e a gente cantou parabéns		
\?	635	Iem	que dia que foi?		
	636	Irp	dia vinte e sete		
	637	Iip	não, foi dia nove parece		
	638	Iip	já faz um tempinho		
\?	639	Iip	teve alguém que fez dia vinte e sete?		
	640	JB	eu!		
\?	641	Iip	foi você, JB?		
	642	Iem	tudo bem, vamos comemorar também os do mês de Novembro vai		
	643	Iem	e os de Março também		
\?	644	Iem	você é de Abril?	Perguntando para CF	
	645	CF	não		
	646	Iip	a CF é de Fevereiro		
\?	647	Iem	de Fevereiro?		
\TF	648	CF	[erəu]	Tentando dizer “Fevereiro”	

	649	CF	tã, tã, tã, tã	Cantarolando uma música de carnaval	
\né	650	Iip	é no carnaval, né CF?		
\TF	651	CF	[vaw]	Tentando dizer “carnaval”	
			RECORTE		

[17] Dado 05/CF - Corinthians

Fonte: Sessão de 14/04/1999 - FITA 90 [07:00].

Contexto: Na sessão anterior Ijt conversa com o grupo sobre uma possível encenação teatral que fariam, para isso começa perguntando o que cada um faz. Nesta sessão ele retoma, por meio de suas anotações, as atividades de cada um.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção não-verbal
			RECORTE		
	83	Ijt	a CS que não veio hoje também		
\lei	84	Ijt	ela gosta de fazer palavras-cruzadas		Lendo o papel
\lei	85	Ijt	gosta de assistir televisão		Lendo o papel
\lei	86	Ijt	ela gosta de costurar		Lendo o papel
\lei	87	Ijt	faz ponto cruz, tricô		Lendo o papel
\lei	88	Ijt	JB além de torcer		Lendo o papel
	89	Ijt	aliás, ele gosta de sofrer		
	90	Ijt	porque o time que ele torce faz ele sofrer muito		
	91	CF	tã, tã, tã, tã		Cantarolando o hino do Corinthians
	92	Ijt	não, não é o Corinthians não		
\?	93	Ijt	sabe que time é o dele?		
	94	EF	Guarani		
	95	Ijt	Guarani	Confirmando	
\?	96	Ijt	o senhor também é bugrino, EF?		
	97	EF	oh, oh		Sinalizando que não com a mão
			RECORTE		

Esses três dados têm em comum o fato de CF se expressar, em seu turno, com uma melodia. Utilizamos o termo “melodia” porque CF canta trechos de música sem a letra, pronunciando apenas uma sílaba repetidamente (no caso “tã”) e com ritmo bem marcado. No primeiro dado, de acordo com o contexto e a cena enunciativa, CF canta uma conhecida música de natal, no segundo uma conhecida música de carnaval e no terceiro o hino do Corinthians. Considerando DASCAL (1982, p. 124), Imc, Iip e Ijt, dentro dos parâmetros das regras conversacionais, logo encontram relevância na expressão de CF, respectivamente:

			RECORTE		
\TF	134	CF	[t̃ʔt̃ʔt̃ʔt̃ʔ]	Cantando	
\?	135	Imc	natal?		
\TF	136	CF	[t̃aʊ ε o eʂe eʂaʊ]		
\?	137	Imc	é um cartão de natal?		
	138	CF	é	Confirmando	
			RECORTE		

			RECORTE		
	649	CF	tã, tã, tã, tã	Cantarolando uma música de carnaval	
\né	650	Iip	é no carnaval, né CF?		
			RECORTE		

			RECORTE		
	90	Ijt	porque o time que ele torce faz ele sofrer muito		
	91	CF	tã, tã, tã, tã		Cantarolando o hino do Corinthians
	92	Ijt	não, não é o Corinthians não		
			RECORTE		

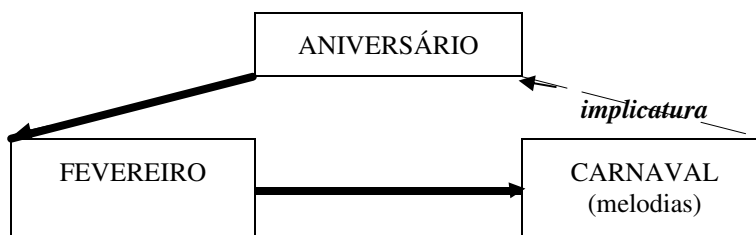
SCISCI (2004, p. 35) observa, em relação à fala, que os interlocutores participantes do CCA, tendo conhecimento das dificuldades de seus companheiros de grupo, respeitam os silêncios, as pausas, os momentos em que há demora para se conseguir falar ou até mesmo quando não se consegue falar. Da mesma forma, acreditamos nós, é certo que os interlocutores também consideram os processos alternativos de significação, buscando a atribuição de sentidos. Considerar a afasia e as dificuldades dos sujeitos é um fator a mais a garantir que se chegue à relevância do que foi dito.

O intuito de apresentar os três dados parecidos (03/CF, 04/CF e 05/CF) foi o de evidenciar que esse é um recurso alternativo comumente usado por CF. Agora, ao aprofundarmos a discussão, nos deteremos apenas no dado 02/CF.

No item 3.2. falamos de dois casos em que os sujeitos e seus interlocutores, em um dado momento, tinham a atenção em diferentes subsistemas de referência. No caso de CF e suas interlocutoras (Iem e Iip), isso não acontece: elas centram a atenção em um mesmo subsistema de referência.

O que aconteceria no caso de CF e que vale a pena analisarmos é que, parece-nos, a atenção de CF estaria centrada em relacionar diferentes subsistemas de referência. É como se CF explorasse os subsistemas de referência num processo alternativo de produção de

sentidos. Vejamos o que ocorre no dado 02/CF: o tópico é seu aniversário que acontece em fevereiro, fevereiro é mês de carnaval, carnaval tem muitas músicas (e ritmo é um aspecto da linguagem preservado em CF). É como se CF se movesse de um subsistema para outro numa mudança gradativa que envolve uma rede de associações semânticas. Esquemáticamente teríamos:



Este esquema reflete o trecho abaixo transcrito, no qual podemos observar que o estabelecimento da implicatura se dá na própria fala da investigadora Iip, ao encontrar a relevância da expressão de CF.

			RECORTE		
	646	Ida	a CF é de Fevereiro		
\?	647	Iem	de Fevereiro?		
\TF	648	CF	[erəu]	Tentando dizer "Fevereiro"	
	649	CF	tã, tã, tã, tã	Cantarolando uma música de carnaval	
\né	650	Ida	é no carnaval, né CF?		
\TF	651	CF	[vau]	Tentando dizer "carnaval"	
			RECORTE		

Em suma, na busca em relacionar diferentes subsistemas de referência (visando a compreensão do interlocutor), o foco de CF é fevereiro pela ótica do que tem de preservado na linguagem, o ritmo; o que significa que CF se move entre diferentes subsistemas procurando uma interseção entre melodia e o assunto em questão na interação. Fruto do intuito de driblar suas dificuldades com a linguagem, esse movimento, consciente, requer grande atenção por parte de CF e, conforme veremos adiante, deixa margens para que ela caminhe para a perda do foco. As associações feitas por CF acabam, também, por confundir o interlocutor, que muitas vezes fica confuso em relação ao tema.

Falemos agora da especularidade na fala de CF, que, como já dissemos, no caso dela, pode ser considerada como um processo alternativo de significação.

Como já mencionamos anteriormente, podemos entender por *especularidade* a contribuição lingüística de um sujeito que é dada a partir de respostas que resultam da incorporação de segmentos da fala de outrem, contribuições essas as quais são atribuídos sentidos e intenção enunciativa (COUDRY, 1986, 1988, p. 60; com base em DE LEMOS, 1981, 1982). A atribuição de sentidos e de intenção enunciativa a essas contribuições lingüísticas é possível dada a situação discursiva imediata e manifestações não-verbais que as acompanham (COUDRY, 1986, 1988, p. 61; com base em DE LEMOS, 1981, 1982).

No caso de CF, consideraremos a especularidade como sendo de dois tipos: induzida e espontânea.

Por especularidade do tipo induzida¹⁸ tomaremos os casos em que o investigador diz uma ou mais palavras em forma de *prompting* ou no formato de repetição (silabada) para que o sujeito as reproduza, no caso tendo em vista a possibilidade de seleção a ser alcançada por CF. Essa forma é a que ocorre nos dados 06/CF e 07/CF:

[18] Dado 06/CF - Tic tic

Fonte: Sessão de 08/09/2004 - FITA 59.

Contexto: Imc inicia a reunião com o grupo falando que o aniversário da Malu (secretária) foi segunda-feira e todos cantam parabéns. CF pega um saquinho aponta para ele e fala “tic-tic”.

Có-di-go de Bus-ca	Nº	Sigla do Lo-cu-tor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	1	Imc	Ah peraf, então vamos tentar falar isso	Compreendendo o que CF quer dizer	
	2	Imc	Você pegou o saquinho ali e tic-tic	Fazendo gestos de quem está tirando uma foto	
	3	CF	Tic - Tic	Repetindo o que Imc disse	
	4	Imc	Máquina de FO-TO-GRA-FIA		
	5	CF	FO-TO-GRA-FIA	Repete junto com Imc	
			RECORTE		

¹⁸ Nós assim a classificamos por julgar que por trás da resposta do sujeito, ainda que decorrente de um procedimento clínico feito pela investigadora (o fornecimento do prompting), sempre há algum sentido envolvido.

[19] Dado 07/CF -Paçoquinha

Fonte: Sessão de 23/06/2003 - GRUPO II/Fita 42 [Vídeo 08:07 - 09:12'].

Contexto: Ouvindo músicas de festa junina, o grupo come e conversa entre si. A música é desligada e Imc propõe um jogo em que cada integrante deve falar uma palavra do vocabulário de festa junina. Ao chegar o momento de CF falar uma palavra Imc aponta o pé-de-moleque que está sobre a mesa.

Código de Busca	Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
\imp	1	Imc	Olha aqui, olha aqui, olha aqui.		Apontando o pé de moleque sobre a mesa
\rir	2	CF	É: paçoquinha.		risos
\?	3	Imc	Quem mais falou paçoquinha?		
\	4	CF	É: paçoquinha.		
\	5	Imc	Alguém falou.		
\TF	6	CF	Aí. Esa, óia ó. Esau esau hein.		
\?	7	Imc	CF, ó vou te dar uma dica ó. O que que é isso?		Bate no próprio pé
\:	8	CF	É:		
\?	9	Imc	Pé. É esse aqui ó. Como é que chama isso?	Falando forte	Apontando o pé de moleque
\	10	Imc	Pé.		
\	11	CF	Pé.		
\	12	Imc	De.		
\	13	CF	De.		
\	14	Imc			Aproxima-se do Ibr e coloca a mão sobre o ombro dele para representar o moleque
\TF	15	CF	Esa esau hein		
\imp	16	Imc	Fala de novo.		
\	17	CF	Paçoquinha.		
\	18	Imc	Nã:o senhora.		
\TF	19	CF	Esa esau.		
\?	20	Imc	Ô CF é porque esse é o seu preferidinho, não é?		
\	21	CF	Dinho.		
\	22	Imc	Então vamos lá ó.		Bate no pé novamente
\	23	Imc		Fala a palavra pé sem emitir som	
\	24	CF	Pé.		
\	25	Imc	De.		
\	26	CF	De.		
\	27	Imc	Mo-le-que.		
\	28	CF	Mo-le-que.		
			RECORTE		

Por especularidade do tipo espontânea tomaremos os casos em que o sujeito reproduz espontaneamente parte de enunciado que foi dito naturalmente pelo seu interlocutor. Nesse último dado, o dado 07/CF (linha 21), ocorre também essa forma de especularidade.

Neste trabalho, veremos em mais detalhes somente a especularidade do tipo espontânea, pois, acreditamos nós, no caso de CF, esta é que está mais diretamente relacionada com a atenção.

Estamos falando aqui (neste trecho sobre a especularidade), há que se especificar, de uma forma de atenção própria do processo de interlocução; uma atenção que, pragmaticamente, é inerente a todo interlocutor sob pena de não haver a interlocução e, conseqüentemente, relações sociais; uma atenção que, como vimos no item 1.2.3., já é mencionada por VYGOTSKI (*apud* LURIA, 1984, p. 229) quando ele dizia que o adulto deflagrava o processo psicológico ao nomear ou apontar o objeto e que *a criança respondia a este sinal* reconhecendo o objeto mencionado, seja fixando-o com o olhar, seja segurando-o com a mão.

Vejamos nossa hipótese neurolingüística: A especularidade espontânea, somada a recursos não-verbais - como expressão facial, olhar e gestos -, seria um recurso alternativo de significação a funcionar como um marcador discursivo, um marcador que seria próprio de CF e ao qual poderíamos atribuir: a) o sentido de confirmação; e, b) a função de marcar que CF está atenta ao processo de interação. A nosso ver, se CF não recorresse a esse marcador discursivo, fruto da afasia mas tão próprio e seu, com as dificuldades cujo efeito recai na seletividade e na produção de estereotípias, CF correria o risco de se mostrar, embora presente na cena enunciativa, ausente da situação de interlocução. Com esse marcador, ao contrário, CF marca sua presença a cada momento, demonstrando com isso a atenção que depende a seu interlocutor.

A título de argumentação, para fundamentar a possibilidade de a *especularidade espontânea* funcionar, na fala de CF, como um marcador discursivo, trazemos aqui os estudos de RISSO, SILVA & URBANO (1996) e URBANO (1999).

RISSO, SILVA & URBANO (1996) assim definem os “marcadores discursivos”:

“Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa” (RISSO, SILVA & URBANO, 1996, p. 21)

Conforme podemos notar pelos indícios presentes nos dados 07/CF e 02/CF, respectivamente abaixo retomados, a preferência de CF é por uma palavra ou parte dela, geralmente presente no final do turno:

			RECORTE		
\?	20	Imc	Ô CF é porque esse é o seu preferidinho, não é?		
\	21	CF	Dinho.		
			RECORTE		

			RECORTE		
	446	Ijt	rezar		
	447	CF	rezar	Repetindo	
\?	448	Ijt	você gosta de reزار?		
	449	CF	rezar	Confirmando	
			RECORTE		
\?	486	Ijt	arroz?		
\TF	487	CF	[rois]	tentando dizer “arroz”	
			RECORTE		
\?	500	Ijt	roupa de dormir?		
	501	CF	roupa		
			RECORTE		
	507	Ijt	você está falando de roupa de dormir		
\TF	508	CF	[mir]	Tentando dizer “dormir”	
			RECORTE		
\?	518	Ijt	cama....roupa de cama?		
	519	CF	roupa		
	520	Ijt	lençol		
\TF	521	CF	[sou]	Tentando dizer “lençol”	Fazendo gesto de positivo
			RECORTE		
\?	528	Ijt	você usa lençol?		
\TF	529	CF	[sou]	Tentando dizer “lençol”	
			RECORTE		
\?	531	Ijt	o assunto é cama?		
	532	CF	cama		
			RECORTE		
\?	534	Ijt	passar roupa?		
	535	CF	é! passar	Confirmando	Fazendo agora um gesto mais firme de vai e vem com as mãos

			RECORTE		
\lei	542	Ijt	então, a CF faz a limpeza da casa	Recapitulando tudo que CF tinha dito que fazia	Lendo o que tinha anotado sobre CF
	543	CF	casaa		
\lei	544	Ijt	ela cozinha		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	545	CF	... zinhaa		
\lei	546	Ijt	ela passa roupa, lava e passa roupa		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	547	CF	roupaa		
			RECORTE		
	571	Ijt	youê faz fisioterapia		
\TF	572	CF	[piɐ]	Tentando dizer “fisioterapia”	
			RECORTE		
	591	Ijt	a CF gosta de escrever também, olha		Vendo o que ela tinha escrito
\né	592	Ijt	aliás, uma coisa que eu acho que a gente pode estar fazendo é praticar a escrita , né?		
	593	CF	escritaa...		
			RECORTE		

RISSO, SILVA & URBANO (1996) distinguem os marcadores discursivos em *seqüenciadores de tópicos e orientadores da interação*. URBANO (1999, p. 195) estuda mais detalhadamente os marcadores “orientadores da interação”, fazendo um levantamento das funções discursivas interacionais desempenhadas por eles. O autor prevê seis funções que seriam desempenhadas por esses marcadores, sendo a quarta delas a que nos interessa para esta análise, a que ele chama de “feed-back”. Segundo o autor, nesse caso, as formas são produzidas pelo ouvinte como hétero-monitoramentos, ou em outros termos, como partículas retroalimentadoras em que o ouvinte demonstra estar acompanhando e entendendo as colocações do falante (URBANO, 1999, p. 200; 208). O autor chama aos marcadores que servem a essa função de “fáticos retroalimentadores” (p. 208) e segundo ele esse “*é o único conjunto de marcadores que é produzido pelo ouvinte, o qual, ao produzi-los desacompanhados de qualquer seqüência, não só retroalimenta a própria produção do falante, como também o mantém no seu papel conversacional de falante, consequentemente mantendo-se como ouvinte*” (URBANO, 1999, p. 228).

Pois bem, é interessante notarmos como a manifestação de especularidade de CF muito se assemelha à função dos *fáticos retroalimentadores*, e como essa descrição de

URBANO (1999, p. 228) conserva, em essência, a idéia de atenção que definimos anteriormente (uma atenção que, pragmaticamente, é inerente a todo interlocutor sob pena de não haver a interlocução).


Vejamos no seguinte trecho do dado 02/CF como, ao espelhar a palavra final do turno do seu interlocutor, produzindo-as desacompanhadas de qualquer seqüência, CF retroalimenta a produção do seu interlocutor, mantendo seu papel de falante, sem deixar, ao mesmo tempo, de manter-se como ouvinte:

			RECORTE		
\lei	542	Ijt	então, a CF faz a limpeza da casa	Recapitulando tudo que CF tinha dito que fazia	Lendo o que tinha anotado sobre CF
	543	CF	casaa		
\lei	544	Ijt	ela cozinha		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	545	CF	... zinhaa		
\lei	546	Ijt	ela passa roupa, lava e passa roupa		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	547	CF	roupaa		
\lei	558	Ijt	ela pinta		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	549	CF	olha... oh senhor		
\lei	550	Ijt	ela tece, faz tapetes		Lendo o que tinha anotado sobre CF
	551	CF	oh senhor!		
\TF	552	CF	[aioesaesæw]		
\?	553	Ijt	tem mais alguma outra coisa, além de tudo isso?		
\né	554	Ijt	porque você já faz muita coisa, né CF?		
\TF	555	CF	[oesa]		
			RECORTE		

É interessante notar, neste dado, que as estereotípias da fala de CF (e'saw e'saw, oh senhor), aliadas ao ritmo, funcionam de maneira semelhante às manifestações de especularidade.

Retomando nossa hipótese, à manifestação de especularidade de CF atribuímos: a) o sentido de confirmação que CF expressa ao que foi dito, e, b) a função de marcar a atenção de CF no processo de interação, o que significa participar da cena dialógica.

O sentido de confirmação que atribuímos às manifestações de especularidade de CF, conforme pode ser observado na seqüência, pode ser inferido a partir de dois indícios: um que seria os próprios gestos de CF entremeio ao que diz, e, o outro seria a contraposição a certos momentos em que CF nega o que foi dito anteriormente. Vejamos um trecho do dado 02/CF em que podemos encontrar esses dois indícios, respectivamente um gesto de “positivo” e a palavra “não”:

			RECORTE		
\?	516	Ijt	vamos lá, o que que é?		
\TF	517	CF	[esaesɐw]		Abrindo o papel e apontando para algo
\?	518	Ijt	cama....roupa de cama?		
	519	CF	roupa		
	520	Ijt	lençol		
\TF	521	CF	[sɔv]	Tentando dizer “lençol”	Fazendo gesto de positivo
					
\?	522	Ijt	o quê que você faz, faz lençol?		
	523	CF	não...		Faz um gesto circular com as mãos
			RECORTE		

Conforme também podemos notar neste trecho, é comum a sobreposição desses dois fatores, ou seja, é comum a manifestação de especularidade de CF indicar tanto uma confirmação do que foi dito anteriormente como uma demonstração de acompanhamento e entendimento das colocações do seu interlocutor, numa manifestação que, como já dissemos, também é de atenção.

A respeito das manifestações de especularidade de CF resta ainda uma consideração: trata-se, acreditamos nós, de uma atividade fruto de uma opção de CF e não uma atividade inconsciente. Ou seja, a especularidade é um recurso que CF, frente as suas dificuldades, considerou produtivo para atuar discursivamente.


Se, por um lado, as manifestações de especularidade indicam que CF está focada na interlocução, por outro, nos dados que aqui apresentamos, há indícios que evidenciam pelo menos dois aspectos que tendem a fazer com que CF caminhe para a perda do foco: um relacionado à rede de associações semânticas com a qual CF opera (no caso das melodias) e outro às comemorações feitas por ela quando consegue selecionar uma palavra (euforia).

Tendo em vista o primeiro aspecto, o relacionado às redes de associações semânticas, o indício encontrado aparece no dado 04/CF, conforme trecho que retomamos na seqüência:

			RECORTE		
	646	Ida	a CF é de Fevereiro		
\?	647	Iem	de Fevereiro?		
\TF	648	CF	[erəu]	Tentando dizer “Fevereiro”	
	649	CF	tã, tã, tã, tã	Cantarolando uma música de carnaval	
\né	650	Ida	é no carnaval, né CF?		
\TF	651	CF	[vam]	Tentando dizer “carnaval”	
			RECORTE		

O uso da rede de associação semântica, neste caso, apesar de permitir que a investigadora estabeleça uma implicatura com certa margem de segurança, conduz CF a ampliar consideravelmente o escopo e, conseqüentemente, a ampliar consideravelmente o leque de seu pensamento, levando-a a pensar em várias outras coisas e, ainda, a levar seu interlocutor a “checar” constantemente o tema. Além disso, do ponto de vista da investigadora, a ampliação do escopo pode representar que CF está operando em outro subsistema de referência, não estando focada na interação com a investigadora (isso nós inferimos a partir do fato de a investigadora pedir, por meio da pergunta, uma confirmação da implicatura que faz: “*é no carnaval, né CF?*”). A esse respeito, vale lembrar LURIA (1991, p. 1-2): “*Se não houvesse inibição de todas as associações que afloram descontroladamente, seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem*”.

Tendo em vista o segundo aspecto, o relacionado às comemorações (euforia), o indício encontrado aparece no dado 02/CF, conforme trecho que retomamos na seqüência:

			RECORTE		
	450	CF	ó, tinta		Apontando para o fundo da sala e fazendo um gesto como se estivesse pintando.
			Ah... ieehhh		CF aponta para sua boca comemorando ter conseguido falar “tinta”
					
	451	Ijt	você usa tinta para pintar		
		CF	pintar		
			RECORTE		

Dizer uma palavra é, para CF, algo extremamente raro e difícil. Logo muitas vezes em que ela consegue tal feito fica num estado de euforia. Neste trecho, focamos um momento dessa euforia, notemos a seqüência de fotos: CF bate repetidamente a mão na boca pronunciado “*ahh*”, em seguida diz “*ieehhh*” e faz um gesto de vitória que termina com a agitação dos braços levantados; o que soa, inclusive, como algo pragmaticamente inadequado.

Acontece que, em meio à interlocução, acreditamos nós, essa comemoração, carregada de euforia, como que rompe o fluxo de sua atenção. Em outros termos, é como se a comemoração funcionasse como um distrator da atenção de CF, até então focada na interlocução e na sua tentativa de expressar a palavra. Tal distração, além de desviar sua atenção da interlocução, pode contribuir como um empecilho para que CF continue com o processo de seletividade, o que a levaria a não selecionar outras palavras.

Apesar de CF ter certa tendência para a perda de foco, com a análise que aqui fizemos pudemos notar como, a despeito de suas dificuldades, CF consegue, com o trabalho com a linguagem pela via da atenção, se manter um sujeito ativo na linguagem.

Pelo caso de CF, e dos demais estudados neste capítulo 3, tendo em vista as hipóteses e discussões que trouxemos até aqui, podemos notar como o trabalho com a linguagem pela via da atenção pode envolver tanto escolhas inconscientes como conscientes, numa gama considerável de graus, oscilações e sobreposições.

Capítulo 4.

Focando a atenção pela via da linguagem.

Um caso de lesão no Bloco II.

“Não é assim João que escreve um 5. É ti, ta, tó.” (JS)

Conforme vimos no Capítulo 1, item 1.2.3., do ponto de vista da organização cerebral, LURIA (1984) diz que a atenção vai ser regulada pelo sistema límbico (Bloco I) e pela região frontal (Bloco III), não fazendo menção ao Bloco II. Ora, se retomarmos o Quadro 03 (apresentado ao final do item 2.2.), veremos que todos os sujeitos estudados apresentam lesões nos Blocos I e/ou III, exceto JS, cuja lesão é no Bloco II.

Relembrando o que dissemos no capítulo 2, três dos sujeitos (SI, EF e CF) foram selecionados a partir de suas lesões, e dois dos sujeitos (SV e JS) foram casos selecionados a partir de dados com os quais nos deparamos e nos pareceram, tendo em vista nosso tema, merecedores de análise.

Pois bem, JS foi um desses casos selecionados a partir dos dados e qual não foi nossa surpresa ao verificarmos que JS apresentava lesões, conforme indicado por exames tomográficos, que correspondiam somente ao Bloco II. É certo que já analisamos alguns dos dados de JS no item 3.2., junto com um dado de SI (que, aliás, coincidentemente também apresenta lesão no Bloco II, mas há que se considerar que ela também apresenta lesões nos Blocos I e III), mas retomamos aqui seu caso dado a uma peculiaridade - que julgamos relacionada à atenção - presente em alguns outros dados.

Essa peculiaridade é o fato de JS falar consigo mesmo como se estivesse falando com uma outra pessoa, o que chamamos de “*metabroncas*” (pois é como se JS estivesse chamando sua própria atenção). Nossa hipótese é que essas “*metabroncas*” se caracterizariam como uma espécie de “*linguagem interior*” (cf. LURIA, 1986b), que no

caso de JS regularia a atenção (o que tendo em vista a hipótese da mútua constitutividade representaria um movimento contrário ao visto no capítulo 3).

Lembramos ao leitor que, no respectivo item, procuramos explicitar, resumidamente, noções teóricas que fundamentam tal hipótese.

Antes de partirmos para a discussão, relembramos que um resumo da história de JS pode ser resgatado no item 2.2.

4.1. JS e suas “metabroncas”: Função reguladora da fala e da atenção.

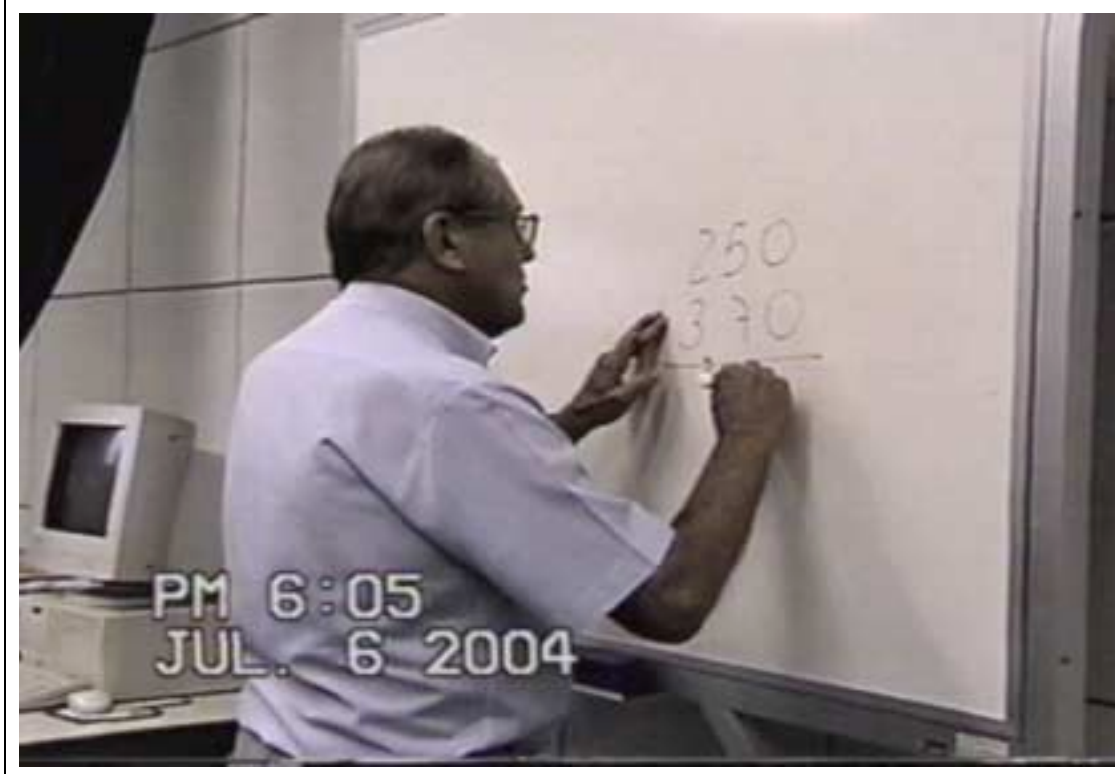
Comecemos a discussão observando o dado 03/JS:

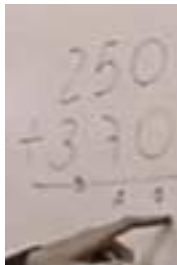
[20] Dado 03/JS – João.

Fonte: Dados coletados em 06/07/2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual [mov 05/06:40].

Contexto: Ics escreve no quadro branco os números para serem somados por JS. A operação era: $250+370$.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			RECORTE		
	01	JS	3 mais 2 até hoje é 5.		escreve o número 5 (cf. posição)
	02	JS	É um 5 meio esquisito mas isso é devido a outras coisas. Então é 5.		
	03	JS	5 mais 7, 12. Um dois aqui João, cabe bem. 2.		escreve o número 2
	04	JS	E depois é 12 né João. Doze, então 2 na frente, suponho, suponho 1 na frente, 1, 12. É 12.		escreve 12



	05	JS	Zero mais zero dá um grandioso zero.		escreve o número zero
	06	Ics	hum hum.		
	07	JS	Zero mais zero... você pode repetir sei lá quantas vezes... não interessa droga nenhuma é... //		
	08	JS	// ... do... se// se// se// 7 mais 5 é 12... eu não gostei muito, mas não é beleza aqui João... aqui no quadro não interessa beleza...		gesticulando sobre a coluna de 5 + 7 sob a qual havia escrito 12
	09	Ics	hum		
	10	JS	... capricha...		
	11	Ics	Quanto deu então essa conta?		
	12	JS			Afasta-se um pouco do quadro
	13		//		
	14	JS	512.		O resultado da soma de JS havia sido 5.120
	15	Ics	512 mais esse zero aqui? Esse zero desse lado não representa nada?		Apontando o zero de 5.120 
	16	JS	Esse zero, esse zero não interessa nada.		
	17	JS	Aqui tem...		
	18	Ics	Por que esse zero não vale nada?		
	19	JS	Zero não vale nada.		Risos
	20	Ics	Por que?		
	21	JS	Zero é zero.		
	22	Ics	Zero é zero? Mas não depende da posição onde o zero está?		
	23	JS	Péra, perfeitamente.		
	24	JS	Se eu recebo um salário de 3.000 dólares...		
	25	Ics	Hum hum.		
	26	JS	Então é um 3 com zero, zero, zero, zero, puta merda, atrás.		
	27	Ics	Hã, hã.		
	28		RECORTE		
	29	Ics	E aqui então?		Mostrado a soma feita por JS
	30	JS	Dona Ics...		
	31	Ics	Lê essa seqüência de números que você fez; que você escreveu.		

	32	Ics	Cinco, um, dois, zero, né.		Começa a reescrever o resultado da soma de JS, deixando um espaço regular entre um número e outro (o que não podia ser visto na soma de JS)
	33	JS	[um, dois]		
	34	Ics	Que número é esse?		
	35	JS	5.120.		
	36	Ics	Hum, então 250 mais 370 é 5.120.		
	37	JS	Não, não, 520. É 512. E: 512 né, não vamos olhar para...		
	38	JS	Vijf Honderd twaalf.		JS fala quinhentos e doze em Holandês
	39	Ics			Risos
	40	JS	Vijf Honderd twaalf.		
	41	Ics	Isso é 512 em holandês?		
	42	JS	É.		
	43		RECORTE		
	44	Ics	Pois é JS.		
	45	JS	Sim.		
	46	Ics	Mas 250, 250 mais 370 é 5.120?		
	47	JS	Não senhora.		
	48	Ics	Então vou apagar.		Apaga a soma que havia reescrito
	49	Ics	Mas foi isso que você escreveu.		
	50	JS	Sim. Sim, sim.		
	51	Ics	O que que tá errado aí então?		
	52	JS	Aqui tá...		Começa a fazer a soma novamente
	53	JS	2, / 5		Passa o pincel sobre os números enquanto fala. No momento da pausa, JS passava o pincel sobre o número 3.
	54	JS	12.		Somando 5 mais 7.
	55	JS	Mas aí tem alguma coisa né.		
	56	Ics	Te:m.		

57	JS	Aqui tem, aqui tem, tem crocodilo escondido na grama!		
58	Ics	Ô se tem.		Risos de ambos
59	Ica	Por que será? Qual que é a possibilidade?		
60	JS	A possibilidade em primeiro lugar é que você não escreveu realmente os números em pares vamos dizer, em pares ou triplos de importância.		Risos
61	Ics	Hum.		
62	JS	Você escreveu aqui números simples. E lá embaixo tem as respostas burras, simples também.		
63	JS	Então, mas... por fim é 250 mais 370. Isso pessimamente de cabeça né, mas em todo caso isso vai para /.		JS olhando para o cálculo no quadro
64	Ics	O senhor quer fazer de cabeça? Posso desmanchar aqui então?		
65	JS	Quinhentos. E vinte.		Fazendo o cálculo “de cabeça”
66	Ics			Apaga o resultado da soma feita por JS
67	JS	É melhor apagar porque esse negócio aí...		
68	Ics	Porque se não o senhor vai se confundir.		
69	JS	Vai, vai, vai.		
70	Ics	De cabeça o senhor consegue né. Quanto que dá de cabeça?		
71	JS	Bom, de cabeça dá quinhentos, dá 620.		
72	Ics	620.		
73	Ics	Então, engraçado né JS, deixa eu botar aqui de novo os números que você escreveu. 5.120 né.		
74	JS	Certo.		
75	Ics	Por que será que deu essa conta? Na verdade ela é 620 e você somando, coluna por coluna, você encontrou esse número aqui?		
76				Pausa de mais ou menos, 12s.
77	Ics	Tenta começar por essa coluna.		Apontando a coluna da direita
78	Ics	Você começou por essa.		Apontando a coluna da esquerda
79	JS	Hum hum.		
80	Ics	Você começou pela coluna da...		erguendo braço esquerdo
81	JS	Esquerda.		
82	Ics	Esquerda. No cálculo tem uma convenção.		
83	JS	Sei.		
84	Ics	Qual que é a convenção do cálculo?		

	85	JS	Da esquerda para a direita; da esquerda para a direita e de cima para baixo.		
	86	Ics	Quase. É da direita pra esquerda.		Fazendo uma seta no sentido da realização do cálculo
	87	JS	Tudo bem.		
	88	Ics	Por isso que deu diferente, entendeu?		
	89	JS	Hã hã.		
	90	Ics	Agora tenta então. Vamos tentar assim, pra ver se vai.		Passa pincel para JS
	91	Ics	Da coluna da direita.		
	92	JS	Coluna da direita.		Aproxima-se do quadro para fazer o cálculo.
	93	JS	Zero mais zero é grandiosamente zero.		Escreve o número 0 abaixo da linha
	94	JS	5 mais 7. Não é cinco mais 7. // É / é 50 mais 70, que 5 mais 7 (trecho ininteligível)		
	95	Ics	50 mais 70?	Tom de questionamento	
	96	JS	É cento e, 50 mais 70 é / 120.		
	97	Ics	É 120. Isso aí o senhor tá fazendo de cabeça.		
	98	JS	Certo.		
	99	Ics	Mas olha só, a gente no cálculo escrito a gente não obedece as colunas? Coluna por coluna?		Passando o pincel sobre as colunas
	100	JS	Sim, todas elas.		
	101	Ics	Então tem que obedecer isso do início ao fim. Zero mais zero [você somou]		Passando o pincel sobre a coluna da direita
	102	JS	[zero]. Tudo bem.		
	103	Ics	Então qual que é a próxima coluna que o senhor vai somar?		
	104	JS	Posso de esquerda para.		Move o pincel da direita para a esquerda
	105	JS	Então é 2 mais 3.		
	106	Ics	Por que?		
	107		/		
	108	Ics	A primeira que o senhor somou foi essa.		Apontando a coluna da direita (0 + 0)
	109	JS	Hã.		

	110	Ics	Começa sempre daqui pra lá.		Fazendo movimento com o corpo e braço da direita para a esquerda
	111	JS	Certo. 2 mais 3 mais 5, 7 / 2 e 3 são 5 Jesus Cristo.		Com o pincel na mão, coloca-o sobre os números enquanto fala
	112	Ics			risos
	113	Ics	Vamos lá JS.		
	114	JS	Jesus Cristo.		
	115	Ics	Vamo lá.		
	116	JS	7 mais 5 dá 12 infalivelmente, hoje, amanhã e daqui a 100 anos.		
	117		RECORTE		
	118	Ics	Então JS vamo lá, passo a passo. Zero mais zero...		Apontando com o pincel
	119	JS	Zero.		
	120	Ics	Zero. Próxima coluna que você vai somar. Daqui pra lá. Então essa aqui já foi.		Fazendo movimento da direita para a esquerda
	121	JS	Certo. Agora, 7 mais 5, 12.		
	122	Ics	Isso. Então põe aí. O que que você vai botar aí embaixo?		
	123	JS			JS escreve 21 abaixo de 5 mais 7
	124	JS	Bom, isso seria. Escreveu 21 João. É 12. 12. 12 é 1, 2. Isto é 12.		
	125	Ics	É.		
	126	JS	Não é 2, 1.		
	127	Ics	É. Você quer que desmancha então?		Desmancha o número 1 (de 21)
	128	JS	Faz favor. Faz um enorme favor.		
	129	Ics	Hum. Hum.		
	130	JS	Então, 5 mais 7 é 12.		Escreve o número 1 na frente do 2.
	131	Ics	A gente pode escrever o 1 aí?		
	132	JS	Tudo você pode. Se você deve é outra coisa.		Expressão facial de sorriso
	133	Ics	E quando o número dá acima de 10, não tem uma convenção também?		Ics errou ao dizer 10. O correto seria acima de 9, conforme dito em turnos posteriores

	134	JS	Acima de 10.		
	135	Ics	É.		
	136	JS	São dois números, acima de dez.		
	137	Ics	É.		
	138	Ics	A gente pode escrever os dois algarismos aqui? E aquele negócio de vai 1?		
	139	JS	5 mais 7, 12. Não tem vai 1; não tem nada de vai 1, porque é 12.		Olhando para os números no quadro
	140	Ics	É 12.		
	141	JS	12.		
	142	Ics	De fato. Mas eu posso escrever o 12 aqui?		Apontando para o número 12 no quadro
	143	JS			Olhando para os números no quadro
	144	Ics	Tem uma certa convenção.		
	145	JS	Se pode, pode. Se você deve...		
	146				Risos de JS e Ics
	147	Ics	A: JS.		Risos
	148	JS	Se você deve é outra coisa. Mas 5 mais 7 é 12 hoje, amanhã, ontem...		
	149	Ics	Sim.		
	150	JS	E daqui a cem anos.		
	151	Ics	Com certeza.		
	152	JS	Quantos anos que não interessa.		
	153	Ics	Claro.		
	154	JS	Tudo bem?		
	155	Ics	Tudo bem. Eu concordo com isso. Mas na hora que a gente tá representando esses números no papel, colocando o cálculo por escrito, assim como existe a convenção da coluna, que eu começo daqui pra cá...		Fazendo o movimento correspondent e ao sentido da realização do cálculo
	156	JS	Hum hum.		
	157	Ics	Tem uma convenção também em relação à transferência de 1 número, né, acima do número 9. Então 5 mais 7, 12...		
	158	JS	Sim.		
	159	Ics	É, eu não posso colocar esse 1 aqui. Eu tenho que elevar o 1 pra coluna seguinte.		Apontando a coluna para onde deveria ser elevado o 1
	160	JS	Tudo bem. Então ele vai pra cá.		Escreve o número 1
	161	Ics	Isso.		
	162		RECORTE		
	163	Ics			Apaga o número 1 que JS havia escrito

	164	JS	Bom João liquida o caso. 2 mais 3 é 5 e numerinhos. Depois pega a próxima coluna. 5 mais 7 é doze. Agora que se são, são 12 o que, isso é uma outra, uma outra coisa. / Nós estamos aqui falando de números né JS. 20 mais 30.		
	165	Ics	20 mais 30?		
	166	JS	É, posso falar 20 mais 30.		
	167	Ics	É?		
	168	JS	É.		
	169	Ics	Aonde você tá mostrando? Me mostra o número 20 aí. Me mostra. Qual o número 20 aí?		
	170	JS	Drie plus twee.		Falando dois mais três em holandês
	171	Ics	Me fala em português JS.		
	172	JS	Sim. 2 mais 3 é cinco.		
	173	Ics	A, sim. Tudo bem.		
	174	JS	Agora, dependendo da posição é 5 é 50 é sei lá, diabo, diabo que aparta.		
	175	Ics	Sim. JS...		
	176	JS	Hum.		
	177	Ics	Vamos voltar aqui pra coluna ó. Você começou e fez essa coluna.		Apontando a primeira coluna somada
	178	JS	Hum hum.		
	179	Ics	Zero mais zero...		
	180	JS	Zero, zero.		
	181	Ics	5 mais 7, 12. Elevamos o 1.		
	182	JS	Certo.		
	183	Ics	Pra ser somado na coluna seguinte.		
	184	JS	Lógico.		
	185	Ics	Então termina esse cálculo.		
	186	JS	Então 1 mais 2 é 3.		
	187	Ics	Hum hum.		
	188	JS	1 mais 2 é 3. 3. Então 3.		Escreve o número 3 abaixo do traço
	189	Ics	Você somou todos os números dessa coluna?		Apontando a coluna
	190	JS	1, 2. 1, 1, 3, 2. 1, 3, 2.		Ics aponta para os números 1 e 2 enquanto JS diz 1, 2. Em seguida Ics aponta para o número 3 (que deveria ter sido somado)
	191	JS	Lógico que não. Você esqueceu alguma coisa aí.		Referindo-se a ele mesmo

	192	Ics	Hum hum.		
	193	JS	1 mais 2...		
	194	Ics	Sim.		
	195	JS	1 mais 2 são 3.		
	196	Ics	Isso.		
	197	JS	Mas depois tem uma outra coluninha do lado né João.		Apontando para a segunda coluna
	198	Ics	Mas vamos pensar agora só nessa coluna que está faltando.		Apontando a terceira coluna
	199	JS	A, sei.		
	200	Ics	Essa o senhor já liquidou.		Apontando a primeira coluna
	201	Ics	Essa o senhor já liquidou, essa já liquidou, agora falta liquidar essa né.		
	202	JS	1.		
	203	Ics	1 mais...		Aponta para o número 1 e em seguida para o 2.
	204	JS	Dois.		
	205	Ics	Mais...		
	206	JS	1 mais 2 mais 3. 1 mais 2 mais 3...		
	207	Ics	Quanto é?		Tampa com a mão o número 3 que JS havia escrito
	208	JS	1 mais 2 mais 3. 1 mais 2 é 3.		
	209	Ics	Hum hum.		
	210	JS	Mais 3 é 6.		
	211	Ics	Isso.		
	212		RECORTE		
	213	Ics	Então vamos ter que desmanchar esse 3 aqui.		
	214	JS	É.		
	215	Ics	Que o senhor tinha botado o 3, né.		Desmancha o número 3
	216	JS	Então agora capricha no 6 né João.		Escrevendo o número 6
	217	Ics	Olha lá, chegou naquele valor que você tinha feito de cabeça. 620. Confere, né.		
	218	JS	Tudo bem.		
	219		RECORTE		
	220	Ics	Muito diferente né JS de 5.120. Por que? Por causa do lado por onde você começou.		
	221		RECORTE		

JS é um sujeito que não apresenta alterações na fala que o impeçam de ser fluente, como é o caso de uma apraxia que compromete a ação verbal. Seu quadro afásico nasce com as dificuldades visuo-espaciais e construtivas que apresenta (PEREIRA, 2006).

Ics investiga, em uma série de sessões individuais, as dificuldades que JS tem com as operações matemáticas. Conforme podemos notar neste dado, JS realiza muito bem os cálculos quando os resolve mentalmente, mas se atrapalha para desenvolvê-los seguindo o “passo a passo” da operação matemática. Sua dificuldade, nesse caso, reside no fato de que inicia os cálculos da esquerda para a direita, o que o leva a resultados equivocados. Segundo Ics, JS tende a iniciar o cálculo pela coluna da esquerda (coluna das centenas ou milhar), perde-se durante a passagem de uma coluna para outra, insere a soma dos números em espaços vazios (fora do local referente ao resultado), comprometendo, ora a continuidade do cálculo, ora a leitura do resultado (PEREIRA, 2006, p. 85). Iniciar o cálculo pelo lado contrário, na verdade seria fruto de suas dificuldades com as coordenadas espaciais (direita, esquerda), algo que se projeta em vários aspectos da vida cotidiana de JS, como por exemplo, ao ver as horas e na sua escrita (PEREIRA, 2006). No caso deste dado 03/JS, ao realizar o cálculo passo a passo, com os números escritos na lousa, JS chega ao resultado equivocado de 5.120, porém, realizando o cálculo mentalmente (linha 71) chega ao resultado correto de 620.

Frente ao diagnóstico de possível demência com o qual JS foi encaminhado ao CCA, PEREIRA (2006) diz que JS não apresenta o ideário de um sujeito com demência e sim apresenta dificuldades em atividades que requerem integridade visuo-espacial e dificuldades de memória, recorrendo, para ocultar suas dificuldades, a estratégias lingüísticas complexas que tem eficácia pragmática em nossa cultura (algo que já discutimos, também, no item 3.2.2.).

Este dado 03/JS, sem dúvida, é bastante longo e possibilita ricas análises, e, se o apresentamos quase inteiro, é para que o leitor se inteire da cena enunciativa. Dele, contudo, nos interessam somente algumas falas, que, aliás, poderiam ser tomadas como manifestações de demência. Nós não as entendemos assim e as tomamos como uma manifestação de atenção de JS, que exprime sua tentativa de buscar aumentar concentração e foco para suprir suas dificuldades. Vejamos quais são as falas e a nossa hipótese:

			RECORTE		
	03	JS	5 mais 7, 12. Um dois aqui João, cabe bem. 2.		escreve o número 2
			RECORTE		

04	JS	E depois é 12 né João. Doze, então 2 na frente, suponho, suponho 1 na frente, 1, 12. É 12.		escreve 12
		RECORTE		
07	JS	Zero mais zero... <u>you</u> pode repetir sei lá quantas vezes... não interessa droga nenhuma é... //		
08	JS	// ... do... se// se// se// 7 mais 5 é 12... eu não gostei muito, <u>mas não é beleza aqui João...</u> aqui no quadro não interessa beleza...		gesticulando sobre a coluna de 5 + 7 sob a qual havia escrito 12
09	Ics	hum		
10	JS	... capricha...		
		RECORTE		
124	JS	Bom, isso seria. <u>Escreveu 21 João.</u> É 12. 12. 12 é 1, 2. Isto é 12.		
		RECORTE		
164	JS	<u>Bom João liquida o caso.</u> 2 mais 3 é 5 e numerinhos. Depois pega a próxima coluna. 5 mais 7 é doze. Agora que se são, são 12 o que, isso é uma outra, uma outra coisa. / <u>Nós estamos aqui falando de números né Jan.</u> 20 mais 30.		
		RECORTE		
191	JS	Lógico que não. <u>Você esqueceu alguma coisa aí.</u>		Referindo-se a ele mesmo
		RECORTE		
197	JS	<u>Mas depois tem uma outra coluninha do lado né João.</u>		Apontando para a segunda coluna
		RECORTE		
216	JS	<u>Então agora capricha no 6 né João.</u>		Escrevendo o número 6
		RECORTE		

Se na cena enunciativa estão somente a investigadora Ics e JS quem seria *João*? Pois bem, *João* é um dos modos como JS comumente costuma se referir a si próprio em determinadas falas; falas essas que não são dirigidas ao seu interlocutor, mas sim a si mesmo.

É curioso notar, lembrando que JS nasceu na Holanda, que “*João*” é a tradução do nome de JS do holandês para o português. Mas isso não explica porque JS o usa dessa forma, uma vez que também faz uso, por exemplo, do seu próprio nome “*Jan*”, do pronome “*you*” (linha 191, do dado 03/JS) e da forma “*porção*” (conforme veremos adiante, no dado 05/JS); sempre mencionando a si mesmo como se fosse uma outra pessoa, num desdobramento em um *eu* e um *tu* (apesar de ser uma só pessoa) que nos conduz a pensar em um interessante caso de dialogismo (BENVENISTE, 1988).

Nossa hipótese é a de que essas falas de JS se caracterizam como uma espécie de “linguagem interior” (LURIA, 1986b), cujo efeito em JS é aumentar e focar sua atenção naquilo que faz ou está a fazer, auxiliando na seletividade; e, geralmente, ocorrente em momentos de dificuldades.

Para entendermos um pouco melhor o que LURIA (1986b) chama de “linguagem interior” façamos uma breve incursão por este conceito.

LURIA (1986a), inspirado em Vygotski, apresenta os fases de formação da função reguladora da fala, a qual o autor considera um “meio de regulação da conduta”:

“A idéia principal de L. S. Vygotski, explicativa da organização do ato voluntário, está baseada na análise do desenvolvimento lingüístico da criança. Na primeira etapa do domínio da linguagem, a mãe dirige-se à criança, orienta sua atenção (“pega o balão”, “levanta a mão”, “onde está a boneca?”, etc.) e a criança cumpre estas instruções verbais. Ao dar à criança estas instruções verbais, a mãe reorganiza sua atenção: separando a coisa nomeada do fundo geral, organiza com ajuda de sua própria linguagem os atos motores da criança. Neste caso, o ato voluntário está dividido entre duas pessoas: o ato motor da criança começa com a alocação verbal da mãe e termina com as próprias ações da criança (...). Somente na etapa seguinte do desenvolvimento, a criança domina a língua e começa a dar ordens a si mesma, no início em forma extensa - na linguagem externa - e a seguir em forma abreviada - na linguagem interior. Por isso, a origem do ato voluntário é a comunicação da criança com o adulto. No início, a criança deve se subordinar à instrução verbal do adulto para, nas etapas seguintes, estar em condições de transformar esta atividade “interpsicológica” em um processo interno “intrap síquico” de autorregulação. A essência do ato voluntário livre consiste em que sua causa encontra-se nas formas sociais de comportamento. Em outras palavras, o desenvolvimento da ação voluntária da criança começa com um ato prático que a criança realiza por indicação do adulto. Na etapa seguinte, ela começa a utilizar sua própria linguagem externa, que a princípio acompanha a ação e logo a precede (...). Finalmente, no estágio posterior do desenvolvimento, esta linguagem externa da criança “interioriza-se”, transforma-se em linguagem interna, tomando a função de regulação da conduta (...). Desta forma, surge a ação voluntária consciente da criança, mediada pela linguagem. Esta tese possui importância fundamental para a psicologia científica que examina os processos psíquicos complexos, não como resultado do desenvolvimento biológico, mas sim como resultado das formas sociais de atividade humana. Conseqüentemente, além da função cognoscitiva da palavra e sua função como instrumento de comunicação, há sua função pragmática ou reguladora; a palavra não é somente um instrumento de reflexo da realidade, é o **meio de regulação da conduta**” (LURIA, 1986a, p. 95-96; grifo nosso).

LURIA (1986b) tece considerações acerca de como o caráter interpsíquico se transforma em intrap síquico, originando a linguagem interna (que no seu início se desdobra externamente):

“Esta função interpsíquica, ou seja, uma função compartilhada entre duas pessoas, começa progressivamente a se transformar em um processo intrap síquico. A ação dividida entre duas pessoas (a mãe e a criança muda de estrutura, se interioriza e se transforma em intrap síquica; a partir daí a linguagem da própria criança começa a regular sua conduta. No início, a regulação da conduta pela linguagem própria exige da criança uma linguagem desdobrada externa e logo a linguagem progressivamente

“dobra-se”, transformando-se em linguagem interior. Este é o caminho pelo qual se forma o complexo processo de ação voluntária autônoma, que é em sua essência a subordinação da ação voluntária não mais à linguagem do adulto, mas sim a própria linguagem da criança.” (LURIA, 1986b, p.108).

Mas afinal o que é a “linguagem interna”? Vejamos como exemplo um experimento que Vigotski faz sobre o comportamento de crianças em situações em que elas se encontravam em dificuldade durante a realização de alguma tarefa:

“Por exemplo, quando a criança devia copiar um desenho com a ajuda de um papel transparente ou repassar seu contorno com um lápis de cor. Se, na realização desta tarefa, surgia um obstáculo (como, por exemplo, se o experimentador tirasse o clipe que segurava o papel transparente sem que a criança o visse), aparecendo subitamente ante a criança uma dificuldade que lhe impedia de cumprir a tarefa, a criança começava a falar. Aparentemente, esta linguagem não estava dirigida a outras pessoas, a criança falava mesmo quando no recinto não houvesse ninguém. Às vezes, a criança dirigia-se ao experimentador solicitando ajuda, outras vezes descrevia a situação em que se encontrava e perguntava a si mesma como faria para resolver a tarefa. Foram registradas frases como as seguintes: ‘Que fazer agora? O papel deslizou, não há clipe, o que fazer? Como farei para fixar o papel?’, etc... (LURIA, 1986b, p.109).

Conforme diz LURIA (1986b, p. 109-110), essa linguagem já havia sido descrita por Piaget sob a denominação de “fala egocêntrica”, sendo constatado que não era dirigida a nenhum interlocutor, que apareceria nas dificuldades, e, que no início possui um caráter desdobrado, que aos poucos, no decorrer do desenvolvimento, vai se reduzindo até se transformar em sussurro e posteriormente em linguagem interior. Piaget, contudo, vai argumentar no sentido de que essa linguagem egocêntrica se transforma em social. Em argumentação contrária, Vigotski vai dizer que desde o início essa fala é social:

“(…) no começo, a criança dirige esta linguagem social ao adulto e se dirige a ele pedindo ajuda, logo começa a analisar por si própria a situação com a ajuda da linguagem, buscando encontrar as possíveis saídas e, finalmente, por meio da linguagem, começa a planejar o que não pode fazer através da ação imediata (...). Sendo assim, conforme a opinião de Vigotski, com a aparição da linguagem interior surge a ação voluntária complexa como sistema de auto-regulação, que se realiza com a ajuda da própria linguagem da criança, no início exteriorizada e logo interiorizada” (LURIA, 1986b, p. 110-111).

A estrutura da linguagem interior, diz LURIA (1986b, p. 111), não é a mesma da linguagem externa; privada apenas de sua parte motora, ela se torna predicativa:

“Recordemos como é a linguagem que aparece na criança quando esta se encontra em alguma dificuldade na resolução de uma tarefa. No início, sua linguagem planificadora possui um caráter completamente desdobrado (‘O papel deslizou, como tenho que fazer para que não deslize? Onde poderei conseguir um clipe? Quem sabe umedecendo o papel ficado colado...?’). A seguir esta linguagem se abrevia, torna-se fragmentária e então no sussurro exterior só aparecem fragmentos da linguagem que antes era desdobrada (‘...o papel... desliza... como tenho... um clipe...’ ou mais ainda ‘papel’, ‘clipe’, ‘como tenho’) (LURIA, 1986b, p.112).

Quando o sujeito inclui sua linguagem interior no processo de resolução de uma tarefa, sabe perfeitamente de que se trata, qual é a tarefa que deve resolver. Ou seja, que a função nominativa da linguagem, a indicação do que precisamente se trata ou, para utilizar um termo da lingüística moderna, o ‘tema’ da comunicação, já está incluída na linguagem interior e não necessita ser designada especialmente. Resta apenas a segunda função semântica da linguagem interior - a significação do que corresponde dizer sobre o ‘tema’ dado, do que há de novo para acrescentar, que ação precisamente cabe realizar, etc. Este aspecto da linguagem é designado em lingüística com o termo ‘rema’. Dessa forma, a linguagem interior, por sua semântica, nunca designa o objeto, nunca possui um caráter nominalmente restrito, ou seja, não possui ‘sujeito’; a linguagem interior indica o que é necessário realizar, em que direção deve ser orientada a ação. Dito de outra forma, ao permanecer interna e amorfa por sua estrutura, sempre conserva sua função predicativa. O caráter predicativo da linguagem interior, que designa somente o plano da ação futura, pode ser desdobrado, se for necessário, por que a linguagem interior provém desta origem e este processo é reversível. (...) (LURIA, 1986b, p.112)

Voltando ao nosso dado (Dado 03/JS), podemos considerar que as falas destacadas são manifestações de linguagem interna porque, por exemplo, não são dirigidas à interlocutora de JS, a investigadora Ics; porque há uma possibilidade de que “João” seja uma forma de JS dirigir-se a si mesmo; porque essas falas parecem instruções que JS dirige a si mesmo (como, por exemplo, quando diz “...capricha...”, na linha 10); e porque essas falas parecem surgir em momentos em que JS se encontra em dificuldades, no caso com os cálculos que realiza.

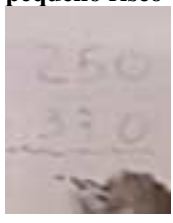
Aprofundemos a discussão com o dado 04/JS:

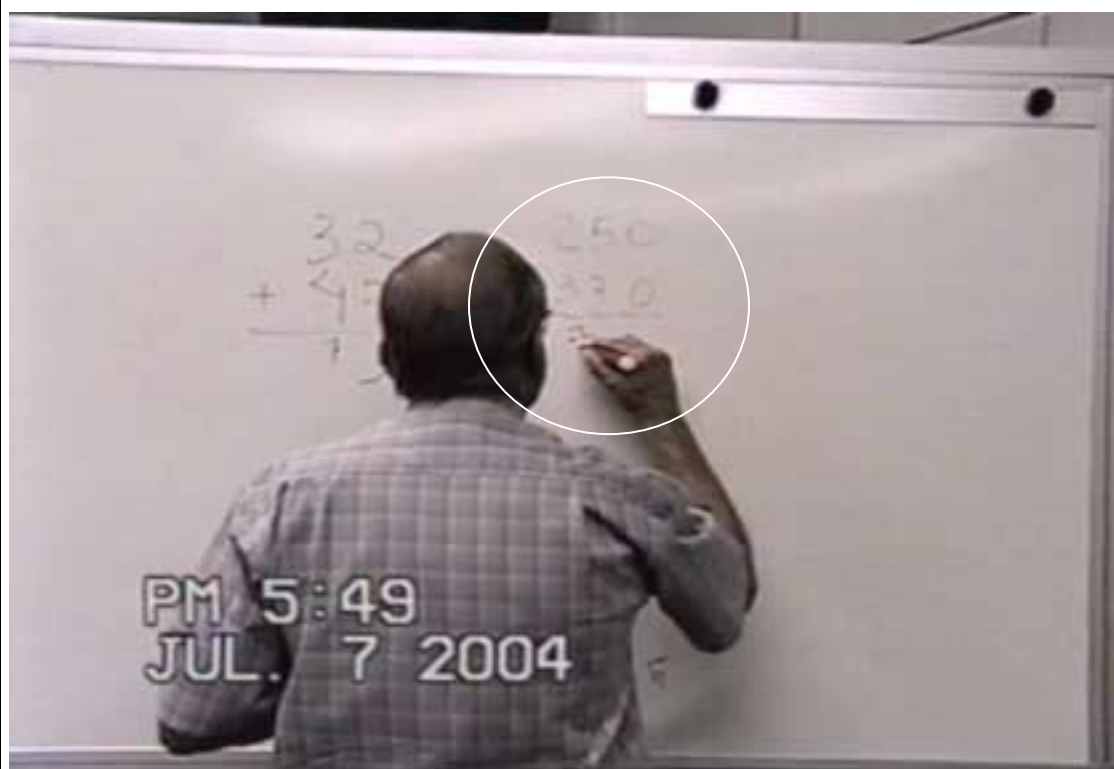
[21] Dado 04/JS – Ti, ta, tó.

Fonte: Dados coletados em 07/07/2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual [mov 07/06:00].

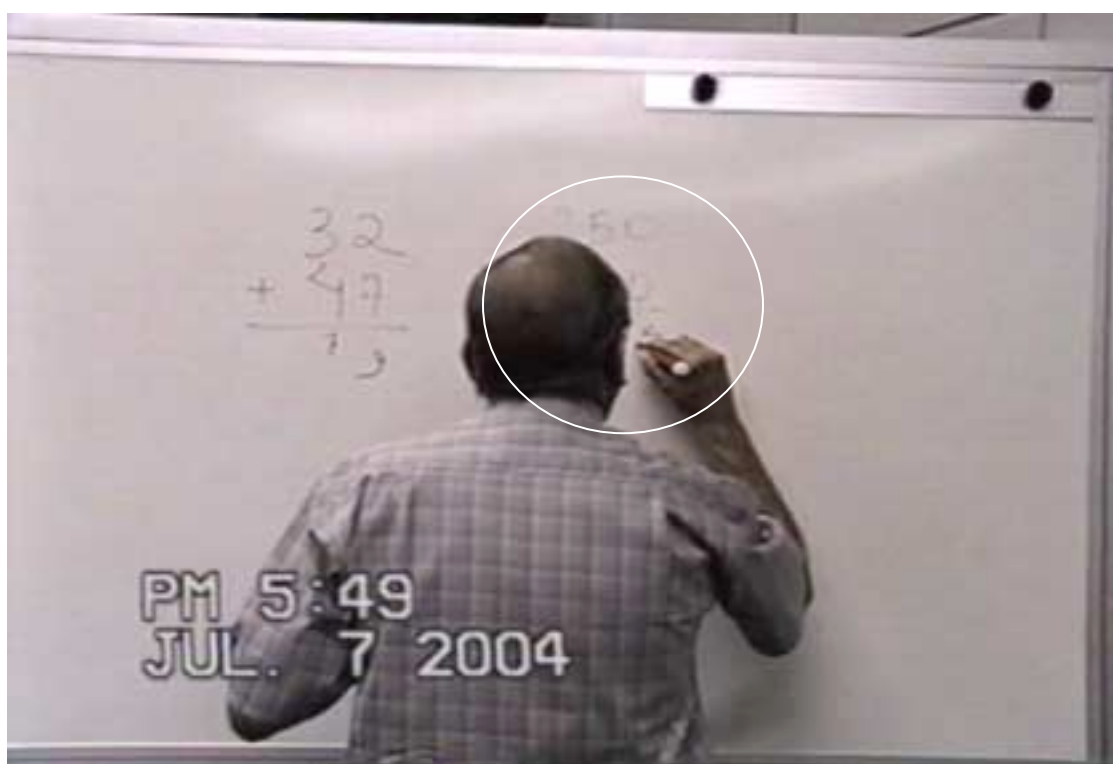
Contexto: Ics propõe que JS faça a soma de 250 + 370, mesmo cálculo do dia anterior.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção não-verbal
	01		RECORTE		
	02	JS	pronto		
	03	Ics	pronto... agora vamos fazer essa soma aí		
	04	JS	(ininteligível por baixo tom)// bo:: Boa sorte, João		diz JS olhando para a conta na lousa
	05	Ics	rs hum... “boa sorte João”	repete o que JS diz	
	06	Ics	vai aí...		
	07	JS	dois mais três é cinco		começa a escrever mas o pincel não pega
	08	Ics	esse pincel está falhando?		

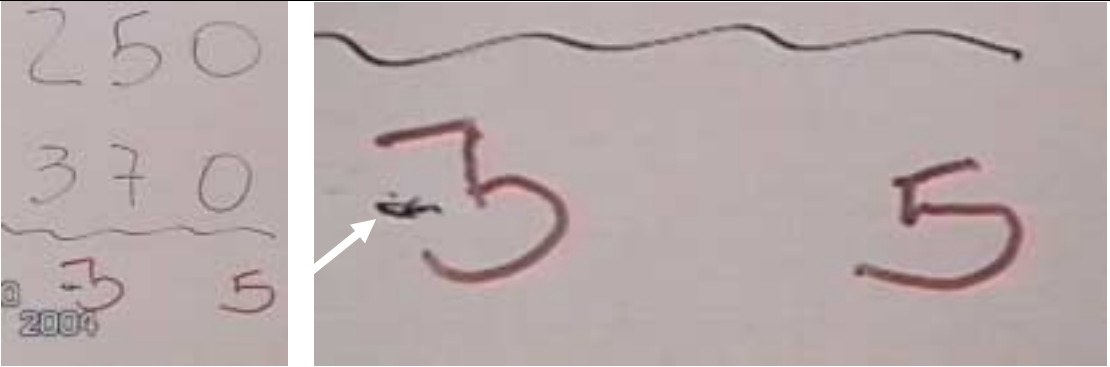
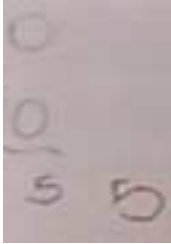
09	JS	essa porcaria não pega... né...		insiste, apertando o pincel na lousa e fazendo um pequeno risco 
10	Ics	espera aí que eu vou te arrumar um		
11	JS	um que escreve		
12	Ics	escreve com esse... esse tá melhor		diz dando um outro pincel para JS
13	JS	(ininteligível por baixo tom)		
14	JS	bom, 3 mais 2 dá 5.		JS tenta escrever o número 5.
15	JS	Não é assim João que escreve um 5....		Conferir na foto que segue o primeiro número 5 escrito por JS.



16	JS	// É ti, ta, tó...		Após tentar escrever o primeiro 5, JS muda a mão de lugar, escrevendo outro 5 abaixo da primeira coluna (0 + 0). Enquanto escreve fala ti, ta tó para cada parte do número 5 que escreve. Veja na foto abaixo o momento que escreve "tó", correspondendo a parte redonda do número cinco.
----	----	--------------------	--	---



17	Ics	deixa eu ver como é que você escreveu...		
18	JS	ti, ta, tó.		
19	JS			levanta o pincel para escrever
20	Ics	agora espera aí JS antes de você continuar::		
21	JS	quer focar de novo?		diz mudando de lado

	22	Ics	quero		
	23	JS	tá		
	24				Ics foca a câ- mera na escrita de JS, con- forme detalhes nas fotos que seguem
					
Observação: o tracinho indicado na foto foi feito por JS antes de ele escrever o número 5, com outro pincel que não estava pegando direito (conferir linha 09).					
	25		RECORTE		
	26	Ics	agora... então você tentou fazer o cinco... aí não deu certo né...		
	27	JS	mas agora::		
	28	Ics	então desmancha o que tem que desmanchar aí... fica a vontade para você fazer essa conta...		
	29	JS	não... mas eu... eu já... eu já retifiquei... apaguei ... este aqui... é três //		lê o cinco invertido que escreveu como três
	30	JS	// e este aqui é um cinco... //		lê agora o cinco que escreveu corretamente
	31	JS	// ... um cinco é thic, thac, thaaac::		diz escrevendo outro 5 (cf. foto), ao pronunciar thic, thac, thaaac faz os três movimentos da escrita do número cinco
					

	32	Ics	opaa::		
	33	JS	este aqui é um cinco		
	34	Ics	istoo:: isto::		
	35	JS	isto::		
	36	Ics	então posso apagar para você fazer a soma...		
	37	JS	pode... isto aqui é um cinco barrigudo		indica o último cinco que fez
	38	Ics	então faz a soma aí... de tudo...		
	39		(RECORTE)		

Este dado 04/JS é parte da série de sessões individuais em que a investigadora Ics (PEREIRA, 2006) observa as dificuldades que JS tem com as operações matemáticas. Deste dado destacamos as seguintes falas:

			RECORTE		
	04	JS	(ininteligível por baixo tom)// bo:: Boa sorte, João		diz JS olhando para a conta na lousa
			RECORTE		
	15	JS	Não é assim João que escreve um 5....		Conferir na foto que segue o primeiro número 5 escrito por JS.
	16	JS	// É ti, ta, tó...		Após tentar escrever o primeiro 5, JS muda a mão de lugar, escrevendo outro 5 abaixo da primeira coluna (0 + 0). Enquanto escreve fala ti, ta tó para cada parte do número 5 que escreve. Veja na foto abaixo o momento que escreve “tó”, correspondendo a parte redonda do número cinco.
			RECORTE		

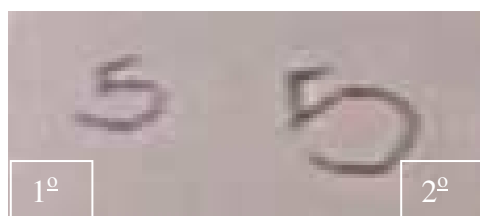
No caso deste dado, consideramos que as falas “*bo:: Boa sorte, João*” e “*Não é assim João que escreve um 5 // É ti, ta, tó*” são manifestações de linguagem interna pelos mesmos motivos que expusemos anteriormente, ou seja: a) não são dirigidas à interlocutora

de JS, a investigadora Ics; b) porque há uma possibilidade que João seja uma forma de JS dirigir-se a si mesmo; c) porque essas falas parecem instruções que JS dirige a si mesmo; e d) porque essas falas parecem surgir em um momentos em que JS se encontra em dificuldades, no caso com os cálculos que realiza.

Indo um pouquinho além, parece-nos que essas falas de JS - que se caracterizam como linguagem interna - se apresentam das duas maneiras apontadas por LURIA (1986b, p.112), ou seja, com um caráter desdobrado, como em “*Não é assim João que escreve um 5*” (linha 15, dado 04/JS), e, com um caráter predicativo, como em “*É ti, ta, tó*” (linha 16, dado 04/JS) e “*... capricha ...*” (linha 10, dado 03/JS).

No caso do exemplo 04/JS, a expressão de “*ti, ta, tó*” (linha 16) por JS enquanto escreve o cinco, nos leva a conjecturar que “*ti, ta, tó*”, assim como “*//... um cinco é thic, thac, thaaac:::*” (linha 31), marca, com um certo ritmo, a escrita no número cinco, que se faz exatamente com três traçados, os quais corresponderiam, respectivamente, a *ti / thic, ta / thac* e *tó / thaaac:::*. Estamos falando aqui de um “*reflexo do ritmo da frase pronunciada no ritmo do signo gráfico*” (LURIA, 1988, p. 162). Notemos, assim, que “*thaaac:::*”, mais acentuado que “*tó*”, corresponderia ao traçado arredondado mais acentuado do que o traçado correspondente a “*tó*”, conforme podemos notar no detalhe dos respectivos números cinco (o que JS fez primeiro - “*tó*” - e o que ele fez em segundo - “*thaaac:::*”):

Figura 3. Traçados do número cinco, feitos por JS na lousa.



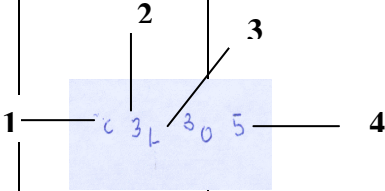
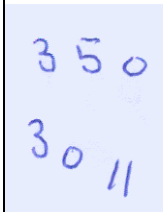
Passemos, agora, ao dado 05/JS:

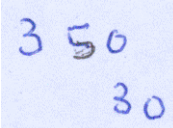
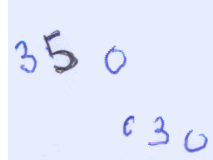
[22] Dado 05/JS – Não é 50 isso aqui seu porcão.

Fonte: Dados coletados em 11/08/2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual.

Contexto: Ics solicita que JS some $350 + 30 + 11$.

Có-digo de Busca	Número	Sigla do Locus	Transcrição	Observações sobre as condições de produção verbal	Observações sobre as condições de produção não-verbal

			RECORTE		
	01	Ics	Põe aí 350...		
	02	JS			<p>Tenta escrever 350 (cf. fig 01). Após escrever o número 0 diz:</p> <p>Fig. 01 - JS começa a escrever 350</p>  <p>Legenda 1 – JS tenta escrever o número 3; 2 – JS escreve o número 3; 3 – JS tenta escrever o número 5; 4 – JS tenta escrever 350.</p>
	03	JS	Não é 50 isso aqui seu porcão.		Escreve o número 5 em seguida
	04	JS	Dona Ics, eu não estou gostando nem de um jeito nem de outro. Eu gosto dos números todos em em embaixo. Dá os números pra mim que eu dou conta.		
	05	Ics	350...		
	06	JS			Escreve 350
	07	Ics	Mais 30.		
	08	JS			Escreve 30
	09	Ics	Mais 11.		
	10	JS			<p>Escreve 11 (cf. primeira tentativa). (Fig. 02 - primeira tentativa)</p> 

	11	JS	Dá 1, zero. zero mais 1 dá zero. É por isso que precisa alinhar.		JS tenta fazer a soma a partir do que havia escrito
	12	Ics	Precisa.		
	13	JS	Precisa alinhar Ics.		
	14		RECORTE		
	15	JS			Começa a escrever novamente 350 + 30
	16	JS			Escreve 350 (cf. segunda tentativa). (Fig. 03 - segunda tentativa) 
	17	Ics	Antes de você começar a escrever o 30 JS paraí. Aqui esse número tem 3 algarismos.		
	18	JS	Sim, 350.		
	19	Ics	No caso do número 30, eu vou começar dá onde?		
	20	JS			Escreve o número 30 (cf. segunda tentativa)
	21	JS	Agora alinha os numerinhos João.		
	22		RECORTE		
	23	JS	Dê-me todos os numerinhos que a senhora quiser somar e depois, o alinhamento, o João vai pessoalmente tratar.		
	24	Ics	Então tá, vamos de novo. O primeiro número que você vai somar é 350.		
	25	JS			Escreve 350
	26	Ics	Mais 30.		
	27	JS	Bom, aí precisa ver. Já que o zero é aqui...		Mostrando o número 0 do 350
	28	JS	Põe o 30.		Escreve o número 30 (cf. quarta tentativa) (Fig. 04 - quarta tentativa) 

	29	JS	30 aqui.		
	30	JS	Depois vamos alinhar D. Ics porque se isso fica uma bagunça que só o rei Davi fazia quando ele fazia essas divisões (trecho ininteligível por superposição de vozes)		
			RECORTE		

Assim como os dados 03/JS e 04/JS, este dado 05/JS é parte da série de sessões individuais em que a investigadora Ics observa as dificuldades que JS tem com as operações matemáticas (PEREIRA, 2006). Deste dado gostaríamos de destacar as seguintes falas:

			RECORTE		
	03	JS	Não é 50 isso aqui seu porcão.		Escreve o número 5 em seguida
	22		RECORTE		
	23	JS	Dê-me todos os numerinhos que a senhora quiser somar e depois, o alinhamento, o João vai pessoalmente tratar.		
			RECORTE		

A essas falas destacadas, podemos aplicar, basicamente, as mesmas considerações que fizemos para as falas presentes nos dados 03/JS e 04/JS, exceto a consideração sobre o ritmo, que fizemos especificamente para uma fala do dado 04/JS.

Destas falas, gostaríamos de ressaltar, então, respectivamente, dois aspectos diferentes, não presentes até aqui.

Um é o fato de que JS, além de “João”, utiliza-se de outras formas para referir-se a si mesmo, como exemplo temos o caso deste dado 05/JS, em que podemos encontrar a forma “*porcão*” (linha 03).

O outro é a maneira como JS passa a incorporar a si mesmo como se fosse um personagem frente ao seu interlocutor, o que acontece quando menciona o “João” para a investigadora Ics: “... *depois, o alinhamento, o João vai pessoalmente tratar*” (linha 23).

O dado que segue, nós o apresentamos apenas para evidenciar que falas como essas não ocorrem somente nas situações que JS realiza cálculos. Vejamos o dado 06/JS, atentando para a cena enunciativa:

[23] Dado 06/JS – Here.

Fonte: Dados coletados em 06/07/2004, por Ics (Pereira, 2006), em sessão individual [mov 05/ 00:00].

Contexto: Ics faz um mapa da sala do CCA e pede a JS que localize, no mapa, a posição em que se encontra na sala. Ics muda JS de lugar na sala e pede novamente que ele localize, no mapa, a posição em que se encontra.

Código de Busca	Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
			(RECORTE)		
	01	Ics	... então agora eu vou fazer a mesma coisa... eu vou te colocar em outro lugar da sala... entregar o mapa numa posição qualquer... e aí você marca de novo a posição...		
	02	JS	... a nova... a nova posição minha no tal mapa		
	03	Ics	é... e isso o tempo todo fazendo essas conferências... entendeu... o que eu tenho do meu lado direito... o que eu tenho do meu lado esquerdo... entendeu?		
	04	JS	sim		
	05	Ics	então:: ... o próximo lado:: here		Ics diz enquanto se posiciona no local da sala para onde JS deveria se dirigir, batendo levemente o pé ao dizer "here"
	06	JS	bom::		JS fica parado, indeciso e olha para a investigadora, que agora mexe na câmera
	07	Ics	pode ir para aquela posição que eu ocupei...		
	08	JS			JS se dirige para o local referido, entre a lousa e a mesa

09	JS	com toda de:: desenvoltura... “here”		JS caminha para o local, para no local determinado e ao dizer “here” bate o pé direito no chão... imitando Ics
10	JS	rsrs		
11	Ics	rsrs		
12	JS	não é... não é português, mas é inglês... “here”... ” //		JS bate o pé novamente ao pronunciar “here”
13	JS	//...por coincidência o holandês também... “here”		JS diz agora olhando para Ics
14	Ics	ah é...		
15		(RECORTE)		
16	JS	então...		
17	Ics	então... tá bom... entreguei numa posição qualquer...		diz após entregar o mapa para JS
18	JS	sim... mas então João agora você vai ter que colocar esse negócio de novo numa posição...		diz olhando para o mapa, conforme foto que segue



	19	JS	... bom se está “here” ...		JS diz olhando para o chão e indicando com a mão
	20	JS	... estou agora olhando... /		JS diz levantando o rosto
	21	JS	... não estou olhando para o espião... o espião está lá ... ti ti foi		JS diz levantando o rosto, olhando para o espião e indicando com a mão
	22	JS	... então:: eu preciso por...		diz pensativo, olhando para o mapa
	23	JS	você quer que eu desenhe eu aqui... nesta posição?		agora olhando para a investigadora
	24	Ics	é:: posiciona primeiro o mapa... que fica mais fácil entendeu...		
			(RECORTE)		

O dado 06/JS, assim como os dados 03/JS, 04/JS e 05/JS, faz parte de uma série de sessões individuais, mas no caso deste dado, a investigadora Ics observa as dificuldades que JS tem com a localização espacial, para tanto Ics faz um mapa da sala do CCA e pede que JS localize no mapa a posição em que se encontra na sala. Observemos como, também nesta cena enunciativa, ocorre uma fala com características semelhantes a das que vimos até agora:

			(RECORTE)		
	18	JS	sim... mas então João agora você vai ter que colocar esse negócio de novo numa posição...		diz olhando para o mapa, conforme foto que segue
	19	JS	... bom se está “here” ...		JS diz olhando para o chão e indicando com a mão
			(RECORTE)		

Notemos que a fala “... mas então João agora você vai ter que colocar esse negócio de novo numa posição...” ocorre quando a investigadora Ics coloca JS em uma nova posição dentro da sala, solicitando que ele a identifique no mapa. Essa situação é, sem dúvida, uma situação de dificuldade para JS, uma situação que requer dele maior concentração (um grau mais alto de atenção). O dado 06/JS é, assim, indício de que essas

falas ocorrem mesmo é nas situações em que JS, em termos figurado, “é encostado na parede”, ou seja, quando JS se encontra em dificuldades, dificuldades essas que podem ser traduzidas por “necessidade de grande concentração e atenção para suprir as dificuldades relacionadas ao que está fazendo”.

Nesse sentido, de uma maneira geral e tendo em vista os dados de JS apresentados neste item, acreditamos que essas falas se configuram como uma espécie “linguagem interior” (LURIA, 1986b), que regularia sua conduta no que diz respeito à atenção, aparecendo de forma produtiva sempre que a situação lhe apresenta certas dificuldades (considerando-se aí a capacidade do quadro afásico desestabilizar, desautomatizar certas atividades) e sempre de maneira a auxiliá-lo a regular e a desdobrar sua atenção sobre aquilo que faz. Nesse caso, notamos um movimento da linguagem em relação à atenção que se manifesta após a reorganização do processo inicial (cf. VYGOTSKI, *apud* LURIA, 1984, p. 229), o que podemos considerar mais um indicativo da mútua contituidade entre linguagem e atenção.

Terminamos esse item acrescentando que - em relação a esse caso em particular, no qual pudemos estudar a relação entre linguagem e atenção em um sujeito com lesão no Bloco II - só nos resta lembrar o que diz o próprio LURIA (1984, p. 27)¹⁹: os processos mentais humanos - que são sistemas funcionais complexos - ocorrem por meio da participação de “*grupos de estruturas cerebrais operando em concerto*”, cada uma das quais com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional.

¹⁹ Ver também LURIA (1991a, p. 92), trecho transcrito na página 22 deste trabalho.

Considerações finais

Começamos este trabalho apresentando algumas definições de atenção, apontando alguns estudos existentes sobre o tema e salientando a carência de trabalhos dedicados ao tema *linguagem e atenção*. Em seguida, após salientar a noção de atenção adotada neste trabalho (conforme LURIA (1984, p. 223; 1991c, p. 1-2), cuja essência também seria o foco, a restrição, a seletividade), apresentamos nossa base teórica, cujo diferencial em relação a outros estudos sobre o tema reside, por exemplo, no sujeito que é considerado social, histórica e culturalmente, na concepção abrangente de linguagem e no estatuto do dado (dado-achado), e, isso se vê na produção do dado e, posteriormente, na análise que dele se faz. Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar que a atenção foi vista neste trabalho não em termos de *déficit*, como o faz RADANOVIC *et al* (2003), mas sim em termos de processos e possibilidades de funcionamento.

O trabalho foi desenvolvido, principalmente, com base em sessões do CCA que compõem o BDN, a partir das quais selecionamos os sujeitos SI, EF e CF. Os sujeitos SV e JS foram selecionados tendo em vista dados com os quais nos deparamos em estudos do Grupo de Pesquisa em Neurolinguística (vinculado ao PI/CNPq). Os sujeitos, vale lembrar, são sujeitos cérebro-lesados por diversas etiologias, em geral relacionadas com o que a literatura luriana indica como ligadas à atenção (Blocos I e III); exceção é o caso de JS cuja lesão está relacionada ao Bloco II. Ao todo trabalhamos com vinte e três dados, alguns já previamente transcritos, foram revistos, outros foram transcritos no decorrer do desenvolvimento deste trabalho; em ambos os casos as transcrições foram feitas conforme normas do BDN. A opção pelo trabalho com o BDN possibilitou-nos a posição de um analista externo frente às intervenções terapêuticas (individuais ou em grupo) junto aos sujeitos. Cabe ressaltar, com base no estudo que desenvolvemos, a importância do BDN para que o dado/cena seja reconstruído: o BDN, em certo sentido, é a *memória* do Grupo II.

O capítulo 3 foi desenvolvido a partir de três conjuntos de dados, cada qual com uma particularidade, cada qual tendo por pressuposto a hipótese da mútua constitutividade e girando em torno de hipóteses/explicações específicas que, acreditamos nós, permite evidenciar um trabalho com a linguagem pela via da atenção.

A partir das discussões que giraram em torno do primeiro conjunto de dados (item **3.1.**) - considerando, principalmente, que os dados de SV contribuem para evidenciar o quanto é possível que a atenção do sujeito, em determinado momento, seja dispensada (em maior grau) sobre um dos eixos - é possível pensarmos que tendo em vista as dificuldades originadas pela lesão, quando o sujeito cérebro-lesado se vê envolto e pressionado a dar conta das relações externas de contigüidade (nascidas discursivamente no diálogo), ele dispense maior atenção (considerando-se maior grau) para o eixo (seletividade ou contigüidade) em que sua dificuldade se manifesta; numa escolha inconsciente - gerada pela necessidade e marcada pela oscilação - que traduz um trabalho epilinguístico do sujeito. Em especial, o caso de SV pode nos conduzir a levantar a hipótese de que também nos sujeitos sem lesão haveria uma oscilação do foco da atenção (em grau) entre os eixos da seletividade e da contigüidade.

Tendo em vista o segundo conjunto de dados (item **3.2.**), para o fato de os sujeitos centrarem sua atenção em diferentes subsistemas de referência quando o foco deveria ser o mesmo para evitar o mal entendido, encontramos duas possíveis explicações. Uma delas seria de ordem pragmática e estaria relacionada à relevância tópica; por ser de ordem pragmática, envolveria escolhas inconscientes (cf. FRANCHI, 1976, p. 54), num trabalho epilinguístico, nos remetendo, pois, a um trabalho natural à linguagem e inerente a todos os sujeitos (cérebro-lesados ou não). A outra estaria relacionada às dificuldades nascidas com as lesões e às especificidades de cada caso, podendo envolver tanto escolhas inconscientes, como no caso de SI, ou conscientes e estratégicas, como no caso de JS. Encontrarmos uma explicação de ordem pragmática (que é natural ao trabalho com a linguagem) entre explicações que se fundamentam nas dificuldades específicas de cada sujeito (fruto de lesões) pode ser um aspecto importante na avaliação e acompanhamento dos sujeitos, uma vez que o reconhecimento e distinção de ambas pode nos impedir de tomar o que é de ordem natural da linguagem como sendo fruto de dificuldades nascidas com a lesão.

No terceiro conjunto de dados (item **3.3.**), em relação à hipótese de que as manifestações de especularidade na fala de CF seriam um recurso alternativo de significação a funcionar como um marcador discursivo próprio dela, lembramos que tal hipótese foi considerada tendo em vista uma forma de atenção própria ao processo de interlocução (mas em cuja essência também haveria o foco, a restrição, a seletividade). Vimos, então, como, por meio das manifestações de especularidade, CF retroalimenta a produção de seu interlocutor, mantendo seus papéis discursivos de falante e ouvinte. Também levantamos indícios que nos levam a inferir o sentido de confirmação presente nas manifestações de especularidade de CF. Consideramos, ainda, a possibilidade de ocorrer a sobreposição entre estes dois fatores (manutenção dos papéis discursivos e indicação de confirmação). Vale notar que consideramos, com base nos dados analisados, que as manifestações de especularidade de CF seriam fruto de uma opção de CF, um recurso que, por ser produtivo, CF escolheu para atuar discursivamente.

Outro aspecto que levantamos a partir do caso de CF, e que gostaríamos de ressaltar, é a perda de foco. No caso de CF vimos que a sua euforia, inerente à especificidade de seu caso, e a ampliação do escopo devido ao uso de redes de associações semânticas podem contribuir como distratores de sua atenção. A perda de foco a partir da ampliação do escopo (dado o uso de rede de associações semânticas), acreditamos nós, seria um distrator natural à linguagem (em grau menor do que se apresenta em CF), podendo ser estudado, também, em casos de sujeitos sem lesão.

O capítulo 4 foi desenvolvido com base em apenas um conjunto de dados que contempla a peculiaridade de JS falar consigo mesmo como se estivesse falando com uma outra pessoa (item **4.1.**). Trabalhamos com a hipótese de ser, essa manifestação de JS, uma espécie de linguagem interior. O fato de essas manifestações ocorrerem, também, de forma predicativa (cf. LURIA, 1986b, p. 112) e parecerem surgir em momentos em que JS se encontra em dificuldades, são alguns dos indícios que nos levaram a acreditar em tal hipótese. Nesse sentido, essas manifestações de JS são uma espécie de linguagem interior que regula a conduta de JS no que diz respeito a atenção, numa espécie de verbalização (e conscientização) de condutas que o auxiliaria a recuperar ações até então automatizadas ou inconscientes. Esse seria um recurso que JS usaria estrategicamente, buscando regular e desdobrar a atenção para melhorar seu desempenho em situações de dificuldades.

O caso de JS é um caso particular frente aos outros que estudamos neste trabalho porque ele é o único que não apresenta lesões correlatas aos Blocos I e III. Com o caso de JS, lembrando a teoria luriana no que diz respeito à interdependência entre os blocos, pudemos observar processos e funcionamento da atenção frente a uma lesão correlata ao bloco II.

Como vimos até aqui, conforme os casos estudados, o trabalho com a linguagem pela via da atenção pode envolver tanto escolhas inconscientes (vale dizer, um trabalho epilingüístico) como conscientes (cf. FRANCHI, 1976, p. 54). Retomando LURIA (1991c), podemos dizer que o trabalho epilingüístico encontra um correlato psicológico no que o autor considera como operações automatizadas (vide página 37-38 deste trabalho). Num mesmo paralelo, as escolhas conscientes encontrariam um correlato psicológico nas operações não automatizadas (cf. LURIA, 1991c), e, em relação a CERTEAU (2002), podemos considerá-las como escolhas táticas ou estratégicas; sempre se considerando um *continuum* e não necessariamente uma dicotomia.

Em outros termos, no capítulo 3, procuramos evidenciar o trabalho com a linguagem pela via da atenção, o que reflete - considerando a hipótese da mútua constitutividade - um movimento “atenção - linguagem”. Em contrapartida, no capítulo 4, podemos perceber um movimento “linguagem - atenção”, que, considerando-se a linguagem, seria mais um indicativo da mútua contitutividade entre *linguagem* e *atenção*.

É importante notarmos que o estudo das inter-relações entre linguagem e atenção, com base na ND, nos possibilitou evidenciar como *estratégias discursivas* algo que poderia ser considerado um *sintoma*. Por exemplo, a repetição pode ser vista – e é o que a afasiologia tradicional faz – como um sintoma afásico. No caso de CF, tratada como um processo de especularidade, a repetição funciona como uma estratégia discursiva, na medida em que serve como um meio de CF se inserir discursivamente na situação de interação. De forma análoga, a conversa que JS mantém consigo poderia ser vista como um sintoma de demência (diagnóstico que acompanhava JS por ocasião de seu encaminhamento ao CCA) e não como uma linguagem interior, que lhe possibilita deslocar maior grau de atenção para a tarefa que tem dificuldade, melhorando assim todo o trabalho cognitivo em questão. A conversa que JS mantém consigo – que nos permite vislumbrar um “eu” e um “tu” encerrados na mesma pessoa - poderia, ainda, ser explorada como uma

interessante forma de dialogismo, o que, por questões de delimitações, não procedemos neste trabalho.

Esperamos, com este trabalho, ter levantado elementos sobre a inter-relação linguagem e atenção que possam contribuir para:

- a) a prática clínica, tendo em vista uma melhor avaliação do sujeito, considerando-se alguns elementos que evidenciamos ser de ordem natural frente a outros que seriam fruto de dificuldades nascidas com a lesão;
- b) a interação familiar e geral, tendo em vista uma melhor compreensão do sujeito cérebrolado, considerando-se a natureza dos mal entendidos aqui estudados;
- c) os estudos em ND, considerando-se ser esse um estudo que trata da inter-relação linguagem e atenção;
- d) os estudos em lingüística, considerando-se, por exemplo, as reflexões que envolvem a noção pragmática de foco.

As relações entre linguagem e atenção aqui apontadas não podem se limitar, acreditamos nós, às fronteiras do “patológico” (cf. nota 2). O estudo com sujeitos cérebrolados pode conduzir a certas especificidades, mas os vários casos aqui trazidos, apesar de se constituírem de forma singular, contribuem para desnudar todo um trabalho com a linguagem e expressar alguns fenômenos da relação linguagem/atenção que podem ser comuns a todos os sujeitos falantes.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. vol. I. 2a ed. Campinas: Pontes, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Conceitos de Afasia: clássico é clássico e vice-versa. Aula apresentada à Banca Examinadora do Concurso de Livre-docência do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002a.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 1986.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Fontes de postulados discursivos no estudo da afasia. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 22, p. 167-171, 1992.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 42. p. 99-129. Campinas, 2002b.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. O que é o dado em neurolingüística? In: CASTRO, Maria Fausta Pereira (Org). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Processos de significação no estudo discursivo da afasia*. 2007b (impresso).
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Relatório de Pesquisa do Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados*. 2007a (impresso).
- COUDRY, Maria Irma Hadler; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Em torno de sujeitos e de olhares*. 2004 (impresso).
- COUDRY, Maria Irma Hadler; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. *Neurolingüística discursiva: pressupostos teórico-clínicos*. Mimeo (2007).
- COUDRY, Maria Irma Hadler; MORATO, Edwiges Maria. Aspectos discursivos da Afasia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 19, p. 127-145, 1990.
- COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sirio. Avaliar discursos patológicos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 5, p. 99-109, 1983.
- DASCAL, Marcelo. Relevância conversacional. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística - Volume IV (Pragmática)*. Campinas: Edição do autor, 1982.
- DE LEMOS, C. T. Interactional Processes in the Child's Construction of Language. In: DEUTSCH, W. (Org.). *The Child's Construction of Language*. Londres: Academic Press, 1981.
- DE LEMOS, C. T. La Specularità come Processo Constitutivo nel Dialogo e nell'Acquisizione del Linguaggio. In: CAMAIONI, L. (Org.). *La Teoria de Jean Piaget*. Firenze: Giunti-Barbera, 1982.

- DIK, Simon C. The theory of functional grammar (Pt. 1. The structure of the clause). Edited by Kees Hengeveld. 2 ed. rev. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997 [1ed 1978].
- DIK, Simon C. The theory of functional grammar (Pt. 2. Complex and derived constructions). Edited by Kees Hengeveld. 2 ed. rev. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997 [1ed 1978].
- ENGEL, Andreas; DEBENER, Stefan; KRANCZIOCH, Cornélia. Coming to Attention. *Scientific American Mind*, August, 2006.
- FERRAZ, Gustavo Cruz. *Consciência e atenção: algumas considerações acerca das abordagens de William James e Aron Gurwitsch*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- FRANCHI, Carlos. Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1976.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. Caderno de Estudos Lingüísticos 22, p. 9-39, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (2003).
- GINZBURG, Carlo (1986) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo Mitos, Emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras. (p. 143-180).
- GRICE, H. Paul. Pragmática. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística* - Volume IV (Pragmática). Campinas: Edição do autor, 1982.
- HAO, Jing et al. Visual attention deficits in Alzheimer's disease: an fMRI study. *Neuroscience Letters* 385, p. 18-23, 2005.
- HARDCASTLE, Valerie Gray. Attention versus consciousness. In: OSAKA, Naoyuki (Org.). *Neural Basis of Consciousness*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p.113-129.
- ILARI, Rodolfo. Linguagem – atividade constitutiva (Idéias e leituras de um aprendiz). *Revista Letras* 61, n.esp. p. 45-76, 2003.
- JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema lingüísticos. In: LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne. (Org). *Novas perspectivas Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JAMES, William. *Principles of Psychology*. 1890. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles/index.htm>. Acesso em: 18 de março 2007.
- KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSELL, Thomas M. (Eds). *Fundamentos da Neurociência e do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype*. Catégories et sens lexical. Paris: Presses Univ. de France, 1990.
- LENT, Roberto. *Cem bilhões de Neurônios*. Conceitos Fundamentais de Neurociência. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.
- LIER-DE-VITTO, M. F. Patologias da linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, N. V. A. (Org). *Corporeolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- LIMA, Ricardo Franco. Compreendendo os mecanismos atencionais. *Ciências & Cognição* 06, p. 113-122, 2005.

- LURIA, Aleksandr Romanovich. A linguagem interior e a organização cerebral da função reguladora da linguagem. *In: Pensamento e linguagem*. Trad. de Diana Myriam Lichtenstein; Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986b. p. 108-119.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. Curso de psicologia geral. Volumes I. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991a.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. Curso de psicologia geral. Volumes II. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991b.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. Curso de psicologia geral. Volumes III. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991c.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. Curso de psicologia geral. Volumes IV. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991d.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. *Fundamentos de neuropsicologia*. Trad. Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros técnicos e científicos/Ed. USP, 1984.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. O desenvolvimento da escrita na criança. *In: VIGOTSKI, Lev Semyonovich et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. O papel da linguagem nos processos psíquicos. Função reguladora da linguagem e seu desenvolvimento. *In: Pensamento e linguagem*. Trad. de Diana Myriam Lichtenstein; Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986a. p. 92-107.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. The functional organization of the brain. *Scientific American* 222, n. 3, p. 66-78, 1970.
- MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. Linguagem, afasia e (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2000.
- PERA, Domenica Le et al. Attentional training in elderly subjects affects voluntarily oriented, but not automatic attention: A neurophysiological study. *Neuroscience Research* 52, p. 379-386, p. 2005.
- PEREIRA, Carla Queiroz. Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2006.
- POSNER, Michael I. (Org.). *Cognitive neuroscience of attention*. New York/London: The Guilford Press, 2004.
- POSNER, Michael I. The attention system of the human brain. *Annu. Rev. Neurosci.* 13, p. 25-42, 1990.
- POSNER, Michael I.; BOIES, S. J. Components of attention. *Psychol Rev.* 78, p. 391-408, 1971.
- POSSENTI, Sírio. Língua: sistema de sistemas. *In: ALBANO, Eleonora; COUDRY, Maria Irma Hardler; POSSENTI, Sírio; ALKIMIN, Tânia (Orgs.). Saudades da Língua. A Lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp*. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2003.
- RADANOVIC, Marcia; AZAMBUJA, Mariana; MANSUR, Letícia Lessa; PORTO, Claudia Sellitto; SCAFF, Milberto. Thalamus and language. Interface with attention, memory and executive functions. *Arq. Neuropsiquiatria* 61, n. 1, p. 34-62, 2003.
- RISSE, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de O. Silva; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. *In: KOCH, Ingedore G. V. (Org.). Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1996.

- ROSCH, Eleanor. Principles of Categorization. *In*: ROSCH, Eleanor; LLYOD, B.B. (Eds.). *Cognition and Categorization*. New York: Academic Press, 1978.
- SCISCI, Lúcia Aparecida de Campos. Estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não-verbais de sujeitos afásicos. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2004.
- STERR, Annette M. Attention performance in young adults with learning disabilities. *Learning and Individual Differences* 14, p. 125-133, 2004.
- URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Falado VII: Novos estudos*. 2 ed. Campinas/São Paulo: Unicamp/USP/Fapesp, 1999.
- VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXO 01.

BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)	
NOME	*** - ***
SIGLA DO PACIENTE	SI (Arquivos de 1998; 1999)
TESES RELACIONADAS	MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. Linguagem, afasia e (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2000. NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A contribuição do estudo discursivo pra uma análise crítica das categorias clínicas. Tese de Doutorado. Unicamp. 1999. SANTANA, Ana Paula de Oliveira. O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 1999.
Naturalidade	Interior de SP; descendente de japoneses da primeira geração (nissei).
Endereço	Campinas-SP.
Estado civil	Casada (mãe de quatro filhos).
Idade	59 anos.
Sexo	Feminino
Preferência manual	
Escolaridade	Primeiro ciclo do ensino fundamental (antiga quarta série do primeiro grau).
Profissão	
Atividades ocupacionais atuais	Trabalhou na roça durante quase toda a vida; atualmente ajuda os filhos a cuidar de uma relojoaria em Vinhedo (cidade próxima à Campinas).
Etiologia da lesão (laudo do exame)	A tomografia computadorizada de crânio mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo.
Acompanhamento	SI freqüenta o CCA desde 1990.
História pregressa da queixa	Em 1988, SI sofreu um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCh), apresentando como sintomas clínicos cefaléia, confusão mental e afasia. O exame neurológico inicial, realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp, revelou um discreto déficit à direita, da motricidade voluntária de predomínio branquial, além de discreta lentificação na motricidade fina à direita. Em relação ao tônus muscular, nenhuma alteração foi identificada.

	<p>Apresentava alteração de marcha com discreta paresia à direita. Os exames de sensibilidade (superficial-táctil, dolorosa, térmica) e profunda (postural, vibratória, à pressão, dolorosa à compressão profunda), estereognosia e discriminação táctil não revelaram alterações significativas àquela ocasião. SI teve o diagnóstico de síndrome piramidal à direita e afasia semântica, ambos secundários ao AVC. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 20/08/1992, mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo. Na avaliação neuropsicológica inicial realizada no Hospital de Clínicas da Unicamp, SI apresentou discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. A avaliação fisioterapêutica, realizada em 29/06/1998, revelou um quadro de hemiparesia leve à direita, com alterações visíveis da sensibilidade profunda ou proprioceptiva (cinestesia e artrestesia), alterações na percepção visuo-cinestésica além de alterações no esquema corporal e na integração entre os dois hemicorpos. Devido a esses aspectos, SI apresenta dificuldades na realização dos movimentos que dão a impressão de movimentos estereotipados.</p>
Aspectos lingüísticos-cognitivos	<p>SI relata que seus pais falavam japonês, mas os irmãos falavam português. Seu marido, também japonês, fala português. Sua língua materna foi o japonês, pela convivência com os pais, mas a partir dos seis anos, quando passou a freqüentar a escola no sítio em que vivia, o português tornou-se a língua usual. Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita e que, após o AVC, não tem mais essa capacidade.</p> <p>Ao lado de dificuldades para compreender o que lhe era dito e leitura assemântica, sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade para encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, e discalculia.</p>
Observações	

	BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)
NOME	*** - ***
SIGLA DO PACIENTE	EF (Arquivos de 1998; 1999)
TESES RELACIONADAS	MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. Linguagem, afasia e (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2000. NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A contribuição do estudo discursivo pra uma análise crítica das categorias clínicas. Tese de Doutorado. Unicamp. 1999.
Naturalidade	Uauá - Bahia.
Endereço	Residente em Piracicaba-SP.
Estado civil	Casado (03 filhos).
Idade	67 anos.
Sexo	masculino
Preferência manual	
Escolaridade	Graduado em Direito.
Profissão	
Atividades ocupacionais atuais	massagista (atual).
Etiologia da lesão (laudo do exame)	Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi), em território da artéria cerebral média esquerda, com comprometimento da cápsula interna na região diencefálica profunda (tálamo).
Acompanhamento	
História pregressa da queixa	EF era hipertenso e, em 21/12/1988, apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da Unicamp. Instalou-se, em EF, um quadro de hemiplegia direita com maior predominância em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi), em território da artéria cerebral média esquerda, com comprometimento da cápsula interna na região diencefálica profunda (tálamo). Nessa época, EF passava por grandes dificuldades profissionais e vivia um período particularmente tenso de sua vida, trabalhando em São Paulo. A avaliação fisioterapêutica de EF, realizada em 14/05/1998, revelou um quadro de hemiparesia leve à direita, com predominância no membro superior. EF apresenta boa deambulação com sensível colocação do peso mais acentuada no lado não lesado (esquerdo). EF é capaz de realizar todos os movimentos com boa amplitude e destreza satisfatória, o que o torna independente nas habilidades e funções cotidianas.
Aspectos lingüísticos-cognitivos	A avaliação fonoaudiológica inicial, no Hospital de Clínicas da Unicamp registrou importante déficit afásico; um déficit especialmente expressivo que afetou a representação oral e

	<p>escrita da linguagem de EF. Sua produção oral, sobretudo quando toma a iniciativa da interlocução, se caracteriza por expressões sistematicamente produzidas, como “não, não”, “ou, ou”, utilizadas com contornos prosódicos particulares e em diversas situações discursivas. Foram identificados, também, problemas práticos envolvendo os níveis lingual, labial e subglótico, que impedem EF de executar movimentos voluntários envolvendo esses articuladores. O diagnóstico inicial foi Afasia de Broca predominantemente eferente. A produção oral de EF se caracteriza por um agenciamento de palavras, especificamente nomes, o que na literatura é chamado de estilo telegráfico. A articulação da fala é bastante problemática, gerando seqüências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa (Freitas, 1997). Além disso, na maioria das vezes, EF necessita do prompting oral para produzir os itens que deseja, já que apresenta a dificuldade em iniciar a produção oral característica dos afásicos de Broca. Embora EF recorra freqüentemente à escrita, muito pelo uso e valor que adquiriu por ter exercido advocacia, para se fazer entender pelo outro (especialmente nos trabalhos com o grupo do CCA), o prompting escrito não funciona como pista para a articulação das palavras. Essa falta de iniciativa verbal não caracteriza, de modo algum, um estado de apatia ou de falta de engajamento nas propostas a ele apresentadas, apenas evidencia o caráter desautomatizado de sua fala.</p>
Observações	

BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)	
NOME	*** - ***
SIGLA DO PACIENTE	CF (1998; 1999)
TESES RELACIONADAS	MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. Linguagem, afasia e (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2000. FEDOSSE, Elenir. Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2000. NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A contribuição do estudo discursivo pra uma análise crítica das categorias clínicas. Tese de Doutorado. Unicamp. 1999.
Naturalidade	Bandeirantes - PR.
Endereço	Residente em Piracicaba-SP.
Estado civil	Solteira.
Idade	40 anos.
Sexo	feminino
Preferência manual	Dextra.
Escolaridade	Graduada em Terapia Ocupacional.
Profissão	
Atividades ocupacionais atuais	(exercia sua profissão em um centro de atendimento especializado em deficiência mental por ocasião do episódio).
Etiologia da lesão (laudo do exame)	Ruptura de um aneurisma (AVCh) na base da artéria cerebral média esquerda (a tomografia, realizada após a intervenção cirúrgica, revelou o comprometimento de áreas corticais e subcorticais das regiões frontal, temporal e parietal, acometendo, pois, estruturas e circuitos neurais envolvidos com a linguagem).
Acompanhamento	Iniciou tratamento fisioterápico e terapêutico ocupacional ainda quando hospitalizada e os acompanhamentos fonoaudiológico e pedagógico (aulas particulares para reaprender a ler e escrever) foram iniciados assim que recebeu alta hospitalar.
História pregressa da queixa	Em 1985, apresentando quadro de cefaléia intensa, sofreu súbita perda de consciência por ruptura de aneurisma e submeteu-se à intervenção cirúrgica. Segundo sua mãe, CF sempre se mostrou motivada com os acompanhamentos terapêuticos, apesar de não ter se adaptado à metodologia de trabalho da primeira fonoaudióloga, irritando-se especialmente com os exercícios de órgãos fonoarticulatórios apresentados descontextualizadamente. Pode-se dizer que os primeiros cinco anos de acompanhamento terapêutico de CF privilegiaram a realização de atividades metapráticas e metalingüísticas, realizando, por um lado, exercícios para equilibrar tônus e favorecer a mobilidade

	<p>articulatória e por outro, atividades como completar frases (flexionando verbos, gêneros, graus, etc...), escrever e ler frases de cartilha, repetir seqüências de sons, palavras, etc..., o que em nada contribuiu para sua recuperação. Em novembro de 1990, CF passou a ser acompanhada clinicamente em neuropsicologia, neurolingüística e fonoaudiologia da UNNE (Unidade de Neurologia e Neurolingüística da Unicamp) e, em março de 1991, passou a participar das sessões do CCA. Nessa ocasião, CF teve como diagnóstico: Afasia de Broca do tipo eferente.</p>
Aspectos lingüísticos-cognitivos	<p>A característica mais marcante da linguagem de CF se refere à dificuldade com a iniciativa verbal (oral e escrita). Suas tentativas para iniciar a expressão oral, geralmente, resultam na produção da estereotípia -- “e’saw” (/e’saw/). Essa produção fonoarticulatória varia em extensão, intensidade, ritmo, velocidade e tom, de acordo com o seu intuito discursivo (Bakhtin, 1995). Pode-se dizer que os aspectos entonacionais da linguagem de CF se encontram preservados e atuam como importantes elementos estruturadores de sentido, ao lado de outros como os automatismos lingüísticos: “eu preciso falar”, “faz cinco anos, oh”, “Senhor Jesus...”, “puta que pariu”, que ocorrem nos contextos em que CF comenta sobre suas outras dificuldades enunciativas e /ou quando se refere à lesão cerebral.</p> <p>CF apresenta, também, dificuldades para realizar gestos buco-faciais sob comando oral do examinador, da mesma forma que apresenta dificuldades para iniciar a expressão verbal. A avaliação de (a)praxia buco-facial, realizada na Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE), em 1990, revelou que CF realiza a maioria dos movimentos e gestos buco-faciais a partir do prompting gestual. As dificuldades práxicas de CF se mostraram especialmente relacionadas aos articuladores lingual e labial (CF não realiza, dentre outros movimentos, a vibração desses órgãos). Nessa avaliação constatou-se, ainda, leve alteração da sensibilidade facial à direita. (Em agosto de 1994, CF passou a ser acompanhada por Fedossi. A avaliação fonoaudiológica revelou, além das dificuldades lingüísticas e práxicas acima referidas, grande tensão da musculatura cervical e facial, com a presença de nódulos na bochecha direita, aderência dos músculos frontais (musculatura da testa) e disfunção da articulação têmporo-mandibular (deslocamento cêndilo-mandibular), constatada quando CF abriu amplamente a boca. Constatou-se, também, a tendência de mastigação unilateral à esquerda, por ausência de dentes posteriores (direita), mordida aberta anterior e deglutição atípica, revelada por pressão perioral, contração do mento e leve projeção da cabeça. Quanto à respiração, CF apresenta-a encurtada e com predomínio costal.)</p>
Observações	

	BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)
NOME	*** - ***
SIGLA DO PACIENTE	SV (sessões recentes)
TESES RELACIONADAS	(Anamnese feita por Elaine Oliveira) (OLIVEIRA, Elaine Cristina. Relação entre elementos verbais e não-verbais num caso de processo expansivo. Qualificação de área, 2006, mimeo).
Naturalidade	Pouso Alegre-MG
Endereço	Residente na região de Campinas
Estado civil	Separado
Idade	47 (nascimento: 04/05/59)
Sexo	masculino
Preferência manual	
Escolaridade	Engenheiro Elétrico
Profissão	
Atividades ocupacionais atuais	Atualmente afastado de suas atividades e recebe uma pequena aposentadoria pelo INPS.
Etiologia da lesão (laudo do exame)	O paciente realizou um procedimento cirúrgico dia 14/02/2003, para retirada de uma lesão tumoral infiltrativa. Lesão tumoral infiltrativa, localizada no lobo temporal, uncus, hipocampo, giro parahipocampal.
Acompanhamento	Freqüente o CCA desde
História pregressa da queixa	Os primeiros sintomas da doença surgiram há vinte anos, quando o paciente cursava engenharia elétrica. Após dez anos de tratamento para epilepsia, os médicos diagnosticaram uma lesão tumoral. decidiu fazer a cirurgia. Atualmente o paciente ingere Tegretol (200mg)/6 comprimidos por dia, e, Urbanil (20mg)/1 comprimido à noite.
Aspectos lingüísticos-cognitivos	Língua materna: português. Fala inglês com fluência mesmo após a cirurgia. Hábitos de leitura e escrita: Antes da cirurgia o paciente tinha o hábito de ler jornais, revistas e trabalhava na internet constantemente. Em função do cargo que exercia trabalhava com o microcomputador diariamente escrevendo relatórios. Atualmente refere muita dificuldade para ler e principalmente para escrever. O paciente refere que tem dúvidas sobre qual letra deve usar e às vezes consegue lembrar-se e escrever alguma coisa. A única coisa que consegue escrever sem muita dificuldade é o seu nome.
Observações	

	BANCO DE DADOS EM NEUROLINGÜÍSTICA (BDN)
NOME	*** - ***
SIGLA DO PACIENTE	JS (sessões recentes)
TESES RELACIONADAS	Queiroz Pereira, Carla. Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem neurolingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 2006.
Naturalidade	Holanda (Amsterdã)
Endereço	No Brasil desde os 23 anos. Reside na região de Campinas
Estado civil	Casado, com uma brasileira e tem três filhos.
Idade	
Sexo	masculino
Preferência manual	destro
Escolaridade	Técnico em química
Profissão	Atuava em renomadas empresas multinacionais, sendo sua última função diretor de produção (na área de tintas).
Atividades ocupacionais atuais	Aposentado aos 60 anos.
Etiologia da lesão (laudo do exame)	No exame de tomografia computadorizada do crânio, realizado em 17/09/99 (terceiro AVC), consta: “áreas de infartos antigos têmporo-parietal à direita e centro semi-oval e parietal alto à esquerda”. No último exame realizado em 10/02/2005, uma ângio-ressonância magnética do crânio, constam os seguintes achados: “não há sinais de aneurisma ou má-formações artério-venosas em projeção das artérias que compõem o polígono de Willis. Nota-se obstrução das artérias carótidas internas, sendo que o suprimento sangüíneo cerebral está sendo proveniente das vias colaterais comunicantes das artérias carótidas externas e pelo sistema vértebro-basilar. Áreas com hipossinal (encefalomalácia) e hipersinal (gliose) observadas na seqüência de Flair, localizadas em ambos os lobos occipitais. Notam-se ainda áreas focais com hipersinal na substância branca periventricular – seqüela de insultos vasculares”.
Acompanhamento	Freqüente o CCA desde 2003.
História pregressa da queixa	A lesão que JS apresenta é decorrente de três AVCs. Segundo informações do neurologista, JS foi submetido a endarterectomia das carótidas (obstrução total à direita e 70% da esquerda) em 1998 (ocasião do primeiro AVC), apresentando, após tal procedimento cirúrgico, déficit motor direito e nenhum distúrbio de linguagem. Em 1999 sofreu mais dois AVCs. Em 2000, JS sofreu, também, um infarto do miocárdio.
Aspectos lingüísticos-	Mesmo após os três AVCs, JS continua falando sua língua materna (o holandês) e o português fluentemente, e, ainda,

cognitivos	inglês e alemão não fluentemente; lendo português, holandês, inglês e francês, e, escrevendo português e holandês. Após os AVCs a escrita no computador tornou-se para ele mais fácil do que a escrita no papel. Tendo em vista avaliação e dados de JS, no CCA, considera-se que JS apresenta uma apraxia visuo-espacial e construtiva.
Observações	